



**UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA**  
**FACULDADE DE TEOLOGIA**

**MESTRADO EM CIÊNCIAS RELIGIOSAS**  
**Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica**

**CLÁUDIO MIGUEL NEVES DA NOVA FERNANDES**

**Da intemporalidade do “*Era uma vez*”, uma  
visão cinematográfica das Princesas da Disney, à  
atualidade dos documentos do Magistério da  
Igreja sobre a Família.**

**Contributos para a disciplina de EMRC na UL3  
“A Família Comunidade de Amor”**

Relatório Final da Prática de Ensino Supervisionada  
sob orientação de:  
Prof.<sup>a</sup> Doutora Maria Isabel Pereira Varanda

**Braga**  
**2020**

*Deus fala como o pai com a criança.*

*Quando o pai quer falar com a criança, fá-lo a pequena a voz e  
ao mesmo tempo, tenta torná-la mais parecida com a da criança.*

***Papa Francisco***

*Para a minha Família sobretudo para a minha filha Matilde pela minha ausência justificada  
e para a minha querida esposa, Sandra, por todo apoio incondicional,  
sem o qual não teria conseguido.*

## AGRADECIMENTOS

À minha Família que me apoiou incondicionalmente, compreendendo os maus momentos e incentivando este percurso. Principalmente à Sandra, minha esposa, a quem devo muito na vida por toda a sua paciência, quando nem eu me aturava, ao estímulo naqueles momentos difíceis e compreensão pelos momentos de ausência. À Matilde, minha filha, que muito me ajudou “*Pai, não podemos desistir*” ao ser companheira nas longas horas que assistimos aos filmes das Princesas da Disney, mesmo quando não era aquela a Princesa que ela mais queria ver. Embora sem percepção, a Matilde foi quem acompanhou mais de perto este processo, sofrendo com o meu nervosismo, aguentando horas de trabalho e partilhando o sucesso alcançado.

À minha mãe que sempre me apoiou mesmo quando estava bastante debilitada.

Aos meus sogros, por serem os leitores mais assíduos, além do apoio e da força.

Ao Professor Doutor Gastão Veloso, orientador e amigo, um muito obrigado pela sabedoria, ensinamentos, apoio, dedicação e ajuda.

À Professora Doutora Isabel Varanda pela coordenação do mestrado, pelo apoio e pela disponibilidade demonstrada sempre que foi solicitado.

Aos meus colegas do núcleo de estágio, Orlando, Carla e Rosa pelo apoio, companheirismo, compreensão, tolerância nos vários e-mails trocados, pelos esclarecimentos dados, pela força, ajuda e motivação, principalmente nos momentos de maior cansaço.

Aos meus colegas de curso do Porto, Paulo, Ana e Patrícia que me acolheram e ajudaram no tão difícil início de curso.

Ao SNEC e ao Professor Doutor Fernando Moita que acreditaram em mim e me ajudaram em momentos bem difíceis.

À diocese de Braga e à Professora Doutora Dulce Couto por todo o apoio.

Um obrigado sincero e sentido a todos que, de alguma forma se cruzaram comigo em alguma das fases deste processo.

## RESUMO

A Família, o tema “Família” é por si só um tema difícil de se tratar nos dias que correm, não apenas para os adultos, mas sobretudo para as crianças e jovens. É extremamente complicado trabalhar este assunto quando temos tantas realidades familiares diferentes à nossa volta. Precisamos constantemente de ponderar muito bem as palavras que utilizamos, pois podemos fazer os discentes recordarem experiências menos positivas no que toca ao ambiente familiar ou à falta do mesmo.

A escolha do tema “Família Comunidade de Amor” na Prática de Ensino Supervisionada, surgiu, para mim, como um desafio. Desafio porquê? Porque ao longo deste percurso, enquanto filho, pai, neto e professor de EMRC, tenho constatado uma mudança na realidade das vivências familiares, na forma como estas são vistas, sentidas e tratadas na sociedade.

Deste modo pensamos em analisar o tema da “Família Comunidade de Amor”, partindo dos filmes/contos das histórias das Princesas da Disney que todos conhecemos e que ainda hoje fazem sonhar pequenos e graúdos. Perceber se podemos aprender com a realidade familiar das Princesas da Disney, bem como estas são apresentadas, se são diferentes da realidade atual ou se, de alguma forma, seguem o mesmo pensamento da Família cristã veiculado nos documentos do Magistério da Igreja, as Exortações Apostólicas “*Familiaris Consortio*” e “*Amoris Laetitia*”

Seguiremos neste trabalho a ordem cronológica da realização dos filmes das Princesas da Disney. Como poderá um livro/filme ajudar alguém? A realidade familiar destas Princesas é muito diferente das famílias cristãs? Para que servem estas histórias clássicas? Na verdade, a realidade mistura-se com a ficção e há uma razão para todos conhecermos estas histórias baseadas em contos, adaptadas posteriormente em desenhos animados. Estes contos são uma forma de, por vezes, lidarmos com o nosso mundo, ainda que nem sempre este faça sentido!

**Palavras-chave:** Família, Princesas Disney, Cinema de animação, EMRC, Magistério da Igreja, Bíblia, Comunidade de amor, Evangelização.

## ABSTRACT

The Family, the theme "Family" is in itself a difficult topic to deal with these days, not only for adults, but especially for children and young people. It is extremely complicated to work on this issue when we have so many different family realities around us. We constantly need to think very carefully about the words we use, because we can make the students remember less positive experiences with regard to the family environment or the lack of family members.

The choice of the theme "Family Community of Love" in the practice of supervised teaching, emerged for me as a challenge. Why a challenge? Because throughout this journey, as a son, father, grandson and EMRC teacher, I have seen a change in the reality of family experiences, in the way they are seen, felt and treated in society.

In this way, we thought of analysing the theme of the "Family Community of Love", starting from the films/fairy tales of the Disney Princesses that we all know and that still today make us dream small and big. To understand if we can learn from the family reality of the Disney Princesses, as well as how they are presented, if they are different from the current reality or if, in some way, they follow the same thought of the Christian Family conveyed in the documents of the Magisterium of the Church, the Apostolic Exhortations "*Familiaris Consortio*" and "*Amoris Laetitia*".

In this work we will follow the chronological order of the making of the films of the Princesses of Disney. How can a book/film help someone? Is the family reality of these Princesses very different from the Christian families? What are these classic stories for? In fact, reality mixes with fiction and there is a reason for all of us to know these fairy tales based on tales, adapted later into cartoons. These tales are a way to sometimes deal with our world, a world that doesn't always make sense!

**Keywords:** Family, Disney Princesses, Cartoons, EMRC, Church Magisterium, Bible, Community of Love, Evangelization.

## ÍNDICE

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	1
<b>CAPÍTULO I – A FAMÍLIA, HISTÓRIA E REPRESENTAÇÕES</b> .....	5
<b>1. Definições de Família</b> .....	6
<b>2. O projeto de Deus para a Família</b> .....	10
<b>3. A influência das sociedades ao longo da história nas famílias</b> .....	14
3.1. <i>A Realidade social a que a Família se tem adaptado</i> .....	14
3.2. <i>O papel do homem e da mulher na Família</i> .....	20
3.3. <i>Evolução da forma de viver o matrimónio na sociedade atual</i> .....	22
3.3.1. <i>Origem do matrimónio</i> .....	22
3.3.2. <i>A realidade do matrimónio para as sociedades atuais</i> .....	23
3.4. <i>Valor e missão da Família</i> .....	27
3.4.1. <i>Educação</i> .....	28
3.4.2. <i>Tipologias da Família</i> .....	31
<b>4. Documentos do Magistério da Igreja sobre a Família</b> .....	34
4.1. <i>Exortação Apostólica Familiaris Consortio</i> .....	34
4.2. <i>Exortação Apostólica Amoris Laetitia</i> .....	35
<b>5. Síntese</b> .....	36
<b>CAPÍTULO II – A REALIDADE FAMILIAR NOS FILMES DAS PRINCESAS DA DISNEY</b> ...	38
<b>1. Sinopse das histórias das Princesas da Disney</b> .....	40
1.1. <i>Branca de Neve</i> .....	40
1.2. <i>Cinderela</i> .....	41
1.3. <i>A Bela Adormecida</i> .....	41
1.4. <i>Ariel, A Pequena Sereia</i> .....	42
1.5. <i>A Bela e o Monstro</i> .....	42
1.6. <i>Aladino</i> .....	42
1.7. <i>Pocahontas</i> .....	43
1.8. <i>Mulan</i> .....	43
1.9. <i>A Princesa e o Sapo</i> .....	44
1.10. <i>Entrelaçados (Rapunzel)</i> .....	44
1.11. <i>Brave - Indomável</i> .....	45
1.12. <i>A Princesa Sofia Era uma Vez</i> .....	45

1.13. <i>Frozen - O reino do gelo</i> .....	45
1.14. <i>Vaiana, um mar de aventuras</i> .....	46
1.15. <i>Elena e o segredo de Avalor</i> .....	46
<b>2. As realidades familiares das Princesas da Disney</b> .....	47
2.1. <i>Branca de Neve</i> .....	47
2.2. <i>Cinderela</i> .....	48
2.3. <i>A Bela Adormecida</i> .....	49
2.4. <i>Ariel, a Pequena Sereia</i> .....	49
2.5. <i>A Bela e o Monstro</i> .....	50
2.6. <i>Aladino</i> .....	51
2.7. <i>Pochaontas</i> .....	51
2.8. <i>Mulan</i> .....	52
2.9. <i>A Princesa e o Sapo</i> .....	53
2.10. <i>Entrelaçados (Rapunzel)</i> .....	54
2.11. <i>Brave - Indomável</i> .....	54
2.12. <i>A Princesa Sofia Era uma vez</i> .....	55
2.13. <i>Frozen - O Reino do Gelo</i> .....	56
2.14. <i>Vaiana - Um Mar de Aventuras</i> .....	56
2.15. <i>Elena e o Segredo de Avalor</i> .....	57
<b>3. Principais realidades familiares das Princesas da Disney</b> .....	58
<b>4. Pequenas curiosidades encontradas nos filmes</b> .....	60
<b>5. Aproximação da vida familiar das Princesas da Disney à realidade social</b> .....	62
<b>6. Aproximação da vida familiar das Princesas aos documentos do Magistério da Igreja</b> .....	63
<b>7. Síntese</b> .....	67
<b>CAPÍTULO III – OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO NA EDUCAÇÃO E EVANGELIZAÇÃO</b> ..	71
<b>1. Meios de comunicação</b> .....	71
1.1. <i>A televisão</i> .....	72
1.2. <i>O cinema</i> .....	73
1.3. <i>O cinema e a televisão como meios de reprodução da realidade social</i> .....	77
1.4. <i>O cinema e a televisão na educação</i> .....	78
<b>2. A literacia</b> .....	80
2.1. <i>Literacia mediática</i> .....	81

2.2. <i>Literacia religiosa católica</i> .....	82
<b>3. A Evangelização</b> .....	84
3.1. <i>A evangelização a partir dos meios de comunicação</i> .....	85
3.2. <i>A utilização de personagens e relatos bíblicos no cinema</i> .....	92
<b>4. Síntese</b> .....	95
<b>CAPÍTULO IV – CONTEXTUALIZAÇÃO, PLANIFICAÇÃO DA UNIDADE LETIVA</b> .....	96
<b>1. Tema de lecionação da Prática de Ensino Supervisionada</b> .....	96
<b>2. Contextos de lecionação</b> .....	97
2.1. <i>Apresentação da Escola</i> .....	97
2.2. <i>Caraterização da Turma</i> .....	98
2.3. <i>Planificação da Unidade Letiva</i> .....	99
2.3.1. <i>Aula 1- Apresentação dos alunos e início da Unidade letiva</i> .....	101
2.3.2. <i>Aula 2 - Definição de Família, a origem da palavra Família.</i> .....	103
2.3.3. <i>Aula 3 - Tipologias familiares. O valor e missão da Família.</i> .....	105
2.3.4. <i>Aula 4 - O projeto de Deus para a Família.</i> .....	107
2.3.5. <i>Aula 5 - O lugar e a importância dos mais velhos nas famílias.</i> .....	109
2.4.6. <i>Aula 6 - A importância dos avós e avaliação da unidade letiva.</i> .....	111
<b>3. Autoavaliação da Prática de Ensino Supervisionada</b> .....	113
<b>CONCLUSÃO</b> .....	118
<b>BIBLIOGRAFIA</b> .....	122
<b>ANEXOS</b> .....	131

## **SIGLAS E ACRÓNIMOS**

**AL** – Exortação Apostólica *Amoris Laetitia*

**FC** – Exortação Apostólica *Familiaris Consortio*

**UCP** – Universidade Católica Portuguesa

**FT** – Faculdade de Teologia

**MI** – Magistério da Igreja

**CEP** – Conferência Episcopal portuguesa

**EMRC** – Educação Moral e Religiosa Católica

**EV** – Encíclica *Evangelium Vitae*

**GS** – Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*

**PES** – Prática de Ensino Supervisionada

**Cf.** – Conferir, confirmar

***Ibidem*** – No mesmo lugar, na mesma obra

## INTRODUÇÃO

O trabalho desenvolvido no âmbito da Prática de Ensino Supervisionada pretende analisar o tema “A Família Comunidade de Amor”, partindo dos filmes das Princesas da Disney que, ainda hoje, fazem sonhar pequenos e graúdos. Pretende-se analisar as realidades familiares das Princesas da Disney num ponto de vista de evolução, descortinar a forma como estas são apresentadas e se vão ao encontro das realidades familiares da sociedade contemporânea, bem como e, sobretudo, se vão ao encontro da visão cristã de Família e dos documentos do Magistério da Igreja sobre a Família.

Aquilo que propomos estudar e analisar poderá também não ser consensual, inclusive alvo de discórdia. Contudo, pretendemos construir um olhar atento sobre a fragilidade da Família atualmente, ao nível de laços e sentimentos. Englobando também as tipologias familiares e os graus de parentesco que compõem a Família.

O porquê das Princesas da Disney? Simplesmente porque a minha filha Matilde adora as Princesas da Disney e pede constantemente para lhe contar histórias ao adormecer. Durante alguns contos, questionando sobre a ausência de membros da família dessa Princesa. Assim, fez-nos pensar que a vida familiar das Princesas poderá não ser a realidade bonita e colorida como, logo à partida, poderíamos pensar. Se nas produções cinematográficas as poderiam representar como perfeitas, porque não o fizeram? Não será o reconhecimento de que as famílias não são perfeitas, que todas elas passam por dificuldades, momentos de superação e reforço de laços entre os membros?

A escolha das Princesas da Disney não pretende ser nenhum tipo de discriminação de género, apenas uma forma de balizar o nosso estudo e conseguir um ponto de referência. Se não fosse assim, teríamos um estudo muito mais complexo, moroso e de mais difícil tratamento com realidades de filmes que nos falam de animais e robots fugindo ao tema do nosso estudo que procura refletir sobre as realidades humanas. Este foi o critério adotado e quem sabe, futuramente, não possamos aprofundar o mesmo através de um estudo mais exaustivo e/ou comparativo sobre estas realidades.

Pesa embora, os Príncipes não sejam o aspeto principal do estudo, estes não deixam de ser relevantes, pois, muitas histórias, têm no Príncipe uma das personagens principais. As Princesas são o nosso ponto de análise, mas apenas numa lógica de estudo. As Princesas são inclusivamente assim denominadas numa marca registada da Disney.

Aquando do início deste estudo, foram definidos quais os objetivos e questões a serem analisados nesta investigação, para tal, realizou-se uma extensa revisão bibliográfica que assentou na observação dos filmes da Disney. Para que a observação fosse pertinente e construtiva, foram realizadas grelhas de observação onde consta o nome do filme, o ano de realização, as personagens, nomes, graus de parentesco, tipos de famílias descritas, laços ou sentimentos descritos e se é possível encontrar diferenças/semelhanças na constituição da família.

Foi feito um estudo comparativo entre as várias famílias das Princesas da Disney e os documentos do Magistério da Igreja sobre a Família e tudo o que ela representa.

A escolha dos filmes das Princesas da Disney e das suas famílias prende-se na aproximação de uma realidade social, a saber a Família que é de alguma forma de conhecimento de todos. Na questão das Princesas não pretendemos dar a ideia de um arquétipo de “Princesa ideal” ou de exemplo a seguir pelas crianças como o certo ou errado. Inclusive o contexto histórico em que se desenrola a história do filme pôde influenciar a forma como a família é retratada. No entanto não é nossa pretensão explorar os períodos da História mas sim a forma como são descritos os laços familiares em cada um dos filmes.

Sabemos que analisar a composição das famílias das Princesas nos filmes da Disney comparando as vidas familiares é sempre discutível. Pode-se alegar que é ficção, que não acompanham a realidade atual da sociedade e que não seguem a imagem tradicional da Família cristã. Tornando-se, assim, também um propósito validar as semelhanças e diferenças entre a realidade e a ficção. É, precisamente, este o aspeto sobre o qual nos pretendemos debruçar, pois, será que são assim tão diferentes as vidas familiares das Princesas das vivências da sociedade atual? Será que estão assim tão afastadas da realidade da Família Cristã e a evolução social e biológica que os documentos do Magistério da Igreja sobre a Família têm tentado acompanhar? Estas produções são fruto da sociedade em que vivemos e, como tal, iremos verificar que estas produções, de vez em quando, poderão não seguir o caminho que pretendemos explorar. Consideramos, no entanto, que esta via enriquece o nosso trabalho.

Tentaremos encontrar pontos de confluência ou de distanciamento, com a Bíblia, com os documentos do Magistério da Igreja, com a Exortação Apostólica *Familiaris Consortio*, com a Exortação Apostólica *Amoris Laetitia* e com as representações das famílias das Princesas da Disney. Este é um dos desafios deste estudo inserido no relatório da Prática de Ensino Supervisionada.

Procuraremos responder a algumas das questões colocadas à partida, de forma a balizar o nosso estudo:

- *Podemos abordar o tema da Família partindo da vida familiar das Princesas da Disney?*
- *Como poderá uma história ajudar a desenvolver a vida de uma pessoa?*
- *Existe aproximação das histórias das Princesas da Disney à realidade da sociedade atual?*
- *As vidas das Princesas da Disney apresentam vários tipos de famílias?*
- *As famílias da Disney são descritas como famílias perfeitas?*
- *Os filmes das Princesas da Disney permitem dar alguma esperança na Família como comunidade de amor?*
- *As famílias apresentadas nos filmes da Disney são muito diferentes das retratadas na Bíblia?*
- *As famílias destes filmes são vistas como afastamento ou aproximação aos últimos documentos do Magistério da Igreja sobre a Família?*
- *Quais os ensinamentos que podemos aprender com estes desenhos animados?*
- *Podemos utilizar os desenhos animados para falar de temas importantes e produzir conhecimentos refletidos?*
- *Podemos utilizar o cinema de animação/desenhos animados como meio de evangelização?*
- *Poderá um canal televisivo, sobre temas cristãos, ajudar a difundir a boa nova e plantar sementes?*

Este trabalho final da Prática Ensino Supervisionada, estruturalmente, apresenta-se dividido em quatro capítulos, resultante de uma seleção de uma bibliografia especializada, face à realidade do tema “A Família Comunidade de Amor” contextualizada na unidade letiva três, do quinto ano de escolaridade.

No primeiro capítulo, com a designação “A Família, história e representações”, procurou-se definir o termo Família, aprofundando algumas das suas abrangências, partindo das várias áreas, passando para a missão das famílias e tipos de famílias, englobando, posteriormente, o projeto de Deus para a Família. Procedeu-se, também, à análise dos documentos do Magistério da Igreja sobre a Família, as Exortações Apostólicas *Familiaris Consortio e Amoris Laetitia* e tentamos enquadrar o nosso estudo de forma a conseguirmos interligar os vários temas.

No segundo capítulo, analisamos a realidade familiar nos filmes das Princesas da Disney, onde apresentamos, uma sinopse de cada um dos filmes para, posteriormente, se retratar as realidades familiares das Princesas, englobando as várias dificuldades passadas no seio desse ambiente familiar. De forma a construirmos uma narrativa das famílias das Princesas da Disney, verificar se existiu uma evolução do modo como foram retratadas, se acompanham a visão da sociedade sobre a Família e, por fim, uma reflexão da vida familiar das Princesas numa lógica de aproximação à realidade social, à realidade cristã bem como uma aproximação aos últimos documentos do Magistério da Igreja sobre a Família.

No terceiro capítulo, refletimos sobre os meios de comunicação na educação das crianças e a sua capacidade de promover a literacia em cada espectador, sobretudo uma literacia religiosa católica. Pretende-se assim analisar de que forma os meios de comunicação podem ajudar na educação e na aquisição de uma literacia religiosa católica e, conseqüentemente, se os podemos considerar recursos ao serviço da evangelização. É feita uma introdução à realidade do cinema e da televisão, como meio de reprodução social e como meio educativo, posteriormente, é analisado o modo como a Igreja já utilizou os meios de comunicação, na evangelização, ao longo dos tempos.

No quarto capítulo, encontramos a abordagem pedagógica e didática da Unidade Letiva três “A Família Comunidade de Amor”, deste modo, primeiramente caracterizamos a escola e a turma onde decorreu a PES, posteriormente é apresentada uma proposta de lecionação da Unidade Letiva e uma reflexão sobre o tema.

Do ponto de vista metodológico, o presente Relatório segue a Norma Chicago, 17<sup>a</sup> edição A.

## CAPÍTULO I – A FAMÍLIA, HISTÓRIA E REPRESENTAÇÕES

Ao longo da história da humanidade, a Família sempre se apresentou como um dos pilares das sociedades; mesmo nas primeiras comunidades, a Família serviu de elo agregador dos membros que as integravam, embora a forma como esta se constituía e compunha fosse sofrendo mutações e adaptações ao longo dos tempos.

Neste capítulo, procuramos aprofundar o tema da Família como realidade histórica, social e biológica, analisando o caminho que a Família tem percorrido ao longo dos séculos.

A nossa percepção da realidade da Família na sociedade atual é, de certa forma, influenciada pela nossa vida, o nosso arbitrário cultural, bem como as experiências enquanto filho, neto, pai e professor. Estas permitiram-nos construir uma nova forma de definir a Família e aprender a vê-la nas suas múltiplas abrangências, fortemente influenciada pela realidade Portuguesa que foi aquela onde crescemos e nos fomos moldando.

Em contexto educativo, ao olhar para múltiplas vivências dos alunos e a forma como descreviam a sua realidade familiar, proporcionou-nos um conhecimento incomensurável, na medida em que nos permitiu perceber as diferentes realidades familiares das nossas escolas em particular e da nossa sociedade em geral.

Importante e desafiante foi elaborar a partir das diversas tipologias de famílias de cada aluno e construir uma definição de Família. A sociedade tornou-se cada vez mais exigente, pois não podemos deixar nenhuma realidade familiar de parte. Para tal foi necessário construir e, por vezes, desconstruir ideias menos boas em torno da Família se bem que, sempre ciente da inexistência de famílias perfeitas, mas frisando sempre a importância da Família. Nas escolas utilizamos as realidades familiares de algumas personagens do cinema com as quais os alunos possuem alguma afinidade e fizemos uma aproximação às suas experiências familiares. Tirando o foco de experiências pessoais menos favoráveis.

A utilização destes recursos permitiu-nos, de alguma forma, ver a utilidade dos meios de comunicação na sua vertente “de educador – para crianças na escola e adultos em casa”<sup>1</sup>. Ao utilizar uma narrativa baseada nas vidas das famílias das Princesas e dos super-heróis, construiu-se uma narrativa que, embora ficcional, permitiu observar a existência de inúmeras tipologias de famílias na sociedade. “Igualmente, pela ficção, pelos processos de invenção imaginativa, descobre-se no sentido forte do termo, o que o ser humano é ou o que pode ser”<sup>2</sup>,

---

<sup>1</sup> Dennis Mcquail, *Teoria da comunicação de massas*. (Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003), 27.

<sup>2</sup> Adolphe Gesché, *O Sentido*. (São Paulo: Paulinas: 2005), 150.

bem como verificar que as famílias destas personagens ficcionais não são muito diferentes das vidas de alguns discentes. Com exceção dos superpoderes, estas personagens de animação possuem experiências de vida familiar, por vezes, muito conturbadas. Aqui podemos constatar que:

“a narração pode ter uma perspectiva muito autorreferencial e individualista, mas também pode ser aberta e disponível para acolher novas vivências, muitas delas desinstaladoras. Mas a importância da narração reside sobretudo na capacidade que esta tem de devolver ao ser humano a densidade simbólica e experiencial do mundo”<sup>3</sup>.

Como tal, as vivências e as formas de ver a Família, por parte dos alunos, são, frequentemente, diversificadas, mas não necessariamente erradas.

## 1. Definições de Família

A Família é um termo muito lato. O seu campo de abrangência é tão vasto que ao tentar defini-lo podemos correr o risco de contemplar algumas realidades e deixar outras de parte. Ainda assim, antevendo, desde já, esta limitação, tentaremos definir o conceito Família, embora cientes que múltiplas realidades irão ficar excluídas desta introdução ao tema.

Na enciclopédia da Ediclube, Família seria “uma unidade social, composta por um grupo de pessoas aparentadas entre si, que vivem na mesma casa sob a autoridade de uma delas”<sup>4</sup>.

Por sua vez, alguns sociólogos definem Família como “um grupo de pessoas unidas directamente por laços de parentesco, no qual os adultos assumem a responsabilidade de cuidar das crianças. Os laços de Parentesco são relações entre indivíduos estabelecidas através do casamento ou por meio de linhas de descendência que ligam familiares consanguíneos (mães, pais, filhos e filhas, avós, etc.)”<sup>5</sup>.

Madalena Alarcão começa por definir a Família “como sistema que é constituído por pessoas que estão ligadas por laços de sangue”<sup>6</sup>.

Chiara Saraceno define a Família na base da “relação de parentesco, de afinidade ou afetividade que une entre si várias pessoas; a coabitação, ou seja, a convivência de todos os membros no mesmo alojamento e a consequente condição da sua residência habitual na mesma

---

<sup>3</sup> Luís Figueiredo Rodrigues, “A transmissão da fé nos dispositivos digitais.” *Theologica* (2016), 34.

<sup>4</sup> Lorenzo Portillo, *Grande Dicionário Enciclopédico Ediclube*. Vol. VIII. (Alfragide: Ediclube, 1996). 2572-2573.

<sup>5</sup> Anthony Giddens, *Sociologia*. 6ª. Traduzido por Alexandra Figueiredo, (Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008),175.

<sup>6</sup> Madalena Alarcão, *A Família Portuguesa no Século XXI*. Coord. por Carla Maia e Otilia Monteiro Fernandes (Lisboa: Parsifal, 2015), 121.

comunidade; e a unicidade do orçamento, pelo menos para parte das receitas e das despesas destinadas à satisfação das necessidades primárias da Família, como a alimentação e os serviços de habitação”<sup>7</sup>.

A historiadora Helena Osswald engloba a definição de Família “desde a casa-edifício, a morada, passa pelos laços de sangue (Família consanguínea) e pelo parentesco espiritual (padrinhos madrinhas e compadres, comadres) e é também definição jurídica (filhos Família, órfãos, pai de Família, cabeça de casal) e espaço de poder (autoridade)”<sup>8</sup> e que, segundo esta, se vai adaptando ao longo dos tempos.

Mas de onde provém epistemologicamente o termo Família? Este deriva do termo *famulus* do latim da Roma antiga, que significa servidor “Família” designava o conjunto de todos os escravos e servidores de um “*domus* (casa)”<sup>9</sup>. Sem fazer referência ainda à questão dos laços de sangue que, com a posterior difusão do cristianismo, o termo passa a englobar uma tipologia familiar denominada de Família tradicional, composta pelo pai, mãe e filhos, constituída depois do matrimónio como “comunidade de vida e de amor”<sup>10</sup>.

A definição de Família nos dicionários portugueses remete para um conjunto de pessoas com relação de parentesco que vivem juntas; num agregado familiar; grupo de pessoas formado pelos progenitores e seus descendentes; linhagem, apelido, estirpe; grupo de pessoas unidas pelo vínculo do casamento, afinidade ou adoção; conjunto de pessoas unidas por quaisquer laços de parentesco.<sup>11</sup> Frisando, ainda, a questão de vários tipos de famílias, a saber, nuclear/tradicional, monoparental, adotiva, alargada e reconstruída.

Segundo os documentos do Magistério da Igreja, as Exortações Apostólicas FC e AL a Família enquadra-se sempre como sendo a primeira sociedade, espaço de socialização, comunidade de Amor. “A Família, sociedade natural, existiu antes do Estado e de qualquer outra comunidade e possui direitos próprios, que são inalienáveis”<sup>12</sup>.

---

<sup>7</sup> Chiara Saraceno, *Sociologia da família*. (Lisboa: Editorial Estampa, 1997), 38.

<sup>8</sup> Helena Osswald *A Família Portuguesa no Século XXI*. Editado por Carla Maia e Otília Monteiro Fernandes, (Lisboa: Parsifal, 2015), 14.

<sup>9</sup> Cf. Dicionário Editora da Língua Portuguesa 10.<sup>a</sup> Edição (Porto Editora: Porto, 2018).

<sup>10</sup> Cf. Concílio Ecuménico Vaticano II. *Documentos Conciliares e Pontifícios*. “*Constituição Pastoral sobre a Igreja no mundo atual “ Gaudium et Spes”*”, (28 de outubro de 1965)§48, consultado em 11 de maio, 2019, [http://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vatii\\_const\\_19651207\\_gaudium-et-spes\\_po.html](http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vatii_const_19651207_gaudium-et-spes_po.html)

<sup>11</sup> Cf. Dicionário Editora da Língua Portuguesa 10.<sup>a</sup> Edição (Porto Editora: Porto, 2018).

<sup>12</sup> Cf. João Paulo II, Exortação Apostólica “*Familiaris Consortio*” de sua Santidade João Paulo II ao Episcopado ao Clero e aos Fiéis de toda a Igreja Católica sobre a função da Família Cristã no mundo de hoje (22 de novembro de 1981), §46, consultado em 11 de março de 2019, [http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost\\_exhortations/documents/hf\\_jp-ii\\_exh\\_19811122\\_familiaris-consortio.html](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_19811122_familiaris-consortio.html)

Podíamos tentar definir a Família como a primeira célula vital da sociedade,<sup>13</sup> o berço da vida e do amor, o primeiro lugar de acolhimento do ser humano. “Uma Família desenvolve-se a partir de um casal – mulher e homem que sendo diferentes, estabelecem entre si uma aliança e se unem em torno de um projeto e, com todos os que nela nascem, crescem e envelhecem, dá origem a uma rede extensa e complexa de laços”<sup>14</sup>.

A Família é o local privilegiado de socialização, onde se constrói a própria identidade e onde se aprende a viver com os outros.

“A Família constitui a mais pequena e primordial comunidade humana sempre foi considerada como a primeira e fundamental expressão da natureza social do homem. No seu núcleo essencial, esta visão não mudou nos nossos dias. A Família é realmente uma comunidade de pessoas, para quem o modo próprio de existirem e viverem juntas é a comunhão: comunhão de pessoas”<sup>15</sup>.

Uma realidade que se pode constatar sobre as várias definições de Família é que o termo não significa apenas os laços de sangue: a adoção passa a ser vista como uma forma de se pertencer a uma Família. Mas temos também as questões das famílias monoparentais em que não possuem um dos pais e continuam a ser consideradas uma Família.

Embora não seguindo a tradição cristã de Família temos de referir e ter em consideração, o aumento dos novos movimentos sociais que têm englobado as famílias homossexuais nas tipologias familiares.

O termo pode ainda ser analisado no que refere às funções da Família, da educação, do amor, da proteção, do respeito, entre outros aspetos.

Assim, o termo Família é algo muito mais complexo do que aquilo que se pode pensar à partida, pois são múltiplas as definições e os campos de abrangência. Ora vejamos, nos dicionários de língua portuguesa surge Família como o conjunto de pessoas com relação de parentesco que vivem juntas;<sup>16</sup> agregado familiar neste aspeto, teríamos os progenitores e seus descendentes; linhagem e estirpe.

Mas é necessário considerar também as famílias, sem vínculos de sangue, por exemplo, duas pessoas unidas pelo matrimónio, mas, também através da adoção bem como por afinidade, nomeadamente, sogros/as, cunhados/as e, ainda, o caso dos padrastos e madrastas. A ter em

---

<sup>13</sup> Concílio Ecuménico Vaticano II. “*Documentos Conciliares e Pontifícios. Decreto sobre o Apostolado dos Leigos*” “*Apostolicam Actuositatem*” (28 de outubro de 1965)§11, consultado em 11 de maio, 2019, [www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vatii\\_decree\\_19651118\\_apostolicam-actuositatem\\_po.html](http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vatii_decree_19651118_apostolicam-actuositatem_po.html)

<sup>14</sup> Maria Teresa Ribeiro. “Intervenções educativas, preventivas e terapêuticas” *Léxico da Família. ed. Principia* (2010),449.

<sup>15</sup> Cf. João Paulo II, *Carta do Papa às Famílias*, (2 fevereiro 1994), §7.

<sup>16</sup> Cf. Dicionário Editora da Língua Portuguesa 10.<sup>a</sup> Edição (Porto Editora: Porto, 2018).

conta ainda a Família nuclear, em tempos denominada de tradicional, a Família de adoção, a monoparental, a alargada, a reconstruída e não apenas a nível de laços de sangue, como durante algum tempo se associou. A sua abrangência vai mais além do que a coabitação ou laços de sangue é o berço da vida e do amor, que funda e alimenta todas as sociedades.

Não “obstante os sinais de crise da instituição familiar nos vários contextos, o desejo de Família permanece vivo nas jovens gerações”<sup>17</sup>. Diferente da realidade da Família das gerações anteriores, mas o constituir uma Família continua a ser um dos projetos de vida das gerações atuais. A “mudança transporta, muito frequentemente, traços de continuidade do passado, aspeto que faz do presente uma realidade multidimensional, onde se cruzam temporalidades contrastadas”<sup>18</sup>.

Embora possamos ver inúmeras crises nas famílias, o desejo de constituir Família ainda se mantém vivo, uma vez que segundo Frei Bernardo, estas crises sempre existiram e não são mais do que um processo de adaptação à realidade social e às necessidades humanas “sempre houve ‘crises’ nas famílias. Nas culturas e nas sociedades, é um fenómeno natural da adaptação às novas circunstâncias e contextos sociais”<sup>19</sup>.

O modelo de construção de Família das gerações atuais está em constante evolução e mesmo existindo o denominado modelo de Família tradicional, este foi sendo palco de mudanças e interpretações. “Embora a Família nuclear tradicional continue a representar o modelo que maior parte das pessoas deseja, são diversas as configurações familiares e diversos os desafios que a encerram”<sup>20</sup>.

Segundo Chiara Saraceno, as imagens que se tem da Família são muito diversificadas e por vezes contraditórias:

“Analogamente, ao lado de imagens também contemporâneas da Família-refúgio, da Família lugar de intimidade e de afetividade, espaço de autenticidade, arquétipo de solidariedade, da privacidade, juntam-se imagens da Família como lugar de inautenticidade, de opressão, de obrigação, de egoísmo exclusivo, a Família como geradora de monstros, de violência, a Família que mata”<sup>21</sup>.

Esta perspetiva da autora não deixa de ser pertinente, pois se por um lado a Família é vista de um ponto de vista positivo, também não deixa de ser uma realidade que pode ser

---

<sup>17</sup> Cf. III Assembleia Geral Extraordinária do Sínodo dos Bispos “*Relatio Synodi - Os desafios pastorais sobre a família no contexto da Evangelização*”. (18 de outubro de 2014), §2 consultado em 12 de julho, 2019 [http://www.vatican.va/roman\\_curia/synod/documents/rc\\_synod\\_doc\\_20141018\\_relatio-synodi-familia\\_po.html](http://www.vatican.va/roman_curia/synod/documents/rc_synod_doc_20141018_relatio-synodi-familia_po.html)

<sup>18</sup> Maria Engrácia Leandro. *Laços familiares e sociais* (Lisboa: Psicosoma, 2011), 71.

<sup>19</sup> Frei Bernardo Domingues, *Aspetos da Família e da educação para o futuro* (Porto: Metanoia, 2002), 4.

<sup>20</sup> Madalena Alarcão, *A Família Portuguesa no Século XXI*. Coord. por Carla Maia e Otilia Monteiro Fernandes (Lisboa: Parsifal, 2015), 122.

<sup>21</sup> Chiara Saraceno, *Sociologia da família*. (Lisboa: Editorial Estampa, 1997), 13.

analisada de um ponto de vista negativo, reforçando-se a ideia de que as famílias não são perfeitas. E esta realidade pode ser analisada inclusivamente pela forma como a humanidade tem vindo a viver, ou seja, pautada por uma rutura com o passado, com a tradição, com os valores morais levando a repercussões em todas as esferas da sociedade.

A perda de laços comunitários deram origem a um aumento generalizado de isolamento, solidão, individualismo, egoísmo, que se sente inclusive na forma de viver das famílias e em Família mesmo sendo esta instituição a célula básica da sociedade. “O ser humano sofre daquilo que parece impor-se-lhe como uma escolha radical e definitiva: ou-ou. Ele descobre-se, então, no coração da ‘contradição mortal’, jogada entre a herança da ‘antiga aliança’ e o postulado moderno, que considera o conhecimento moderno o único verdadeiro”<sup>22</sup>.

## 2. O projeto de Deus para a Família

Fundamentando bíblicamente o conceito de Família, deparamo-nos com realidades bem distintas daquelas que poderíamos pensar, o que implica reconhecer que este tema foi palco de múltiplas conotações, reinterpretações e aprendizagens sobre a mesma e sobre o plano de Deus para a Família. Leva-nos a debruçar sobre as famílias referenciadas na Bíblia, tendo em conta a Família das origens, a partir dos relatos do Génesis e depois, os mais variados relatos de famílias ao longo do Antigo e do Novo Testamento.

O esquema da Família no Antigo Testamento é complexo, os modelos de Família giravam em torno de três realidades “ a tribo’ (sebet), o ‘clã’ (mishpahah) e a ‘Família’ (bet-ab)”<sup>23</sup>. A escolha de Abraão e da sua descendência vai dar origem ao denominado período patriarcal, dos patriarcas Abraão, Isaque e Jacó e com referência às doze tribos,<sup>24</sup> em busca da terra prometida. A “Família nasce genésicamente fruto de uma experiência exodal, de um amor não homoerótico, heterossexual, que visa construir um projeto de relação recíproca monogâmica e indissolúvel e que proporcione estabilidade quer ao casal, quer à descendência do casal”<sup>25</sup>. O sistema tribal surge, então, enraizado nos laços familiares, onde a religião e a Família são o fator agregador de união. Era um povo nómada.

---

<sup>22</sup> Isabel Pereira Varanda, “Animismo, teocracia, democracia. O processo de ‘desencantamento do mundo’ como referencial ambíguo da modernidade.” *Didaskalia* (2008), 503.

<sup>23</sup> José Carlos Carvalho, “Jesus perante o divórcio e a Família.” *Humanística e Teologia* (2002), 360.

<sup>24</sup> Cf. Xabier Pikaza, *Guía del amor humano y cristiano* (Bilbao: Desclée de Brouwer, 2007), 51.

<sup>25</sup> José Carlos Carvalho, *Fundamentos bíblicos da Família cristã*. Coord. Helena Rebelo Pinto e José Manuel Sardica (Lisboa: Universidade Católica Editora, 2016), 40.

Estas famílias patriarcais deram origem ao povo hebraico e na sua essência, viviam em torno da figura patriarcal que exercia autoridade total sobre os filhos. O pai era o elo agregador da família. Os patriarcas formaram os clãs que deram origem às doze tribos. Apesar de serem unidades autónomas eram unidas através dos laços familiares, da afinidade étnica e tradição religiosa em torno da arca da aliança.

Mas, a tradição religiosa sempre foi o fator de identidade e união do povo hebreu, no qual o vínculo entre a aliança e Deus, criou raízes sólidas na construção de uma identidade onde o sacrifício era uma constante que prosperou através da Família. A “instituição social em torno do ambiente bíblico é a Família...O elemento central da Família são os pais (patriarcas), que "amam" o seu povo de forma hierárquica e protetora.”<sup>26</sup>. Nessa linha, cada família repete e incorpora o modelo patriarcal, com o pai masculino como representante de Deus e transmissor de promessas, em linha genealógica<sup>27</sup>.

Quando falamos de Família nuclear e tradicionalmente reconhecida como Família cristã, temos que ter em conta que nem sempre foi assim. De facto, ora vejamos as famílias do Antigo testamento são maioritariamente poligâmicas, endogâmicas e sobre o divórcio, demasiado liberais, “desde Abraão a poligamia e o divórcio eram tolerados como práticas comuns da época”<sup>28</sup>.

Ao longo da Bíblia é-nos dado a conhecer vários problemas sociais e familiares, “aparentemente, muito longe da Família ideal, da Família segundo o projeto de Deus”<sup>29</sup>. As famílias da Bíblia estão repletas de dificuldades, de crises familiares,<sup>30</sup> de problemas civilizacionais, assim sendo, não se apresentam como uma realidade perfeita. Cada crise ou problema familiar era resolvido, por vezes, de uma forma que atualmente se considera errada, outras vezes, certa, a título de exemplo matar o filho por ele ser rebelde (Dt 21,18-21) “Quando um homem tiver um filho desobediente e rebelde, que não escuta a voz do seu pai, nem da sua mãe, e que, quando o corrigem, continua a não os escutar”, “Depois, todos os homens da cidade o apedrejarão e ele morrerá. Assim extirparás o vício do meio de vós. Todo o Israel o há-de saber e se encherá de temor”, esta passagem vai contra o quinto mandamento de “não matarás” (Ex 20,13).

---

<sup>26</sup> Cf. Xabier Pikaza, *Guía del amor humano y cristiano* (Bilbao: Desclée de Brouwer, 2007), 251.

<sup>27</sup> Xabier Pikaza, *Diccionario de la Biblia. Historia y Palabra*. (Estella: Verbo Divino, 2007), 59.

<sup>28</sup> José Carlos Carvalho, “Jesus perante o divórcio e a Família.” *Humanística e Teologia* (2002), 360.

<sup>29</sup> Cf. Frei Herculano Alves “A Instituição familiar na Bíblia.” *Difusora Bíblica* (1993), 5-32.

<sup>30</sup> Francisco, Exortação Apostólica Pós-Sinodal “*Amoris Laetitia*” (19 de março de 2016), §8. Consultado em 10 de janeiro de 2019, [http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/apost-\\_exhortations/documents/papa-francesco\\_esortazione-ap\\_20160319\\_amoris-laetitia.html](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/apost-_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20160319_amoris-laetitia.html).

Podemos analisar esta situação pela natureza humana do mal, do pecado de cair no erro, “o problema do mal não está em Deus, mas na constituição ontológica da realidade criada, que é de imperfeição”<sup>31</sup>, em que se vai aprendendo gradualmente a interpretar o projeto de Deus para a Família. Exemplos como o de Abel e Caim (Gn 4,1-16) assassinato de um irmão, Lameque (Gn 4,23) também de assassinato ou de poligamia e Abraão (Gn 16,3-16) de poligamia. Estes relatos das famílias no Antigo Testamento foram alterados paulatinamente ao longo dos tempos. Este foi um processo gradual de aprendizagem, obediência e fidelidade ao projeto original de Deus sobre a Família, que se pode encontrar espelhado, por exemplo, na Família de Noé, monogâmica e fiel a Deus, e também em Tobias no amor e obediência aos pais e fidelidade conjugal.

Estas aprendizagens sobre o projeto de Deus para a Família, vão dar lugar a mudanças na sociedade em que Jesus Cristo viveu e pregou o Evangelho. Mudanças essas que se encontram refletidas no Novo Testamento e posteriormente difundidas, em todo o mundo, através da evangelização. Jesus Cristo viveu e cresceu no meio de uma Família “O Filho de Deus viveu na carne, viveu a tarefa humana do trabalho, e viveu no seio de uma Família”<sup>32</sup>. A “Família de Nazaré” (Lc 2,51) que, como qualquer Família, tinha problemas concretos. “Jesus amou a Família, foi amado por uma Família, faz festa pela Família, e como judeu critica a destruição da mesma”<sup>33</sup>.

Assim sendo, “Deus entrou no mundo numa Família. E pôde fazê-lo porque essa Família era uma Família que tinha um coração aberto ao amor, que tinha as portas abertas”<sup>34</sup>, por isso, Jesus cresce numa Família verdadeira, que padecia de problemas reais da sociedade da época como qualquer outra Família. Numa Família com escassos recursos, “O próprio Jesus nasce numa Família modesta”<sup>35</sup>, como muitas famílias da época. A Família de Nazaré pretende-nos mostrar a importância da Família, de a preservar como célula básica da sociedade, “A Família, fundada e vivificada pelo amor, é uma comunidade de pessoas: marido e mulher, avós e filhos”<sup>36</sup>.

A Família é entendida como espaço de revelação de Deus e implantação da vida humana,<sup>37</sup> há um conjunto de passagens bíblicas, exemplos de homens e mulheres, situações de dificuldade e superação que se referem à Família. Com a vinda de Jesus Cristo, a Família surge

---

<sup>31</sup> José Pedro Angélico “O Deus crucificado e a dimensão política do estético” *Humanística e Teologia*. (2011) 90.

<sup>32</sup> Cf. José-Román Flecha, *Família – lugar de Evangelização* (Coimbra: Gráfica de Coimbra 2, 2007), 10.

<sup>33</sup> José Carlos Carvalho, “Jesus perante o divórcio e a Família.” *Humanística e Teologia* (2002), 377.

<sup>34</sup> Cf. Francisco, Discurso do Papa Francisco na Festa das Famílias, Filadélfia, (26 de setembro de 2015).

<sup>35</sup> Francisco, Exortação Apostólica Pós-Sinodal “*Amoris Laetitia*” (19 de março de 2016), §21.

<sup>36</sup> Cf. Xavier Pikaza, *Guía del amor humano y cristiano* (Bilbao: Desclée de Brouwer, 2007), 247.

<sup>37</sup> Xavier Pikaza *La Família en la Biblia, Una historia pendiente* (Navarra: Editorial Verbo Divino, 2014), 20.

como um modelo central das relações afetivas e sociais do Novo Testamento que definiram a Família cristã até aos tempos de hoje; “foi evoluindo de uma forma mais tradicional para uma mais avançada, até chegar à Família perfeita, ou seja, a Família conjugal moderna”<sup>38</sup>. Importa aqui reforçar que a ideia de perfeição familiar é uma utopia, o que se quer transmitir é a ideia da denominada Família nuclear tradicional: a Família é constituída pelo homem, pela mulher e pela fecundidade que se manifesta nos filhos”<sup>39</sup>. “Por isso, a Família é o símbolo vivo do projecto de amor que um dia o Pai sonhou”<sup>40</sup>.

Deus ama a Família, na Santíssima Trindade temos, uma família, composta pelo Pai, o Filho e o Espírito Santo, ou seja, é o Pai que gera, o Filho que é gerado, o Espírito Santo que procede. O amor é a base das relações entre esta Família e foi assim instituída por Deus à imagem da Santíssima Trindade, “Deus é comunhão de pessoas”<sup>41</sup>, uma comunidade de amor, que poderia ser transposto para o modo como os humanos vivem em comunidades de amor.

Temos ainda a representação da Sagrada Família como parte do plano salvífico de Deus para a humanidade. Constituída por José, Maria e Jesus, “A aliança de amor e fidelidade, da qual vive a Sagrada Família de Nazaré, ilumina o princípio que dá forma a cada Família, tornando-a capaz de enfrentar melhor as vicissitudes da vida e da história”<sup>42</sup>.

A Família além de ser uma instituição de amor, amizade e educação tem também a função de ser os alicerces, os apoios e suportes da pessoa nas suas múltiplas vivências. Nesta lógica, podemos constatar a importância que a Família tem para Deus. A Família, instituição mais antiga e mais importante da sociedade, é o pilar que sustenta todas as convivências culturais, históricas e sociais. Assim sendo, pauta toda a vida em sociedade. Deus reforça a importância da Família com Adão e Eva onde refere “crescei e multiplicai-vos, enchei e dominai a terra”(Gn 1,26-28).

A Família, na visão cristã, assenta, assim, na imagem da Família tradicional, composta pelos pais, homem e mulher, através do amor conjugal no matrimónio, símbolos da Família da união. “O matrimónio é da vontade de Deus: O próprio Deus é o autor do matrimónio”<sup>43</sup>.

---

<sup>38</sup> Maria Engrácia Leandro, *Sociologia da Família nas sociedades contemporâneas*. (Lisboa: Universidade aberta, 2001), 17.

<sup>39</sup> Frei Herculano Alves “A Instituição familiar na Bíblia.” Difusora Bíblica (1993), 7.

<sup>40</sup> Cf. Francisco, Discurso do Papa Francisco na Festa das Famílias, Filadélfia, (26 de setembro de 2015).

<sup>41</sup> Cf. Padres Sinodais, *Relatio Synodi* – “Os desafios pastorais sobre a família no contexto da Evangelização” (18 de outubro de 2014), §38.

<sup>42</sup> *Ibidem* §38.

<sup>43</sup> Cf. Concílio Ecuménico Vaticano II. Documentos Conciliares e Pontifícios. “Constituição Pastoral sobre a Igreja no mundo atual “ Gaudium et Spes” , (28 de outubro de 1965) §48.

A Família, contempla, assim, filhos, tios, primos e avós. A existência de bisavós atualmente é mais usual devido ao aumento da esperança média de vida.

### **3. A influência das sociedades ao longo da história nas famílias**

Após termos exposto algumas das abrangências do termo Família, da origem epistemológica do termo, do projeto de Deus para a Família, importa referir a influência das sociedades nesta instituição. A instituição Família está inserida na sociedade ou melhor, é o pilar que a sustenta e, como tal, sofre das influências da sociedade, mas também origina mudanças no desenvolvimento e estruturação da mesma. Em virtude da Família não ser apenas uma realidade biológica, mas possuir também uma natureza social.

Ao longo dos séculos a natureza social da Família tem sofrido alterações, obrigando as famílias a adaptarem-se aos contextos e necessidades. Como refere o Papa Francisco “o desejo de Família permanece vivo nas jovens gerações”<sup>44</sup>. A Família sempre foi palco de mutações não é uma realidade recente, pesa embora, as mudanças dos últimos séculos terem sido num ritmo bastante mais acelerado do que noutras épocas, em que a realidade da Família teve grandes oscilações em períodos curtos como de década para década.

Importa, assim, abordar algumas das causas e efeitos das mais vincadas alterações sociais ao longo destes últimos séculos.

#### *3.1. A Realidade social a que a Família se tem adaptado*

Sendo a Família uma instituição dual, composta por uma “natureza biológica e social”<sup>45</sup>, e um dos pilares da sociedade, é normal que a sua composição e os seus campos de abrangência, venham sofrendo alterações provocadas pela sociedade envolvente onde se espelha o estado em que as famílias se encontram.

O próprio conceito e as áreas de influência sofreram grandes mudanças sobretudo marcadas pelas dinâmicas sociais e pela influência das várias ciências, entre elas: a psicologia, a sociologia, a história e a filosofia originando conotações diferentes para o termo. “É o próprio

---

<sup>44</sup> Cf. Padres Sinodais, *Relatio Synodi* - Os desafios pastorais sobre a família no contexto da Evangelização”. (18 de outubro de 2014), §2.

<sup>45</sup> Maria Engrácia Leandro, *Sociologia da Família nas sociedades contemporâneas*. (Lisboa: Universidade aberta, 2001), 24.

conceito de Família que está em crise, quer dizer, sujeito a julgamento e objeto de novas interpretações e concepções, algumas das quais verdadeiramente aberrantes”<sup>46</sup>.

Dada a grande influência social no tema da Família, surgiu a necessidade, neste estudo, de fazer uma contextualização, dessa influência na realidade familiar ao longo destes últimos séculos.

“No mundo contemporâneo, em que se vão difundindo algumas concepções equívocas sobre o homem, a liberdade e o amor humano, nunca nos devemos cansar de apresentar sempre de novo a verdade sobre a instituição familiar, como foi desejada por Deus desde a criação” (Papa Bento XVI sobre a instabilidade nas famílias)<sup>47</sup>.

A sociedade deve ser entendida como um conjunto de pessoas que mantêm relações sociais contextualizadas no tempo e no espaço. “Somos seres situados no espaço e no tempo e, portanto, na vida económica, política e social”<sup>48</sup>. Como tal, temos de ter em mente as inúmeras evoluções ao longo da história da humanidade. “A Família é célula básica da sociedade, o espaço onde se aprende a conviver na diferença e a pertencer aos outros”<sup>49</sup>.

É fundamental tentarmos perceber as transformações que a Família foi sofrendo ao longo dos tempos de modo a encontrar-se, hoje, de alguma forma debilitada e a passar por momentos difíceis.

A constante evolução das sociedades e das necessidades humanas deram origem a novas formas de viver os valores éticos/morais, filosóficos, religiosos, familiares e culturais.

Com a modernidade deu-se uma grande mudança na história da humanidade. A procura desenfreada de desenvolvimento e progresso levou ao surgimento do mundo industrializado, à globalização intensiva entre culturas e continentes, dando-se também um aumento e uma heterogeneidade de postos de trabalho, onde as grandes fábricas de produção levaram a uma diminuição do tempo para a Família e para a vida em comunidade.

A ideia de desenvolvimento e progresso,<sup>50</sup> tem tido um preço alto a pagar pelas várias gerações ao longo dos últimos séculos, a vários níveis; a nível social poderíamos englobar a desagregação de laços familiares; a nível económico, a precariedade dos vínculos laborais,

---

<sup>46</sup> Jorge Coutinho, “A Família entre o plano de Deus e as condições hodiernas.” *Theologica* (2014), 205.

<sup>47</sup> Cf. Bento XVI, *Pensamentos sobre a Família, Discurso* (1), (Cascais Príncípa Editora, 2010) 80.

<sup>48</sup> José Pedro Angélico “O Deus crucificado e a dimensão política do estético” *Humanística e Teologia*. (2011) 91.

<sup>49</sup> Cf. Francisco, Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* (24 de novembro de 2013) §66, consultado em 12 de julho, 2019, [http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/apost\\_exhortations/documents/papa-francesco\\_esortazione-ap\\_20131124\\_evangelii-gaudium.html](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html)

<sup>50</sup> João Paulo II Carta Encíclica “*Redemptor hominis*” (4 de Março de 1979) § 15-16, consultado em 12 de julho, 2019, [http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf\\_jp-ii\\_enc\\_04031979\\_redemptor-hominis.html](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_04031979_redemptor-hominis.html)

exploração laboral, redução de postos de emprego, as novas tecnologias, o armamento e as armas de destruição massiva e a nível ambiental, desde a poluição ao esgotamento das reservas naturais, passando por inúmeros outros pontos. Aqui, importa salientar que a ideia de desenvolvimento e progresso atualmente apenas se encontra visível nas novas tecnologias e em avanços científicos. Com a revolução tecnológica deu-se um conjunto de avanços tecnológicos, a denominada “revolução tecnológica concentrada nas tecnológicas de informação, começou a remodelar a base material da sociedade em ritmo acelerado”<sup>51</sup>.

As novas tecnologias na área das comunicações impulsionaram também a globalização, o mundo torna-se uma aldeia global, uma vez que “a comunicação em rede transcende fronteiras, a sociedade em rede é global”<sup>52</sup>, no qual o planeta não é mais aquele aglomerado de países distanciados por quilómetros (a era do digital)<sup>53</sup>. Onde as populações dos vários continentes passam a estar ligadas em tempo real. A internet e os restantes meios de comunicação fizeram com que um acontecimento do outro lado do planeta tivesse efeitos imediatos do lado oposto do globo. Os meios de comunicação permitiram a massificação dos padrões culturais da sociedade de consumo que deram origem a novas ideologias e novas formas de pensar “A sociedade em rede também se manifesta na transformação da sociabilidade”<sup>54</sup>.

Mas esta forma de ligação à escala planetária não tem conseguido unir as pessoas, o “nosso mundo e nossa vida, vêm sendo moldados pelas tendências conflitantes da globalização e da identidade”<sup>55</sup>, estas estão cada vez mais isoladas e cada vez menos a viver em comunidade, a Família cristã, que sempre procurou viver em comunidade, está a ser afetada diariamente. Perdeu o fator unificador da religião, da educação e do dever “ser” e “estar” em sociedade que, até então, regulava os indivíduos como membros de uma sociedade que vivia em comunidade. Esta perda do fator unificador da Igreja fez com que os indivíduos tendessem a se desligar dos laços tradicionais da Família, das crenças e da religião que haviam herdado dos pais.

Os valores morais, as obrigações, o dever ser, agir, as virtudes e os bens pessoais são cada vez mais da esfera pessoal, afastados da ética da pessoa, no sentido clássico, mas cada vez mais percebido como uma ética atual científica. Nesta sociedade não cabem os valores morais

---

<sup>51</sup> Manuel Castells, *A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura- A Sociedade em Rede* (Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2007), 39.

<sup>52</sup> Manuel Castells, *A sociedade em rede do Conhecimento à Acção Política*. Coord. Manuel Castells e Gustavo Cardoso (Lisboa: INCM, 2006), 18.

<sup>53</sup> José da Silva Lima, “A Família cristã na cultura pós-moderna e pós-cristã” *Theologica*, (2014), 251.

<sup>54</sup> Manuel Castells, *A sociedade em rede do Conhecimento à Acção Política*. Coord. Manuel Castells e Gustavo Cardoso (Lisboa: INCM, 2006), 23.

<sup>55</sup> Manuel Castells, *O poder da identidade*. Traduzido por Klauss Brandini Gerhardt (São Paulo: Paz e Terra S.A., 1999), 17.

como amor, bondade e caridade. A desordem estabelecida também pode ser definida como banalização da vida.

O desenvolvimento científico e técnico poderá ser culpado de uma parte desta mudança face à família, mas com a modernização surgiu também uma dispersão de vivências culturais que só por si já distancia os indivíduos do, até então, centro comum da sociedade.

A perda de influência das instituições religiosas e a mudança social resultante do processo gradual da pós-modernidade, aliado à secularização, à separação da Igreja do sistema político, fizeram com que se perdesse o elo agregador das famílias e da sociedade.

As civilizações são cada vez mais marcadas pelo esquecimento e tendem a perder a memória<sup>56</sup> coletiva das gerações anteriores. Os ideais na modernidade deixam de estar voltados para o bem da comunidade, mas sim para a capacidade intelectual do indivíduo, já que é este que constrói o seu mundo. Estas diversas vivências e mudanças culturais que cresceram com a modernidade promovem uma nova relação da atitude dos indivíduos face à sociedade, Família, religião, política e estado.

Com o ideal da racionalidade, dá-se uma rutura entre o crer e o agir na sociedade. Na idade contemporânea, a sociedade passa a ser uma sociedade capitalista, “o capitalismo industrial e o seu inimigo univitelino, o estatismo industrial, foram disseminados no século XX abalando instituições transformando culturas e criando riqueza”<sup>57</sup>. Influenciando o consumo, “A evolução da civilização contemporânea parece processar-se em duas grandes fases: a produção e o consumo”<sup>58</sup> onde o indivíduo deixou de ser um ser humano para ser visto como um meio de produção, uma coisa. Mas outras funções foram-lhe impostas pela sociedade em constante mutação, economicamente materialista. A sociedade passa a ser uma sociedade individualista, a “cultura agora é capaz de se concentrar em atender às necessidades dos indivíduos, resolver problemas e conflitos individuais com os desafios e problemas da vida das pessoas”<sup>59</sup>. Onde a satisfação pessoal face aos vários problemas, financeiros, pessoais, políticos, culturais e familiares, entre eles a falta de rumo, a perda de esperança, desemprego, em que o ser humano é legislador da sua própria vida, uma sociedade narcisista desprovida de valores.

Deste modo, amar para esta sociedade, significa realização pessoal, aproveitar o momento. A Família atualmente não é mais do que o resultado do valor que se deu aos bens

---

<sup>56</sup> Cf. Francisco, Exortação Apostólica Pós-Sinodal "*Amoris Laetitia*" (19 de março de 2016), §193.

<sup>57</sup> Manuel Castells, *A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura - O poder da identidade*. Traduzido por Klaus Brandini Gerhardt (São Paulo: Paz e Terra S.A, 1999), 17.

<sup>58</sup> Isabel Pereira Varanda “Questões sociais do nosso tempo.” *Theologica* (2006), 83.

<sup>59</sup> Zygmunt Bauman, *A Cultura No Mundo Líquido Moderno*. Traduzido por Carlos Alberto Medeiros (Rio de Janeiro: Zahar, 2001), 7-8.

materiais, impulsionada pela sociedade de cariz consumista, marcada pela cultura do ter, que origina um consumo em massa. A sociedade é cada vez mais, pautada pela visão económica e utilitária das coisas, em que a família passou a estar englobada neste pacote, como um produto com validade e descartável. Somos aquilo que temos e não aquilo que somos. O “poder do ter sobre o poder do ser”<sup>60</sup>, ou seja, o que vestimos, os equipamentos que possuímos, telemóvel, carro, relógios, casa, entre outros. Na qual as redes sociais passaram a ser um meio de autopromoção “Quando a rede desliga o Ser, o Ser, individual ou coletivo, constrói seu significado sem a referência instrumental global”<sup>61</sup>.

Uma outra realidade, patente na sociedade, que pode influenciar a forma como as famílias se degradam, é a dificuldade em encontrar trabalho.<sup>62</sup> Cada vez mais se verificam casais, onde um trabalha de noite e o outro de dia, um durante a semana outro ao fim de semana. Do mesmo modo, esta realidade verifica-se nos avós, pois em muitos casos ainda trabalham, não tendo tempo para ajudar com os netos. Como resultado disto, as crianças perdem laços afetivos com os familiares e não têm quem esteja com elas, ficam cada vez mais ligados às redes sociais e aos jogos, perdendo-se o efeito agregador na Família, levando a que os pais tentem compensar os filhos com consolas, telemóveis, bens materiais, justificando assim, o pouco tempo que lhes podem dedicar.

Sobre a Família, O Papa Francisco frisa a importância de que, o “cuidar dos avós e cuidar das crianças é a demonstração de amor, não sei se maior, mas – eu diria – mais promissória da Família, porque eles prometem o futuro”<sup>63</sup>.

Sobre o futuro, que tipo de pais serão estas crianças? Que tipo de exemplo têm tido as crianças neste último meio século? Essas questões poderiam ser analisadas de uma forma simples, em que cada geração fugiria à sua responsabilidade, os tetravós diriam que não tiveram culpa, os bisavós diriam que a culpa foi da geração anterior, os avós diriam que os bisavós eram os culpados, os nossos filhos diriam que os pais eram os culpados e o netos diriam que a culpa era da geração anterior. A responsabilidade irá sempre sendo atribuída de geração em geração como se a culpa fosse sempre da anterior. Então quem falhou na missão de serem exemplos? Falhamos todos e continuamos a falhar. De que forma falharam os nossos pais, avós, bisavós?

---

<sup>60</sup> Isabel Pereira Varanda “Questões sociais do nosso tempo.” Theologica (2006), 74.

<sup>61</sup> Manuel Castells, A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura- A Sociedade em Rede (Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2007), 60.

<sup>62</sup> Sínodo dos Bispos, XIV Assembleia Geral Ordinária - A vocação e a missão da família na Igreja e no mundo contemporâneo - Relatório final do Sínodo dos Bispos ao Santo Padre Francisco (24 de outubro de 2015), §14, consultado em 12 de julho, 2019, [http://www.vatican.va/romancuria/synod/documents/rc\\_synod\\_doc2\\_0151026\\_relazione-finale-xiv-assemblea\\_po.html](http://www.vatican.va/romancuria/synod/documents/rc_synod_doc2_0151026_relazione-finale-xiv-assemblea_po.html).

<sup>63</sup> Francisco, Discurso do Papa Francisco na Festa das Famílias, Filadélfia, (26 de setembro de 2015).

Falharam, porque a sociedade e a conjuntura social assim os obrigou. A humanidade, principalmente após a revolução industrial, procurou progredir ou evoluir, mas apenas evoluiu a nível tecnológico, deixando de lado o pilar social, a vida dos comuns humanos para se tornar ambiciosa e voltada exclusivamente para os pilares económicos onde nem o pilar ambiental foi poupado.

O grave problema é a forma como a sociedade está construída atualmente; o pilar económico é o único que é valorizado. “Numa cultura em que o poder económico e os modelos educativos potenciam e facilitam a satisfação imediata das necessidades e dos desejos surgem gerações de adolescentes e jovens sem competências para enfrentar as dificuldades da vida”<sup>64</sup>. Como tal, enquanto a Humanidade não acordar do pensamento de identificar o que é, com aquilo que se tem, as várias instituições sociais não progridem. Como tal, a Família continuará a ressentir-se, “Na Família há dificuldades, mas essas dificuldades são superadas com amor. Só o amor é capaz de superar a dificuldade. Amor é festa, o amor é a alegria, o amor é seguir em frente”<sup>65</sup>. Algumas ideologias têm originado algumas mudanças na sociedade, repercutindo-se nas famílias. Deste modo, urge a necessidade de apoiar<sup>66</sup> e ajudar as famílias e trabalhar com elas, corroborando desta forma com os documentos do Magistério da Igreja.<sup>67</sup>

Aqui, a ação da Igreja não é uma realidade estanque, fechada, é uma realidade dinâmica inserida num contexto social em constante mudança. Como tal, os problemas das famílias não devem ser deixados de parte; estas devem ser acompanhadas e ajudadas nos problemas por que passam. A sociedade deveria procurar ser uma comunidade de pessoas únicas e autênticas com valores morais a fim de promoverem o bem de todos.

A humanidade deve voltar a construir os seus ideais e a sua educação baseada nos princípios morais que se adequam aos princípios cristãos, de comunidade, de amar o próximo, a amizade, lealdade e admiração. De forma a evitar cair no egocentrismo individualista da sociedade atual, o ser humano, deve ter consciência da sua natureza relacional. O ser humano não é uma "ilha", que vive e se satisfaz isoladamente. Pelo contrário, na sua constituição é um ser pessoal e social,<sup>68</sup> é um ser de relação,<sup>69</sup> um *homo communicans* que precisa de viver e de

---

<sup>64</sup> Isabel Pereira Varanda “Questões sociais do nosso tempo.” *Theologica* (2006), 75.

<sup>65</sup> Francisco, Discurso do Papa Francisco na Festa das Famílias, Filadélfia, (26 de setembro de 2015).

<sup>66</sup> João Paulo II, Carta Encíclica “*Evangelium Vitae*” (25 de março de 1995) §6, consultado em 10 de junho, 2019, [http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf\\_jp-iienc\\_25031995\\_evangeliumvitae.html](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-iienc_25031995_evangeliumvitae.html)

<sup>67</sup> Cf. Francisco, Exortação Apostólica Pós-Sinodal “*Amoris Laetitia*” (19 de março de 2016), §224.

<sup>68</sup> Cf. Luis Ladaria, *Introdução à Antropologia Teológica*. Traduzido por Roberto Leal Ferreira. (São Paulo: Edições Loyola, 2016), 65.

<sup>69</sup> Francisco, Carta Encíclica “*Lumen Fidei*” (29 de Junho de 2013) §38, consultado em 2 de junho, 2019, [http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco\\_20130629\\_enciclica-lumen-fidei.html](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20130629_enciclica-lumen-fidei.html)

se relacionar em comunidade, “A pessoa vive sempre em relação: provém dos outros, pertence a outros, a sua vida torna-se maior no encontro com os outros; o próprio conhecimento e consciência de nós mesmos são do tipo relacional e estão ligadas a outros que nos precederam, a começar pelos nossos pais que nos deram a vida e o nome”<sup>70</sup>.

### 3.2. *O papel do homem e da mulher na Família*

Outra evolução relacionada com o conceito de Família no seio da sociedade, são o matrimónio e os papéis da mulher e do homem que eram bem distintos do que são atualmente, “houve uma redefinição fundamental de relações entre mulheres, homens e crianças”<sup>71</sup>. Esta realidade do papel da mulher e do homem encontra-se, inclusive, implícito no estudo sobre as famílias das Princesas da Disney (no segundo capítulo) como uma reprodução da realidade social.

Se fizéssemos uma síntese histórica do papel da mulher nas sociedades ao longo dos séculos observaríamos que esta sempre deteve um papel inferior ao homem, mas porquê? De alguma forma porque as sociedades sempre formam machistas.<sup>72</sup>

O pai era sempre considerado o pilar da Família (patriarca) e o papel da mulher era sempre o de cuidadora da Família e da casa. Esta realidade ainda se manteve bem visível nalgumas famílias do século XX “O patriarcalismo é uma das estruturas sobre as quais se assentavam todas as sociedades contemporâneas”<sup>73</sup>. E não precisamos de recuar muitos séculos para encontramos esta realidade em Portugal. Durante a ditadura salazarista o slogan era Deus, Pátria e Família, mas o lugar da mulher era em casa a tratar dos filhos e a cuidar do lar. Eram educadas para serem donas de casa, uma verdadeira mentalidade machista. As poucas que desempenhavam funções, como a de Professora, dificilmente casavam.

Com a emancipação da mulher, esta passou a ser mais independente e autónoma na sociedade, houve uma “Incorporação maciça das mulheres na força de trabalho remunerada, geralmente em condições discriminatórias”<sup>74</sup>. Embora a desigualdade de género seja ainda hoje um problema e um dos vários temas a melhorar na nossa sociedade, já que muitas “mulheres

---

<sup>70</sup> *Ibidem*, §38.

<sup>71</sup> Manuel Castells, *A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura- A Sociedade em Rede* (Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2007), 40.

<sup>72</sup> Cf. Francisco, Exortação Apostólica Pós-Sinodal "*Amoris Laetitia*" (19 de março de 2016), §54.

<sup>73</sup> Manuel Castells, *A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura - O poder da identidade*. Traduzido por Klaus Brandini Gerhardt (São Paulo: Paz e Terra S.A, 1999), 169.

<sup>74</sup> *Ibidem*, 39.

ocupam cargos que exigem qualificações semelhantes às dos homens, mas a troca de salários menores”<sup>75</sup>, situação que os movimentos feministas tanto têm tentado alterar de forma a provar as competências e direitos de igualdade da mulher. As mulheres provam diariamente ser iguais aos homens em todas as áreas da sociedade mesmo em áreas mais físicas que se consideravam tradicionalmente masculinas, “as mulheres provaram, ao mundo inteiro, que podem ser bombeiras e estivadoras, além de executarem trabalhos árduos nas fábricas desde o início da era industrial”<sup>76</sup>.

Mas o “preço da incorporação da mulher no mercado de trabalho gera consequências muito graves na Família”<sup>77</sup>, repercutindo-se assim na perda de influência da figura paterna como o patriarca da Família: “Apesar de todas as dificuldades do processo de transformação da condição feminina, o patriarcalismo foi atacado e enfraquecido em várias sociedades”<sup>78</sup>, uma vez que o pai deixa de ser a única fonte de rendimentos o que levou a mudanças familiares, sobretudo na diminuição de tempo para as famílias por parte das mulheres. Assim se denota que estas sempre foram o pilar da Família.

Mas a evolução e autonomia do papel da mulher no mercado laboral da sociedade contemporânea teve um preço e um “peso insustentável sobre os ombros das mulheres com as suas quádruplas jornadas diárias (trabalho diário remunerado, organização do lar, criação dos filhos e a jornada noturna em benefício do marido)”<sup>79</sup>.

Aqui poderíamos especular se é causa efeito relativamente ao estado da Família. As mulheres sempre tiveram grandes responsabilidades no equilíbrio da Família; “A mulher desempenha um papel determinante na vida da pessoa, da Família e da sociedade”<sup>80</sup>, apenas não era reconhecida.

A Família sofreu e sofre do mal que impera na sociedade “as mudanças sociais são tão drásticas quanto os processos de transformação tecnológica e económica”<sup>81</sup> a ganância das

---

<sup>75</sup> *Ibidem*, 200.

<sup>76</sup> *Ibidem*, 203.

<sup>77</sup> *Ibidem*, 208.

<sup>78</sup> Manuel Castells, *A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura- A Sociedade em Rede* (Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2007), 40.

<sup>79</sup> Manuel Castells, *A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura - O poder da identidade*. Traduzido por Klaus Brandini Gerhardt (São Paulo: Paz e Terra S.A, 1999), 170.

<sup>80</sup> Cf. Padres Sinodais, *Relatio Synodi* – “Os desafios pastorais sobre a família no contexto da Evangelização”. (18 de outubro de 2014), §27.

<sup>81</sup> Cf. Manuel Castells, *A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura- A Sociedade em Rede* (Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2007), 40.

corporações que mandam no mundo, a maximização dos lucros<sup>82</sup> motivadas pelo pilar económico, pelo ter e ter mais e se der mais ainda.

### 3.3. *Evolução da forma de viver o matrimónio na sociedade atual*

Sobre o tema do matrimónio muito se poderia referir, mas o que pretendemos expor é uma mudança na forma de ver e viver o matrimónio. Realidade que se encontra bem espelhada nos filmes das Princesas da Disney onde se vê uma clara influência da sociedade nestas produções.

O matrimónio ou casamento religioso, é um tema bastante pertinente nos dias atuais. Embora sem querer estar a abarcar ou a englobar todos os motivos, interesses, objetivos ou motivações que levam os indivíduos a contrair o matrimónio nas sociedades atuais, cingir-me-ei a algumas realidades, mais pertinentes das sociedades vigentes.

#### 3.3.1. Origem do matrimónio

O matrimónio como sacramento, remete para a Aliança com Deus (lei divina)<sup>83</sup> que foi deixada à Igreja, celebrado pelos bispos ordenados para abençoarem o casal com a graça de Deus. Tal como aprendemos Jesus Cristo veio reinterpretar a lei e uma das realidades que veio reinterpretar foi o libelo do divórcio que os judeus interpretavam a seu belo prazer. Jesus Cristo diz que "Não separe o homem o que Deus uniu" (Mt 19,6). Quando Jesus Cristo reinterpretou a lei do divórcio dotou o matrimónio de sacramento de graça especial.

Deus instituiu o matrimónio que foi, durante séculos, mal interpretado pelos judeus, “o matrimónio cristão está não só no âmbito da criação, mas sobretudo no de Cristo e da Igreja como nova criação de Deus manifestando a aliança perene do senhor ressuscitado com o seu povo”<sup>84</sup>.

O matrimónio cristão é um contrato inicial entre um homem e uma mulher que pressupõe a tarefa da cooperação entre os cônjuges, na criação de um ato livre e, por isso,

---

<sup>82</sup> Francisco, Carta Encíclica “*Laudato Si’*” do Santo Padre Francisco Sobre o Cuidado da Casa Comum (24 de maio de 2015), §109, consultado em 29 de janeiro, 2019, [http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco\\_20150524\\_encyclica-laudato-si.html](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_encyclica-laudato-si.html).

<sup>83</sup> Cf. Concílio Ecuménico Vaticano II. Documentos Conciliares e Pontifícios. “Constituição Pastoral sobre a Igreja no mundo atual” *“Gaudium et Spes”*, (28 de outubro de 1965)§48.

<sup>84</sup> José da Silva Lima, “A Família cristã na cultura pós-moderna e pós-cristã” *Theologica*, (2014), 254.

constitui um contrato<sup>85</sup> “irrevogável consentimento pessoal”<sup>86</sup>. Embora o ritual esteja muito ligado nos inícios do cristianismo a S. Paulo, esta realidade e as suas normas começam a ficar mais ritualizadas e regularizadas com o Concílio de Trento e o direito canónico nele implícito. O matrimónio é visto como uma união que dá primazia ao amor. Passar de um “Eu” em relação a um “Tu” que cria um viver para “Nós” com vista a construção do “Vós”. O projeto de vida que culmina no matrimónio em que o casal age conforme a ética moral como uma realidade e fidelidade conjugal, respeito e dedicação para com o outro.

Através de uma ética sexual construída no amor, que à luz do cariz relacional da pessoa, chama o ser pessoal a um ser para o outro, sempre tendo em conta a liberdade, dignidade e respeito pelo outro. Este ser para o outro no amor, implica compromisso, respeito, responsabilidade, fidelidade, comportamentos sexuais e morais.

O sacramento do matrimónio é uma união indissolúvel entre um homem e uma mulher, celebrado através de um contrato com o consentimento de ambas as partes na presença de um representante da Igreja. A aliança com Deus, que santifica os cônjuges “abençoa copiosamente este amor de múltiplos aspetos”<sup>87</sup> no qual estes juram serem fiéis e constituírem Família, respeitadores, unidos, um ao outro até ao fim das suas vidas, “O casal cristão sendo unido, cumpre com perseverança os seus deveres”<sup>88</sup>.

### 3.3.2. A realidade do matrimónio para as sociedades atuais

Ao fazermos referência ao sacramento do matrimónio, poderíamos pensar em muitas realidades, tais como a celebração na Igreja, o amor e a união entre duas pessoas, as alianças como elo de ligação, a festa da união, o plano de vida a dois que se consuma no constituir Família, a fidelidade e o respeito entre outras.

O matrimónio, que em tempos fora o sinal da aliança entre o homem e mulher tem vindo a perder fulgor “O Evangelho do matrimónio e da Família, para muitos, já não é compreensível e caiu numa crise profunda”<sup>89</sup>. Uma vez que esta união remetia também para aliança de Deus

---

<sup>85</sup> *Ibidem*.

<sup>86</sup> Cf. Concílio Ecuménico Vaticano II. Documentos Conciliares e Pontifícios. “Constituição Pastoral sobre a Igreja no mundo atual “*Gaudium et Spes*”, (28 de outubro de 1965) §48.

<sup>87</sup> Cf. Concílio Ecuménico Vaticano II. Documentos Conciliares e Pontifícios. “Constituição Pastoral sobre a Igreja no mundo atual “*Gaudium et Spes*”, (28 de outubro de 1965) §48.

<sup>88</sup> *Ibidem*, §49.

<sup>89</sup> Cf. Walter Kasper . *O Evangelho da Família* (Prior Velho: Editora Paulinas,, 2014), 29.

com a Igreja e assim de Deus com os casais. Daí o sacramento ser visto como sinal visível da graça invisível.

O matrimónio foi sendo considerado o projeto de vida em Família que implicava a procriação. A vivência do matrimónio em Família, de forma responsável e fiel como uma “Comunidade de vida e no amor conjugal fundado pelo criador”<sup>90</sup>. Este aspeto do matrimónio tem vindo a perder-se ou a modificar, não é mais um compromisso, mas sim uma forma de contrato, casamento pelo civil ou união de facto, que foi alvo de estudo pela Igreja sobre a realidade social e familiar destas uniões.<sup>91</sup> José da Silva Lima, no seu artigo sobre a “A Família cristã na cultura pós-moderna e pós-cristã”<sup>92</sup>, expõe algumas considerações sobre a realidade atual das famílias perante as dificuldades e a vivência do sacramento do matrimónio. Apresentamos, ainda uma sociedade em constante desapego das tradições “Muitos sociólogos consideram que não podemos falar de 'Família', como se existisse um modelo de vida familiar mais ou menos universal”<sup>93</sup>.

A nível sociológico “O casamento já não é base que define a união entre duas pessoas. A coabitação (quando um casal vive junto numa relação sexual fora do casamento) está cada vez mais espalhada em muitos países industrializados”<sup>94</sup>.

O mundo mudou, contínua a mudar e as motivações da humanidade também. O tipo de educação e prioridades do homem e da mulher são muito distintos daquilo que em tempos foram. A título de exemplo, no início do século XIX, as teorias influenciadoras e os movimentos de contestação sobretudo no que toca à alçada das religiões, afetou consideravelmente as vivências do matrimónio.

José Lima, na linha do que a Igreja defende sobre a Família, refere que “A Família cristã subsiste, apesar da crise cultural em que vive”<sup>95</sup>, passa por momentos de crise e de adaptação à realidade social atual “A Família atravessa uma crise cultural profunda, como todas as comunidades e vínculos sociais. Nela, a fragilidade dos vínculos reveste-se de especial gravidade, porque se trata da célula básica da sociedade”<sup>96</sup>.

---

<sup>90</sup> Cf. Concílio Ecuménico Vaticano II. Documentos Conciliares e Pontifícios. “Constituição Pastoral sobre a Igreja no mundo atual “ *Gaudium et Spes*”, (28 de outubro de 1965) §46-52.

<sup>91</sup> Cf. Conselho Pontifício para a Família. Família, matrimônio e uniões de facto. (26 de julho de 2000) consultado em 15 de julho de 2019, [http://www.vatican.va/roman\\_curia/pontifical\\_councils/family/documents/rc\\_pc\\_family\\_doc\\_20001109\\_de-facto-unions\\_po.html](http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/family/documents/rc_pc_family_doc_20001109_de-facto-unions_po.html)

<sup>92</sup> José da Silva Lima, “A Família cristã na cultura pós-moderna e pós-cristã” *Theologica*, (2014), 245.

<sup>93</sup> Anthony Giddens, *Sociologia*. 6ª. Traduzido por Alexandra Figueiredo, (Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008),176.

<sup>94</sup> *Ibidem* 200.

<sup>95</sup> Cf. José da Silva Lima, “A Família cristã na cultura pós-moderna e pós-cristã” *Theologica*, (2014), 245.

<sup>96</sup> Cf. Francisco, Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* (24 de novembro de 2013) §66.

A perda de valores herdados, das tradições de pais para filhos, dos fundamentos da Família cristã,<sup>97</sup> do respeito pelos sacramentos e da vivência da vida religiosa estão intimamente ligadas com o afastamento que vive no seio das famílias. De facto, são inúmeras as causas presentes no dinamismo cultural da sociedade de hoje que influenciam a forma de viver das famílias e em Família que, atualmente, se encontram em crise não só de valores como de identidade. Estão à deriva, pois, as mutações sociais ditam as regras da vida em sociedade, desde as migrações (culturas e tradições que se perdem), secularização, individualismo (religiosidade individual), a evolução tecnológica, o intercâmbio com outras culturas, a globalização e a mundialização da cultura.

A sociedade necessita de entender o que é a Família cristã, onde conseguimos vislumbrar que os valores morais da tradição cristã e os ensinamentos de Jesus se encontram interligados. Numa forma de viver em Família, num matrimónio fiel, vivido em união, responsável, que procura incidir numa educação e no projeto de vida que se consuma na procriação, “missão procriadora e responsabilidade”<sup>98</sup> em que os filhos são o maior dom do matrimónio.<sup>99</sup>

Podemos verificar que a sociedade tem vindo a criar cada vez mais indivíduos afastados de laços comunitários,<sup>100</sup> da vida em comunidade que, fora em tempos o pilar das sociedades. O mesmo se passa no sacramento do matrimónio; não é mais uma questão de construir um projeto de vida, mas sim nota-se o interesse particular da procura de algo (riqueza, prazer e hedonismo) sem compromissos e sem laços, por isso, se foge tanto do compromisso<sup>101</sup> em constituir Família, procurando refúgio em laços provisórios. Com a legislação do divórcio, o matrimónio é cada vez mais visto como um vínculo sazonal e temporário. Pelo menos, é esta a perspectiva de grande parte da sociedade que apenas vê o matrimónio como um contrato civil onde o adultério é banalizado e não existe humanidade sem ligação à aliança com Deus no respeito, amor, fidelidade ao cônjuge e aos filhos. Um dos exemplos dados é o fim do chamado projeto de vida, “naufrágio do amor”<sup>102</sup> muito usado nas sociedades tradicionais onde a religião impunha hábitos e educava o indivíduo para viver em prol do outro, celebrado no matrimónio e na constituição de um Família<sup>103</sup> com filhos. Viviam em comunidade e em prol desta.

---

<sup>97</sup> Cf. José da Silva Lima, “A Família cristã na cultura pós-moderna e pós-cristã” *Theologica*, (2014), 245.

<sup>98</sup> *Ibidem*, 254.

<sup>99</sup> Cf. Concílio Ecuménico Vaticano II. Documentos Conciliares e Pontifícios. “Constituição Pastoral sobre a Igreja no mundo atual” *Gaudium et Spes*, (28 de outubro de 1965) §50.

<sup>100</sup> Francisco, Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* (24 de novembro de 2013) §106.

<sup>101</sup> *Ibidem*

<sup>102</sup> Cf. João Paulo II, Exortação Apostólica *Familiaris Consortio* (22 de novembro de 1981), §14.

<sup>103</sup> *Ibidem*, §11-16.

A sociedade pós-moderna, dotada de sistemas cada vez menos humanos, tem ajudado na destruição de lares e famílias, pois, a imposição de horários e trabalhos precários levam as famílias a passarem por dificuldades conjugais e falta de apoio aos filhos que são colocados, cada vez mais cedo, em infantários, escolas, At-l's, em virtude de horários, muitas vezes, noturnos para poderem pagar dívidas e rendas de casa. Os trabalhos precários e cada vez mais distantes, criam dificuldades nos laços familiares onde a maior parte das vezes acabam em divórcios. Que, muitas vezes, dão origem a novas relações, aumentando o número de famílias pluriparentais<sup>104</sup> divididas pelo divórcio e viuvez em que arrastam os filhos para relações com novas famílias temporárias, fruto de relações sem compromisso real, mas apenas na procura de prazer momentâneo. Observa-se “a multiplicação de situações de homens e mulheres que ‘trocam os cônjuges’ e têm filhos de várias ligações”<sup>105</sup>.

O matrimónio não é visto como um projeto a dois, a longo prazo, de amor, fidelidade e respeito, celebrado numa Igreja por um representante ordenado. Hoje, pensa-se o casamento, como algo sazonal, não existe um plano futuro de ter filhos, pois isso acarreta muita responsabilidade.

Outro aspeto é o aumento significativo dos divórcios, bem como o aumento de movimentos e casamentos gays e lésbicos. A moral e a ética cristã têm vindo a perder fulgor na sociedade e numa “cultura individualista que perverte e torna efémeros os laços”<sup>106</sup>, perdendo o sentido de compromisso e vida para o outro.

”Especialmente no período mais recente, a dissolução da Família e do matrimónio, os atentados à vida humana e à sua dignidade, a redução da fé a uma experiência subjectiva e a consequente secularização da consciência pública mostra-nos com dramática clareza as consequências deste distanciamento” (Papa Bento XVI sobre as fragilidades da Família)<sup>107</sup>.

O matrimónio é visto como uma festa, com duração limitada, enquanto as partes aguentarem, ou, enquanto houver interesses em jogo, como um contrato jurídico em que se não for proveitoso para os dois, não existe sacrifício e, na mínima dificuldade, rasga-se o contrato. Aspeto que a Igreja tem vindo a apontar com alguma preocupação com a realidade atual em torno do matrimónio e consequentemente nas famílias.

Atualmente algumas famílias carecem de comunicação, ou seja, de falarem e de se ouvirem quando estão juntas. Estão mais preocupadas com as redes sociais e os telemóveis do

---

<sup>104</sup> Cf. Frei Bernardo Domingues, *Aspetos da Família e da educação para o futuro* (Porto: Metanoia, 2002), 67.

<sup>105</sup> *Ibidem*, 28.

<sup>106</sup> Cf. Francisco, Discurso do Papa Francisco por ocasião da Vigília em preparação para o Sínodo Extraordinário sobre a Família, (4 de outubro de 2014).

<sup>107</sup> Cf. Bento XVI, *Pensamentos sobre a Família*, Discurso (1), (Cascais Princípia Editora, 2010), 77.

que ouvirem os filhos/filhas ou pais/mães e ou marido/ mulher. Se não comunicarem, também não podem nutrir sentimentos verdadeiros “O verdadeiro amor entre marido e esposa implica a doação recíproca de si, inclui e integra a dimensão sexual e a afetividade, correspondendo ao desígnio divino”<sup>108</sup>.

### 3.4. Valor e missão da Família

As famílias revestem-se de um valor inigualável para a sociedade e como pilar da comunidade de amor. A missão da Família vai muito mais além de um conjunto de princípios a seguir, pois, cada composição familiar irá determinar as vivências familiares de cada agregado. O amor é, ou deveria ser, o princípio básico de todas as famílias.

“A Família, fundada e vivificada pelo amor, é uma comunidade de pessoas: dos esposos, homem e mulher, dos pais e dos filhos, dos parentes. A sua primeira tarefa é a de viver fielmente a realidade da comunhão num constante empenho por fazer crescer uma autêntica comunidade de pessoas. O princípio interior, a força permanente e a meta última de tal dever é o amor: como, sem o amor, a Família não é uma comunidade de pessoas, assim, sem o amor, a Família não pode viver, crescer e aperfeiçoar-se como comunidade de pessoas”<sup>109</sup>.

A importância do amor conjugal e da fidelidade para um matrimónio sólido é assim entendida como o ponto de partida para a construção de uma Família que se ramifica na procriação. Os filhos devem ser o sinal desse amor entre os casais, “Por isso, a Família é – perdoai-me a palavra – uma fábrica de esperança; esperança de vida e ressurreição, porque foi Deus quem abriu esse caminho”<sup>110</sup>.

As famílias são fundamentais na construção da identidade da pessoa humana; então, porque se tenta fragilizar esta instituição que nos torna mais humanos? Estamos numa sociedade em que a opinião de cada um conta e, por vezes, algumas opiniões tentam manipular a forma de viver dos outros, “muitos jovens, são frequentemente levados a adiar o matrimónio por problemas de tipo económico, laboral ou de estudos. Às vezes também por outros motivos, tais como a influência das ideologias que desvalorizam o matrimónio e a Família”<sup>111</sup>.

---

<sup>108</sup> Cf. Concílio Ecolúmico Vaticano II. Documentos Conciliares e Pontifícios. “Constituição Pastoral sobre a Igreja no mundo atual “ *Gaudium et Spes* ” , (28 de outubro de 1965)§48-49.

<sup>109</sup> Cf. João Paulo II, Exortação Apostólica “*Familiaris Consortio*” (22 de novembro de 1981), §18.

<sup>110</sup> Francisco, Discurso na Festa das Famílias, Filadélfia, (26 de setembro de 2015).

<sup>111</sup> Francisco, Discurso ao Congresso dos Estados Unidos da América (24 de Setembro de 2015): *L'Osservatore Romano* (ed. Semanal portuguesa de 01/X/2015), 9.

O que a Igreja nos tem dito é que a Família passa por momentos difíceis<sup>112</sup> e “é alvo de numerosas forças que a procuram destruir ou de qualquer modo deformar”<sup>113</sup>. Perante este cenário, a Igreja tem vindo, cada vez mais, a procurar ajudar as Famílias: “Cuidemos da Família. Defendamos a Família, porque nela o nosso futuro está em jogo”<sup>114</sup>.

### 3.4.1. Educação

Falar em educação remete para uma das mais importantes missões dos pais na estrutura de uma Família “ao chamarem um filho à vida, os pais têm um conjunto de obrigações para com ele”<sup>115</sup>.

A Família é um dos pilares fundamentais no desenvolvimento integral das pessoas: “quero salientar a importância central da Família, porque, é o lugar onde a vida, dom de Deus, pode ser convenientemente acolhida e protegida contra os múltiplos ataques a que está exposta, e pode desenvolver-se segundo as exigências de um crescimento humano autêntico”<sup>116</sup>.

As famílias cristãs possuem ainda a responsabilidade de ser exemplo de amor e de proteção:

“os esposos cristãos, em virtude do sacramento do Matrimónio, pelo qual significam e participam no mistério da unidade e do amor fecundo entre Cristo e a Igreja, ajudam-se mutuamente a conseguir a santidade na vida conjugal e na procriação e educação dos filhos, e têm para isso, no seu estado de vida e missão um dom especial dentro do povo de Deus. É necessário que na Família, qual Igreja Doméstica, os pais sejam para os filhos, através da palavra e do exemplo, os primeiros anunciadores da fé, fomentem sempre a vocação própria de cada um, e com, especial cuidado, a vocação sagrada”<sup>117</sup>.

Não podemos falar em educação integral se não tivermos em conta a dimensão religiosa, a educação cristã e o anúncio da fé como uma das dimensões constitutivas do ser humano. Educar em valores, respeito, amor ao próximo, entre outros que se irão interligar com as restantes dimensões da pessoa e aspetos da educação e crescimento da mesma. “Com efeito é dever dos pais criar um ambiente de tal modo animado pelo amor e pela piedade para com Deus

---

<sup>112</sup> Cf. Francisco, Exortação Apostólica Pós-Sinodal "*Amoris Laetitia*" (19 de março de 2016), §196-200.

<sup>113</sup> João Paulo II, Exortação Apostólica "*Familiaris Consortio*" (22 de novembro de 1981), §3.

<sup>114</sup> Francisco, Discurso na Festa das Famílias, Filadélfia, (26 de setembro de 2015).

<sup>115</sup> Maria Engrácia Leandro. Laços familiares e sociais (Lisboa: Psicossoma, 2011), 89.

<sup>116</sup> Francisco, Carta Encíclica "*Laudato Si'*" do Santo Padre Francisco Sobre o Cuidado da Casa Comum (24 de maio de 2015), §213.

<sup>117</sup> Concílio Ecuménico Vaticano II. Documentos Conciliares e Pontifícios. “Constituição Dogmática sobre a Santa Igreja "*Lumen Gentium*” (21 de novembro de 1964) §11. Consultado a 10 de junho 2019, [http://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_const\\_19641121\\_lumen-gentium\\_po.html](http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19641121_lumen-gentium_po.html)

e para com os homens que favoreça a completa educação pessoal e social dos filhos. A Família é, portanto, a primeira escola das virtudes sociais de que as sociedades têm necessidade”<sup>118</sup>.

Estes ensinamentos encontram-se primeiro através da Família “*Ecclesia domestica* – Igreja doméstica”<sup>119</sup>, depois na catequese, na Igreja e na escola. “A Família é a primeira comunidade chamada a anunciar o Evangelho à pessoa humana em crescimento e a levá-la, através de uma catequese e educação progressiva, à plenitude da maturidade humana e cristã”<sup>120</sup>.

A “Família Comunidade de Amor” tem a capacidade de unir os seus membros, de propagar o amor em todas as pessoas que a compõem. Os pais devem dar aos seus filhos todo o amor e afeto de que estes precisam, para que possam crescer num ambiente de paz e de amor capaz de servir de exemplo para o futuro. Os filhos têm de ser protegidos, educados, respeitados e amados. Os filhos de hoje serão os pais de amanhã, como tal, é necessário não abandonar as famílias, estas precisam de ser ensinadas a amar, aconselhadas, orientadas, para encontrarem um rumo, o da Família, enquanto verdadeira comunidade de amor.

A educação dos pais, enquanto exemplo de honra: “Honra teu pai e tua mãe, a fim de que tenhas vida longa na terra que o Senhor, o teu Deus, te dá” (Ex 20,12), de obediência: “Filhos, obedeam a seus pais no Senhor, pois isso é justo” (Ef 6,1-2), de respeito e educação: “Ouça, meu filho, a instrução de seu pai e não despreze o ensino de sua mãe” (Pr 1,8-9) de alegria, de crescimento, de respeito, de ajuda nas dificuldades, de autoestima, de aprendizagem dos valores, da honestidade, da verdade, do mal da mentira, do valor do trabalho, da valorização da pessoa e da dignidade, de saber lidar com as emoções negativas (ódio, dor, raiva e inveja).

Os pais têm o dever de cuidar dos filhos e ajudá-los a sentirem-se seguros, protegidos, respeitados e amados, assim como os filhos também devem contribuir e ajudar os pais em procurarem a sobriedade e estilos de vida que promovam um ambiente saudável. A Família deve procurar ser uma educação para o amor, lugar e meio de afetividade conjugal, uma doação recíproca dos cônjuges, servindo de exemplo e orgulho aos filhos. Sem deixar de parte todos os membros da Família (avôs, tios, primos,...), apelando para uma maior proximidade de todos.

---

<sup>118</sup> Cf. Concílio Ecuménico Vaticano II, “Documentos Conciliares e Pontifícios. Declaração sobre a Educação Cristã *Gravissimum Educationis*” (28 de outubro de 1965), §3 consultado em 2 de junho, 2019 [http://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_decl\\_19651028\\_gravissimum-educationis\\_po.html](http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decl_19651028_gravissimum-educationis_po.html)

<sup>119</sup> Concílio Ecuménico Vaticano II. Documentos Conciliares e Pontifícios. “Constituição Dogmática sobre a Santa Igreja *Lumen Gentium*” (21 de novembro de 1964). §11.

<sup>120</sup> João Paulo II, *Exortação Apostólica “Familiaris Consortio”* (22 de novembro de 1981), §2.

A educação dos filhos prende-se atualmente com problemas bem diferentes dos problemas dos jovens da década de 60, 70, 80 e até 90 do século passado. O consumismo, o flagelo das drogas, o egoísmo, as redes sociais, o desemprego, as vivências familiares são pautadas por mudanças entre gerações, revelam ciclos ora mais amplos ora mais curtos, que vão dando lugar a crises nas famílias marcadas por momentos de adaptação às novas realidades.

Reinventar a Família é um processo difícil. A educação dos filhos neste processo de adaptação da Família é um dos aspetos mais complicados. “Para educar um filho, é preciso uma aldeia”<sup>121</sup>, dada a exigência e a necessidade de pessoas desde Família, professores, pessoal não docente, entre muitos outros elementos, que ajudem no processo de educar um filho.

Ora vejamos, a educação não é feita através de um conjunto de prescrições que devem ser cumpridas à regra, como se de uma receita se tratasse, mais ainda quando se referem a filhos. Educar implica muito sacrifício, disponibilidade por parte dos pais, dos avós e de toda a Família, mas implica também ter consciência de que se deve dar o exemplo, serem modelos a seguir pelos filhos “devem os pais, pela palavra e pelo exemplo, ser para os filhos os primeiros arautos da fé e favorecer a vocação própria de cada um”<sup>122</sup>.

Os exemplos que os pais devem procurar ser é um dos aspetos mais importante na educação dos filhos, os pais não podem exigir aos filhos comportamentos diferentes daqueles que têm. “Através das palavras não funciona. Hoje as palavras não funcionam, neste mundo da imagem, toda a gente tem telemóvel e as palavras não funcionam. Aquilo que verdadeiramente conta é o exemplo”<sup>123</sup>.

Se os pais querem crianças educadas com atitudes e valores, devem ser eles a dar esses valores e sobretudo o exemplo. “Os pais unidos, tornam-se modelos de referência e de autossegurança para o desabrochar dos filhos que os imitam”<sup>124</sup>. Ainda assim, existem filhos que optam por comportamentos e atitudes bem distintas das dos pais, existem outros fatores que influenciam quer para o bem quer para o mal.

A procura de um “amor com rigor”<sup>125</sup> onde os pais com a ajuda da “aldeia”<sup>126</sup> devem procurar dialogar, cuidar, propor atitudes, dar exemplos, promover uma liberdade responsável,

---

<sup>121</sup> Anna Peiretti, *Palavras do Papa Francisco para todas as Idades*, Traduzido por Vasco Gato. (Lisboa: Arena, 2018), 12.

<sup>122</sup> Concílio Ecuménico Vaticano II. Documentos Conciliares e Pontifícios. “Constituição Dogmática sobre a Santa Igreja *“Lumen Gentium”* (21 de novembro de 1964), §11.

<sup>123</sup> Anna Peiretti, *Palavras do Papa Francisco para todas as Idades*, Traduzido por Vasco Gato. (Lisboa: Arena, 2018), 58.

<sup>124</sup> Frei Bernardo Domingues, *Aspetos da Família e da educação para o futuro* (Porto: Metanoia, 2002), 251.

<sup>125</sup> Expressão muito usada pela professora Isabel Varanda durante as aulas

<sup>126</sup> Anna Peiretti, *Palavras do Papa Francisco para todas as Idades*, Traduzido por Vasco Gato. (Lisboa: Arena, 2018), 12.

ensinar a saber escutar. A saber entender os outros, respeitar o desempenho das funções de cada um, pai, mãe, filhos, avós, promover um ambiente pacífico em casa, nutrir laços de carinho, educar para cidadania, educar para a frustração e resiliência na superação de contrariedades, entre outros.

A Família tem diante de si a tarefa de adaptação, aprendizagem, aceitação e preservar de uma nova comunidade de vida e amor. Fundar e construir diariamente uma Família sadia radicada no amor altruísta, na felicidade conjugal, amizade, respeito, coesão e diálogo integral. “Comunicar e educar, exige inteligência para aceitar e admirar a diferença, efectiva capacidade para adaptação dinâmica à partilha de vida e respetivas componentes familiares”<sup>127</sup>.

### 3.4.2. Tipologias da Família

As tipologias de famílias são hoje muito diversificadas, muito por força do aumento do número de divórcios e de famílias divididas. Embora se possa reconhecer que “desde os tempos remotos que a Família conjugal tem coexistido com muitas outras formas de Família, de índole associativa, patriarcal ou paternal”<sup>128</sup>, atualmente, tem havido um “acréscimo de organizações familiares”<sup>129</sup>.

Sempre existiram famílias divididas pelo mal, pela inveja, pela morte de membros da Família e a Bíblia refere esses exemplos como o de Abel e Caim (Gn 4,1-8) fruto das zangas entre irmãos. Esta realidade é cada vez mais um dos motivos de zangas entre familiares fortemente influenciadas pelo ódio e a ganância das partilhas entre herdeiros.

Mas a questão do divórcio,<sup>130</sup> tem ganhado cada vez mais apoiantes, de alguma forma procura-se banalizar o matrimónio.

“O bem-estar da pessoa e da sociedade humana e cristã está intimamente ligado com uma favorável situação da comunidade conjugal e familiar. Porém, a dignidade desta instituição não resplandece em toda a parte com igual brilho. Encontra-se obscurecida pela poligamia, pela epidemia do divórcio, pelo chamado amor livre e outras deformações. Além disso, o amor conjugal é muitas vezes profanado pelo egoísmo, amor do prazer e por práticas ilícitas contra a geração”<sup>131</sup>.

---

<sup>127</sup> Frei Bernardo Domingues, *Aspetos da Família e da educação para o futuro* (Porto: Metanoia, 2002), 34.

<sup>128</sup> *Ibidem*, 54.

<sup>129</sup> Cf. Teresa Paula Marques *A Família Portuguesa no Século XXI*. Coord Carla Maia e Otilia Monteiro Fernandes, (Lisboa: Parsifal, 2015), 63.

<sup>130</sup> Cf. Concílio Euménico Vaticano II. Documentos Conciliares e Pontificios. “Constituição Pastoral sobre a Igreja no mundo atual “*Gaudium et Spes*”, (28 de outubro de 1965) §47.

<sup>131</sup> *Ibidem*, 47.

A defesa da indissolubilidade do matrimônio cristão sempre foi uma das lutas da Igreja contra os movimentos sociais, que muito tem ajudado em alguns matrimônios, nas dificuldades conjugais, de forma a superarem dificuldades nas vidas familiares. “Não lestes que o Criador, desde o princípio, fê-los homem e mulher e disse: Por isso o homem deixará o pai e a mãe e se unirá à sua mulher, e serão os dois um só? Portanto já não são dois, mas um só. Pois bem, o que Deus uniu não separe o homem.” (Mt 19,4-6).

A Igreja através da Exortação Apostólica *Familiaris Consortio*<sup>132</sup> e mais recentemente pela Exortação Apostólica *Amoris Laetitia*,<sup>133</sup> embora com linguagem diferente e não negando indissolubilidade do matrimônio cristão, tem procurado reforçar a necessidade de todos ajudarem as famílias, de servirem de exemplo, de estarem disponíveis a conversar com os cônjuges, de ajudarem no discernimento de dificuldades profissionais, entre outros. A procura da reconciliação, do perdão e do respeito mútuo entre todos os membros da Família.

A Igreja tem na Família uma das suas maiores preocupações, o “futuro da humanidade passa pela Família”<sup>134</sup>, e a sociedade não se apercebe que por causa do pilar Família estar a sofrer, todos os outros pilares da sociedade ficam enfraquecidos.

Relativamente às tipologias familiares teríamos alguns exemplos:

As famílias tradicionais compostas por um pai, uma mãe e filhos.

As famílias alargadas que além dos pais, podem ser incluídos os restantes membros do agregado familiar, avôs, tios e/ou primos. Importa frisar o papel dos avôs: “Os filhos dos filhos são uma coroa para os idosos, e os pais são o orgulho dos seus filhos” (Pr 17-6) determinantes na construção da identidade dos netos. “Entregues ao cuidado dos avós. Sabemos bem que, em alguns casos, são os avós quem veste, alimenta e educa os netos e isto ocupa grande parte do seu tempo, fazendo com que os avós, em muitas ocasiões, estejam dedicados quase exclusivamente à sua Família.”<sup>135</sup> Onde também devem ser tidos em conta o papel dos tios, primos, entre outros, a Família é uma grande comunidade e deveria voltar a ter a influência positiva que teve em tempos nas sociedades.

As famílias reconstruídas são compostas por casais que tentam reconstruir as suas vidas e dar um novo significado à Família, podendo estas na sua composição, conterem filhos de

---

<sup>132</sup> Cf. João Paulo II, Exortação Apostólica “*Familiaris Consortio*” (22 de novembro de 1981), §66,69,84 conclusão.

<sup>133</sup> Cf. Francisco, Exortação Apostólica Pós-Sinodal “*Amoris Laetitia*” (19 de março de 2016), §6,7,43.

<sup>134</sup> Cf. João Paulo II, Exortação Apostólica “*Familiaris Consortio*” (22 de novembro de 1981), §conclusão.

<sup>135</sup> Eduardo Duque, “Sociedade geradora de vulnerabilidades”, *Revista da Santa Casa da Misericórdia de Braga* 13 (2017),44.

relações ou matrimônios anteriores. Neste ponto importa frisar três realidades distintas, a fim de não existirem dúvidas sobre este tema, são elas:

Primeiro, a questão da adoção que muito deve ser protegida e difundida pelas famílias, o acolhimento de crianças abandonadas e a importância de lhes dar um lar, uma Família. É uma das formas de muitos casais com mais possibilidades ajudarem quem mais precisa e estas crianças precisam de uma Família. Outra, é aqueles casais que não conseguem ter filhos. A adoção é de louvar.<sup>136</sup>

Segundo para a Igreja é importante ajudar e integrar as famílias que pelos mais variados motivos se divorciaram e voltaram a casar “os batizados que se divorciaram e voltaram a casar civilmente devem ser mais integrados na comunidade cristã sob as diferentes formas possíveis, evitando toda a ocasião de escândalo. A lógica da integração é a chave do seu acompanhamento pastoral”<sup>137</sup> e “as pessoas divorciadas que não voltaram a casar (que são muitas vezes testemunhas da fidelidade matrimonial) devem ser encorajadas a encontrar na Eucaristia o alimento que as sustente no seu estado”<sup>138</sup>.

Terceiro, as famílias divididas pelo “divórcio”<sup>139</sup> pelo abandono, violência doméstica, que procuram através de um novo casamento civil, embora a Igreja defenda a indissolubilidade do matrimônio cristão, esta não deixa de as acolher, não as abandona e procura encaminhá-las.<sup>140</sup> Já que nem sempre estes divórcios são fruto da falta de amor. São “enfrentadas muitas vezes de modo apressado e sem a coragem da paciência, da averiguação, do perdão recíproco, da reconciliação e até do sacrifício”<sup>141</sup> fruto de problemas sociais, profissionais e financeiros. Um provérbio que muito se enquadra neste ponto e sobre as famílias é “Em casa que não há pão todos ralham e ninguém tem razão”.

Outra tipologia de Família, seria as famílias monoparentais compostas apenas pelo pai ou a mãe, encarregues de cuidar dos filhos. Esta realidade acontece por variados motivos, pela morte de um dos cônjuges, pelo abandono da Família da mãe ou do pai.

---

<sup>136</sup> Cf. Francisco, Exortação Apostólica Pós-Sinodal "*Amoris Laetitia*" (19 de março de 2016), § 179.

<sup>137</sup> Sínodo dos Bispos, XIV Assembleia Geral Ordinária - A vocação e a missão da família na Igreja e no mundo contemporâneo - Relatório final do Sínodo dos Bispos ao Santo Padre Francisco (24 de outubro de 2015), §84.

<sup>138</sup> Padres Sinodais, *Relatio Synodi* – “Os desafios pastorais sobre a família no contexto da Evangelização”. (18 de outubro de 2014), §242.

<sup>139</sup> Cf. Francisco, Exortação Apostólica Pós-Sinodal "*Amoris Laetitia*" (19 de março de 2016), § 78, 242, 246, 297, 298, 300.

<sup>140</sup> *Ibidem*, §241.

<sup>141</sup> *Ibidem*, §41.

Temos ainda de referir as chamadas famílias arco-íris<sup>142</sup> fortemente influenciadas pelo aumento dos novos movimentos sociais que têm englobado as famílias homossexuais nas tipologias familiares. Importa referir que embora nas sociedades estas realidades familiares sejam contempladas, não seguem a visão cristã de Família.

#### 4. Documentos do Magistério da Igreja sobre a Família

Perante estas mutações e adaptações das famílias às realidades sociais, importa verificar de que forma o Magistério da Igreja tem reagido ao longo destes últimos cinquenta anos, no que respeita à Família, ao matrimónio e à sociedade. Como tal iremos analisar de um modo breve, as Exortações Apostólicas *Familiaris Consortio e Amoris Laetitia*, pois múltiplas das realidades sobre estas Exortações Apostólicas, encontram-se referenciadas ao longo de todo o estudo.

##### 4.1. Exortação Apostólica *Familiaris Consortio*

A Exortação Apostólica *Familiaris Consortio* do Papa João Paulo II, de 22 de novembro de 1981, é um documento que pretende refletir sobre a função da Família cristã no mundo de hoje, onde analisa a realidade da Família na sociedade e reforça o exemplo das Famílias cristãs que seguem o plano de Deus para a Família. Procura através do exemplo das famílias que seguem os valores tradicionais chegar aquelas que de alguma forma pensam ser difícil continuar a viver em Família. Defende o matrimónio e a união conjugal da Família radicada no amor, bem como, valores que a Família deve procurar ensinar e manter: “A Família, fundada e vivificada pelo amor, é uma comunidade de pessoas: dos esposos, homem e mulher, dos pais e dos filhos, dos parentes. A sua primeira tarefa é a de viver fielmente a realidade da comunhão num constante empenho por fazer crescer uma autêntica comunidade de pessoas”<sup>143</sup>.

A Exortação Apostólica *Familiaris Consortio*, encontra-se dividida em quatro partes principais: primeira com o título de “luzes e sombras da Família na atualidade”; a segunda, “o

---

<sup>142</sup> Bernardo Mendonça, “Quando as famílias são arco-íris.” *Expresso*, 11 2015. <https://expresso.pt/sociedade/2015-11-20-Quando-as-familias-sao-arco-iris> (consultado a 2 de janeiro de 2019).

<sup>143</sup> João Paulo II, Exortação Apostólica “*Familiaris Consortio*” (22 de novembro de 1981), §18.

desígnio de Deus sobre o matrimónio e a Família”; a terceira, “a missão da Família cristã” e a quarta e última parte “a pastoral familiar” dedicada à pastoral.

#### 4.2. Exortação Apostólica *Amoris Laetitia*

A Exortação Apostólica *Amoris Laetitia* do Papa Francisco, de 19 de março de 2016, é um documento que pretende refletir sobre o amor na Família, esta Exortação inicia a reforçar a importância da alegria do amor, gerador de afetos.

Esta encontra-se dividida em nove capítulos: o primeiro capítulo I “À luz da palavra”; segundo “a realidade e os desafios das famílias”; terceiro “o olhar Fixo em Jesus: a vocação da Família”; quarto o “Amor no matrimónio”; quinto “o Amor que se torna Fecundo” sexto “Algumas perspectivas pastorais”; sétimo “reforçar a educação dos Filhos”; oitavo “Acompanhar, discernir e integrar a Fragilidade e nono “espiritualidade conjugal e Família”.

Apresenta um cenário mais aproximado das famílias, indo ao encontro das seus problemas e dificuldades procurando acompanhá-las nas suas adversidades diárias. Centra-se no fator da esperança. Enquanto Igreja de pecadores não nega o pecado e não abandona aqueles que de alguma forma caíram no erro. Neste ponto importa frisar que a comunidade de amor é um dos objetivos desta Exortação mesmo no meio de uma sociedade egoísta e narcisista, o desejo de Família permanece.

Urge, assim, ajudar as famílias que passam por dificuldades, pois a realidade social encontra-se a dificultar os laços familiares e as vidas conjugais. Propondo soluções e respostas aos problemas das famílias e às difíceis exigências da vida conjugal. Aquilo que encontramos no capítulo VIII sobre Acompanhar, discernir e integrar a Fragilidade (AL 293-312) Para que aquelas famílias que passam por dificuldades possam ser ajudadas e com o exemplo de outras famílias superar algumas dessas dificuldades. Defende a indissolubilidade do matrimónio, procurando manter a visão cristã, mas não deixa de parte a necessidade de se ajudar as famílias de divorciados “Por isso, as comunidades cristãs não devem deixar sozinhos os pais divorciados que vivem numa nova união. Pelo contrário, devem integrá-los e acompanhá-los na sua função educativa”<sup>144</sup>.

Não negando a visão cristã de Família e do matrimónio, procura acompanhar e acolher aqueles que pelos mais variados motivos falharam no compromisso do matrimónio e da vida

---

<sup>144</sup> Francisco, Exortação Apostólica Pós-Sinodal "*Amoris Laetitia*" (19 de março de 2016), § 246.

conjugal. “Ninguém pode ser condenado para sempre, porque esta não é a lógica do Evangelho! Não me refiro só aos divorciados que vivem numa nova união, mas a todos seja qual for a situação em que se encontrem”<sup>145</sup>.

## 5. Síntese

Neste capítulo sobre a Família muito mais se poderia ter dito e alguns temas mais explorados. A realidade que se procurou explorar foi-se ramificando à medida que se ia aprofundando as fontes bibliográficas. Cremos que de alguma forma as realidades apresentadas neste capítulo vão ao encontro das propostas sugeridas por alguns autores segundo os quais nos alicerçámos de forma a conduzir este estudo.

Procuramos abordar alguns temas relacionados com a Família, desde a sua realidade histórica múltiplas definições de Família, a missão e funções da Família. Onde tentamos englobar e aprofundar o projeto de Deus para a Família debruçando-nos em alguns exemplos de famílias na Bíblia.

Partindo da realidade histórica “A Família situa-se numa teia de relações económicas, sociais, culturais, políticas e a sua história não pode ser feita fora dessa realidade”<sup>146</sup>; como tal procuramos aprofundar algumas dessas alterações sociais dos últimos três séculos.

Ao tentar definir a Família encontramos ainda várias realidades interligadas, como por exemplo as dimensões social e biológica da Família. Onde procuramos aprofundar a dimensão social, pois durante o estudo foi aquela que constatamos mais autores a aprofundar, como a realidade que tem levado a Família a adaptar-se às necessidades da sociedade. “A Família não é um sistema fechado em si mesmo, mas como complexo ator social, mergulhados em processos interativos com a sociedade”<sup>147</sup>.

Embora não exaustivas, as conclusões demonstram que a Família tem mudado e a forma de viver a Família também. Embora as crises na Família sempre tenham existido e as múltiplas tipologias familiares não sejam um fenómeno recente “desde os tempos remotos que a Família

---

<sup>145</sup> *Ibidem*, §297.

<sup>146</sup> Helena Osswald *A Família Portuguesa no Século XXI*. Editado por Carla Maia e Otilia Monteiro Fernandes, (Lisboa: Parsifal, 2015), 13.

<sup>147</sup> Chiara Saraceno, *Sociologia da família*. (Lisboa: Editorial Estampa, 1997), 16.

conjugal tem coexistido com muitas outras formas de Família, de índole associativa, patriarcal ou paternal”<sup>148</sup>.

Importa clarificar que a Família como realidade perfeita não existe. As famílias sempre foram pautadas por problemas, conflitos, momentos de superação e aprendizagem, outras de rutura. Constatações que encontramos em passagens bíblicas e nos próprios documentos do Magistério da Igreja Os documentos do Magistério da Igreja das Exortações Apostólicas *Familiaris Consortio* e *Amoris Laetitia*, referem isso mesmo a inexistência de famílias perfeitas “Não há famílias perfeitas, mas isto não nos deve desencorajar”<sup>149</sup> a ajudar na fragilidade e mau momento pelo qual passam algumas famílias atualmente.

"A Família é o ponto de encontro de um conjunto de processos que afectam globalmente a sociedade”<sup>150</sup>. Hoje, mais do que nunca, os sinais do tempo devem ser interpretados. Analisar os alicerces em que as Família se fundam. A forma de ver e viver a Família.

Os documentos do Magistério da Igreja das Exortações Apostólicas *Familiaris Consortio* e *Amoris Laetitia*, abordados neste capítulo, procuram acompanhar as mudanças na forma dos casais e dos membros das famílias viverem a Família. Procurando acompanhar a realidade social e crises familiares, mas sempre com alguma cautela, pois procuram seguir a tradição cristã de Família, mas não querendo abandonar as famílias nas suas dificuldades, procurando acompanhar os sinais dos tempos e as suas dificuldades para as poder ajudar.

---

<sup>148</sup> Frei Bernardo Domingues, *Aspetos da Família e da educação para o futuro* (Porto: Metanoia, 2002), 54.

<sup>149</sup> Cf. Francisco, Discurso na Festa das Famílias, Filadélfia, 26 de setembro de 2015.

<sup>150</sup> Anthony Giddens, *Sociologia*. 6ª. Traduzido por Alexandra Figueiredo, (Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008),179.

## CAPÍTULO II – A REALIDADE FAMILIAR NOS FILMES DAS PRINCESAS DA DISNEY

Após a análise das várias representações históricas da Família, das múltiplas abrangências da definição de Família e do acompanhamento que o Magistério da Igreja tem dedicado ao tema da Família, aprofundadas no capítulo anterior, iremos agora fazer uma aproximação à forma como o cinema de animação dos filmes das Princesas da Disney tem representado a Família ao longo dos tempos.

As realidades das vivências humanas são, por vezes, difíceis, estas refletem-se em vários aspetos da vida das pessoas, entre elas, a esfera familiar que em certos momentos da vida passa por dificuldades, nas quais cada família tenta ultrapassar essas dificuldades de forma diferente. “A história duma Família está marcada por crises de todo o género” e “Cada crise implica uma aprendizagem”<sup>151</sup>.

Se Família é uma realidade difícil de se viver, é ainda mais complexo defini-la e tal encontra-se patente nestes filmes. Várias são as questões que nos surgem. Os filmes apresentam algum exemplo de Família modelo? A realidade familiar é perfeita? Existem funções definidas de Família que possamos seguir?

Neste capítulo vamos analisar a realidade familiar de cada uma das Princesas da Disney para ver como estas se apresentam, como são compostas, qual o valor da Família nestas animações, se existem funções definidas para cada um dos membros da Família, entre outros. Procuramos, neste estudo, analisar a realidade do cinema de animação e a forma como as famílias das Princesas das Disney são retratadas. Quais as realidades apresentadas sobre a Família nestes filmes, se reproduzem a realidade da sociedade, se possuem pontos de convergência, entre a forma tradicional cristã de Família e se acompanham os últimos documentos do Magistério da Igreja sobre a Família. Iremos analisar estas obras cinematográficas procurando descortinar a forma como as famílias são retratadas em cada um dos filmes, seguindo a ordem cronológica do lançamento do filme. Por questões de pertinência e de gestão de tempo, apenas nos focaremos no primeiro filme de animação de cada uma das Princesas da Disney.

Há Princesas com séries de cinco e seis temporadas, com episódios para ver durante três anos. Assumimos assim a limitação humana do estudo, e a coerência do mesmo. Uma vez que algumas realidades podem ter sido corrigidas pelos realizadores nas séries ou nos filmes

---

<sup>151</sup> Francisco, Exortação Apostólica Pós-Sinodal "*Amoris Laetitia*" (19 de março de 2016), §232.

daquela Princesa em questão, como tal apenas nos referiremos ao primeiro filme de animação lançado pela Disney sobre a Princesa em questão.

Iremos começar pelas sinopses dos filmes, procurando que o leitor menos esclarecido sobre o tema, possa de alguma forma acompanhar a leitura deste trabalho. Posteriormente, iremos analisar a forma como cada filme retrata e vive a Família. Verificar se as famílias nestes filmes acompanham as mudanças sociais e se existe alguma evolução na forma como são representadas as Família das Princesas da Disney nos vários filmes, ao longo dos anos. Procuraremos, ainda, contextualizar e fazer uma aproximação da vida familiar de cada uma das Princesas da Disney à forma de ver a Família tradicional cristã e/ou se conseguimos retratar a definição de Família de acordo com os documentos do Magistério da Igreja sobre a Família. Este é o ponto de análise onde o nosso trabalho se alicerça.

Quando falamos das Princesas assumimos logo a “vidas perfeitas” de luxo. “Tens vida de Princesa”; a própria definição de Princesa<sup>152</sup> remete para a realeza ou para esposa do Príncipe.

A temática das Princesas da Disney poderá parecer à partida um tema muito estanque e pouco teológico, inicialmente ponderamos que poderia ser difícil torná-lo num tema apelativo, mas com o aprofundar do estudo, tornou-se mais fundamentado e interessante.

O próprio conceito de “contos de fadas”<sup>153</sup>, segundo o dicionário<sup>154</sup> remete para uma “história infantil que narra acontecimentos em que participam fadas e outras figuras imaginárias”, possuem uma conotação à partida apenas fictícia. Mas as histórias e os contos sempre fizeram parte da realidade humana, evoluíram e acompanharam as necessidades da humanidade, umas englobando apenas a ficção, outras transmitindo ensinamentos e narrando acontecimentos e realidades históricas e sociais.

“Embora, no Ocidente, o conto maravilhoso se tenha convertido há muito tempo em literatura de diversão (para as crianças e os camponeses) ou de evasão (para os habitantes das cidades), ele ainda apresenta a estrutura de uma aventura infinitamente séria e responsável, pois se reduz, em suma, a um enredo iniciatório: nele reencontramos sempre as provas iniciatórias (lutas contra o monstro, obstáculos aparentemente insuperáveis, enigmas a serem solucionados, tarefas impossíveis, etc.), a descida ao Inferno ou a ascensão ao Céu (ou o que vem a dar no mesmo, a morte e a ressurreição) e o casamento com a Princesa”<sup>155</sup>.

---

<sup>152</sup> Cf. Dicionário Editora da Língua Portuguesa 10.<sup>a</sup> Edição (Porto Editora: Porto, 2018).

<sup>153</sup> Conto in Dicionário infopédia da Língua Portuguesa [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2019. [consult. 2019-08-28 14:48:21]. Disponível na Internet: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/conto>

<sup>154</sup> Cf. Dicionário Editora da Língua Portuguesa 10.<sup>a</sup> Edição (Porto Editora: Porto, 2018).

<sup>155</sup> Eliade, Mircea. *Mito e Realidade*. Traduzido por Pola Civelli, (São Paulo: Editora Prespectiva, 1972), 141.

Neste pensamento de Mircea Eliade podemos ver que nem tudo é ficção e que algumas realidades retratadas nestes contos espelham a realidade humana, as necessidades sociais e com uma leitura mais atenta inclusive outro tipo de realidades. “ Para o cristão que sabe ver não há nada no mundo que não revele Deus. Tudo no mundo, é idóneo para conduzir a Deus”<sup>156</sup> “Os símbolos religiosos e os rituais estão muitas vezes integrados na cultura material e artística da sociedade”<sup>157</sup>.

## 1. Sinopse das histórias das Princesas da Disney

Muito se podia especular sobre as múltiplas realidades que iríamos encontrar ao aprofundarmos este tema, mas como apresentaremos de seguida, a realidade nunca é linear e simples.

O compromisso de estudar a realidade das famílias das Princesas da Disney estava pré-concebido. No entanto, aquando da revisão cinematográfica, a realidade e as ramificações foram crescendo exponencialmente, em temas pouco defendidos, sobretudo numa sociedade laica e anticlerical.

As sinopses dos filmes foram revistas nas contracapas dos filmes oficiais da Disney, no site oficial da Disney<sup>158</sup> e também no site oficial da Disney em Portugal<sup>159</sup>. Iremos referir-nos pormenorizadamente a cada uma das Princesas segundo o ano de estreia do filme em que é protagonista, acompanhando assim a sua evolução ao longo dos tempos.

### 1.1. Branca de Neve

Produzido pela Disney numa adaptação de um conto dos irmãos Grimm iniciada em 1934, tendo estreado em 1937.

A história de Branca de Neve retrata a vida de uma jovem órfã que vive com a sua madrasta, a rainha. Branca de Neve, devido à sua beleza, é mandada matar pela madrasta. Sendo, assim, obrigada a fugir do reino. O caçador encarregue de a matar não conseguiu

---

<sup>156</sup> Cf. Henry de Lubac . *Il Pensiero religioso di padre Teilhard de Chardin*. (Milão: Jaca Book, 1983),34.

<sup>157</sup> Anthony Giddens, *Sociologia*. 6ª. Traduzido por Alexandra Figueiredo, (Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008),537.

<sup>158</sup> The Walt Disney Company Limited.(consultado a 10 de fevereiro de 2019) <https://www.thewaltdisneycompany.eu>

<sup>159</sup> Disney Interactive Media Group (consultado a 10 de fevereiro de 2019) <https://disney.pt/filmes>

cumprir a sua missão e aconselha-a a desaparecer. Apavorada, foge e perde-se no meio do bosque, onde encontra a casa de sete anões que a acolhem. Mais tarde, a rainha ao saber que Branca de Neve ainda estava viva, decide envenená-la com uma maçã, que só a magia de um beijo de amor verdadeiro a conseguiria salvar. Neste filme temos uma luta constante entre o bem e o mal e a inveja como pecado capital.

### 1.2. *Cinderela*

Cinderela foi um filme produzido pela Disney em 1950, baseado no conto de fadas de Charles Perrault e da versão dos contos dos irmãos Grimm.

Cinderela surge como filha de um nobre viúvo, que ao ver a sua filha sem mãe, decide juntar-se a uma viúva, Madame Tremaine, e suas duas filhas, Anastácia e Drizella. Posteriormente com a morte do pai de Cinderela, a vida desta jovem muda, tornando-se praticamente empregada da Madame Tremaine e das suas duas filhas. Cinderela cresce e sonha com uma vida melhor. Um dia, o jovem Príncipe do decide convidar todas as jovens do reino, a fim de escolher a sua futura esposa. Cinderela, com ajuda da fada madrinha e da sua varinha mágica, transforma as suas roupas velhas num deslumbrante vestido de baile. Mas toda a magia tem uma duração e esta termina quando tocam as doze badaladas.

O filme foi, entretanto, alvo de duas continuações: *Cinderella II: Dreams Come True* 2002 e *Cinderella III: A Twist in Time* 2007. Filmes que não foram englobados neste estudo.

### 1.3. *A Bela Adormecida*

A Bela Adormecida, filme de 1959, uma produção da Disney baseada nos contos de Charles Perrault e da versão dos contos dos irmãos Grimm.

A história centra-se em Aurora, filha dos reis Estevão e Leah, que após o seu nascimento, convidam três fadas madrinhas Fauna, Flora e Primavera para dotarem Aurora de qualidades. Foram atribuídos a Aurora o dom da beleza e da bondade, mas, entretanto, surge uma quarta fada de nome Maléfica que decide lançar-lhe uma maldição. Maldição essa que quando Aurora fizesse 16 anos picar-se-ia num fuso de uma roca e morreria. No entanto, a fada Primavera que ainda não havia dado o seu presente tenta reverter o feitiço, referindo que a Princesa Aurora não morreria, mas entraria num sono profundo e só acordaria com um beijo de amor verdadeiro.

#### *1.4. Ariel, A Pequena Sereia*

Pequena Sereia foi um filme de 1989, produzido pela Disney baseado no conto de Hans Christian Andersen.

Ariel é uma Pequena Sereia que vive no fundo do mar com o seu pai Tritão, rei dos mares e as suas seis irmãs. Ariel vive fascinada pelo mundo dos humanos e sonha tornar-se humana. Mas o pai proíbe-a de comunicar com os humanos, chega inclusivamente a gritar com ela. Ariel ignora as ordens do seu pai e, um dia, salva o Príncipe Eric de se afogar. Vindo mesmo a apaixonar-se por este. Na ilusão de se transformar em humana pede a Úrsula, uma bruxa do fundo do mar, que a transforme em humana. Esta bruxa aceita ajudar a jovem, mas com a condição de ficar com a sua voz caso o príncipe não se apaixone por ela. A jovem concorda e acaba por perder a sua voz.

Este filme foi palco de continuação, primeiro através de uma série de televisão 1993 a 1996 e posteriormente através dos filmes *A Pequena Sereia 2 - Regresso ao Mar* 2000 e *O Segredo da Pequena Sereia* 2008.

#### *1.5. A Bela e o Monstro*

*A Bela e o Monstro* é um filme de animação produzido pela Disney em 1991, a história terá sido baseada num conto francês de Jeanne-Marie Le Prince de Beaumont.

Bela é uma jovem simpática e alegre que adora ler e que vive com o seu pai, Maurice, um inventor que um dia é atacado por uma alcateia de lobos e foge para um castelo, onde vive um monstro que foi enfeitado por uma bruxa. Feitiço esse que só seria quebrado se este encontrasse o verdadeiro amor. Maurice por ter invadido o castelo fica preso, mas perante o seu estado debilitado, o monstro permite que outra pessoa fique no seu lugar. A jovem Bela, altruísta, decide ficar no lugar do pai. Bela teria de viver com ajuda dos criados do castelo, entretanto transformados em utensílios de casa e com o monstro de temperamento difícil.

#### *1.6. Aladino*

*Aladino* é um filme produzido pela Disney em 1992, baseado nos contos *Árabes das mil e uma noites*.

Este filme é o primeiro da saga dos filmes das Princesas da Disney em que a personagem principal não é uma Princesa. Mas, embora a história decorra em torno de Aladino, um jovem órfão, a Princesa Jasmine tem um papel muito importante nesta história. Jasmine, uma jovem Princesa, filha do Sultão, não quer casar com os pretendentes que o pai lhe escolhe. Esta decide fugir do castelo e mascara-se de camponesa, conhecendo, assim, Aladino. Neste encontro furtivo, a vida dos dois muda completamente. Aladino encontra uma lâmpada mágica e Jasmine é obrigada a casar com Jaffar.

Foi palco de uma série de televisão produzida entre 1994 e 1996 e de continuação nos filmes: O Regresso de Jafar 1994 e Aladino e os 40 Ladrões 1996.

### *1.7. Pocahontas*

Pocahontas é um filme realizado pela Disney em 1995 baseado numa lenda de índios norte-americanos.

O filme Pocahontas retrata a vida de uma Princesa índia que vive numa reserva natural de Índios. A vida desta Princesa muda completamente com a chegada de um conjunto de colonos ingleses à procura de ouro. Liderados pelo ganancioso governador Ratcliffe e o corajoso capitão John Smith com o qual desencadeou uma forte amizade.

O filme foi palco de uma continuação Pocahontas II - Viagem a um Mundo Novo em 1998.

### *1.8. Mulan*

Mulan é um filme produzido pela Disney em 1998 baseado na lenda chinesa de Hua Mulan.

O filme gira em torno de uma jovem que vive à margem das tradições e da cultura chinesa da época. O enredo desenrola-se em torno de um conflito armado entre a China e os Hunos, onde os filhos primogénitos são chamados para se alistarem no exército imperial, representando as suas famílias. Como Mulan é a única filha de Fa Zhou e o seu pai tem um estado de saúde frágil, esta, altruísta e destemida, decide disfarçar-se de homem e alistar-se no exército imperial, liderado pelo Capitão Shang. Este último e Mulan desenvolvem uma forte amizade.

Foi palco de uma continuação em *Mulan II*, 2004.

### *1.9. A Princesa e o Sapo*

A Princesa e o sapo é um filme realizado pela Disney em 2009, baseado nos contos de fadas dos irmãos Grimm e no romance de ED Baker, “*The Frog Princess*”.

Tiana, uma jovem dos bairros da cidade de Nova Orleães, Estados Unidos da América, partilha com o pai, desde criança, o sonho de abrir um restaurante. Motivo pelo qual trabalha afincadamente com o objetivo de conseguir acumular dinheiro suficiente para alcançar esse sonho. Um dia conhece um sapo que diz ser o Príncipe Naveen. Este ao olhar para Tiana, vestida de Princesa, pede-lhe que o beije e o liberte do feitiço. Tiana aceita, desde que o Príncipe prometa ajudá-la a abrir o restaurante. Este aceita e Tiana beija-o, mas em vez de o Príncipe deixar de ser um sapo, o feitiço faz com que Tiana se transforme também num sapo. Nesta situação tiveram de se ajudar mutuamente para acabar com o feitiço que somente termina com o beijo de uma Princesa verdadeira.

### *1.10. Entrelaçados (Rapunzel)*

Entrelaçados é um filme realizado pela Disney em 2010, baseado nos contos de fadas dos irmãos Grimm.

Rapunzel é a única filha do Rei Frederic e da Rainha Arianna que foi raptada ainda criança por Gothel uma bruxa. Esta faz-se passar por mãe de Rapunzel, fecha-a numa torre sem escadas. Rapunzel vive com o desejo de saber o que são as estrelas que iluminam o céu todos os anos, apenas no dia do seu aniversário. O seu sonho era sair da torre e conhecer o mundo, mas Gothel, não quer que esta saia da torre, pois os longos cabelos de Rapunzel possuem a capacidade de tornar jovem qualquer pessoa, sempre que se canta uma música específica ao seu lado. Tudo muda quando o ladrão mais procurado do reino, Flynn Rider decide esconder-se na torre de Rapunzel.

Este filme teve uma continuação, *Entrelaçados Outra Vez*, 2017, e numa série ainda a ser produzida desde então.

### *1.11. Brave - Indomável*

Brave um filme coproduzido pela Disney e Pixar em 2012.

Retrata a vida de uma Princesa das terras altas na Escócia , ensinada e educada para ser uma fiel cópia da mãe, a rainha Elinor. Mas, contrapondo com os gostos da mãe, adora praticar tiro com arco que o pai, o Rei Fergus, sempre incentivou. Corajosa e determinada, decide desafiar a mãe e a tradicional educação das Princesas e dos costumes escoceses ao partir numa aventura para procurar o seu próprio destino. Conhece uma bruxa que muda a sua vida e a de toda a família.

### *1.12. A Princesa Sofia - Era uma Vez*

O filme A Princesa Sofia é uma produção da Disney, de 2012.

Sofia é a filha de uma artesã que vivia na aldeia e tinha uma vida calma e tranquila. Até que um dia, a mãe, Miranda e o Rei Roland II se apaixonam e decidem casar. Tudo muda para Sofia, começando por ter de aprender a ser uma Princesa e a viver num castelo. Deixa a vida da aldeia e as amigas de infância e vai viver no castelo, com o padrasto, o Rei Roland II e os seus meios-irmãos, Amber e James. Um dia, o Rei, ao saber da tristeza de Sofia, decide dar-lhe um colar à escolha. Sofia acaba por escolher o amuleto mágico de Avalor e tudo muda.

Continuado em série ainda em exibição desde o final de 2012. Nesta série, a Princesa, sempre que precisa, pode pedir ajuda às Princesas anteriormente referidas através de um amuleto mágico.

### *1.13. Frozen, O reino do gelo*

Frozen é um filme realizado pela Disney em 2013, baseado no conto de fadas de Hans Christian Andersen.

A história roda em torno de duas irmãs, Elsa e Anna, as Princesas de Arendelle, que eram muito próximas. Um dia, Elsa que possuía um poder de transformar as coisas em gelo, atingiu acidentalmente Anna na cabeça e esta perde os sentidos. Os Reis, pais de Elsa e Anna, precisaram de pedir ajuda aos trolles para a salvar. Anna foi salva, mas perdeu as memórias de infância. Elsa foi obrigada a ficar longe da irmã Anna e ficou ainda obrigada a usar umas luvas.

As Princesas cresceram afastadas e tudo piora quando os pais acabam por falecer num naufrágio. Todo o enredo toma outras proporções quando Elsa é coroada rainha, após perfazer dezoito anos.

#### *1.14. Vaiana, um mar de aventuras*

Vaiana é um filme produzido pela Disney, em 2016, baseado nas lendas das ilhas do pacífico.

A história desenrola-se em torno de Vaiana, uma jovem corajosa e curiosa. Filha do chefe Tui e de Sina. A sua tribo, em tempos, havia sido de grandes navegadores. Vaiana é constantemente incentivada pela Avó Tála a procurar as suas origens. A avó defende que Vaiana é a escolhida para salvar o seu povo, motivo que lhe desperta curiosidade. Procurando saber mais sobre os seus antepassados, Vaiana questiona o pai sobre o assunto, tema que este o evita. Vaiana ao ver a ilha a morrer aos poucos e a falta de peixe nos mares para alimentar o seu povo, decide solucionar o mal que cai sobre o seu povo, parte da ilha à procura do semideus, Maui, para restituir o coração da deusa TeFiti.

#### *1.15. Elena e o segredo de Avalor*

Elena e o segredo de Avalor é um filme produzido pela Disney, em 2016.

A história surge interligada entre duas Princesas, a Princesa Sofia que possui o amuleto mágico de Avalor e a Princesa Elena que foi aprisionada pelo feiticeiro Real Alakazar para a proteger da Rainha Shuriki. Alakazar pretendia libertar a Princesa Elena. Mas o tempo acaba por passar e este não consegue libertar a Princesa do amuleto. Com a morte de Alakazar, o amuleto anda perdido, até ser oferecido à Princesa Sofia. Esta procurará ajuda de Matteo um aprendiz de feiticeiro, neto de Alakazar para permitir a Elena sair do colar. E, posteriormente, recuperar o trono e libertar o povo da opressão de Shuriki.

Continuado em série ainda em exibição desde 2016.

## 2. As realidades Familiares das Princesas da Disney

Os filmes das Princesas da Disney podem ser uma forma de analisar as realidades familiares existentes na sociedade. Nos diversos filmes são representados vários tipos de estruturas familiares onde são retratados alguns graus de parentesco e funções da Família.

Neste ponto iremos caracterizar a vida familiar de cada uma das Princesas segundo a mesma lógica, ou seja, por ordem cronológica, de forma a verificar a possibilidade de evolução nas representações das realidades familiares neste tipo de animação.

### 2.1. Branca de Neve

Na realidade familiar de Branca de Neve a história começa com um “Era uma vez” e é contada a partir de livros da Idade Média com iluminuras e letras capitulares.

Branca de Neve é uma jovem órfã e não é referido o que terá acontecido com os progenitores. A única ligação de parentesco é a Rainha, madrasta de Branca de Neve conhecida apenas como a Rainha.

A única Família conhecida no filme é, então, a madrasta, abrangendo apenas a coabitação. Mas neste ponto, e como havíamos referido no primeiro capítulo, a Família é uma realidade muito abrangente que pode englobar a Família sanguínea, a Família que nos acolhe ou a Família que coabita connosco, entre outras. No desenrolar da história, Branca de Neve é acolhida por um grupo simpático de anões que a fazem viver com alegria num lar. A Família é aquela que nos faz sentir bem, amor, amizade, respeito, acolhimento em que cada um tem uma função e é aceite tal como é.

No final do filme a Família cresce, fruto do amor verdadeiro. O Príncipe encantado salva-a com um beijo de amor, acordando-a de um sono profundo e vivendo felizes para sempre. O amor à primeira vista é aqui descrito como real e possível, não é referido se estes contraem o matrimónio e se tiveram filhos.

Nesta adaptação cinematográfica da Disney, no que toca ao tema em estudo, importa salientar a questão da Família não ser apenas a de sangue, pois neste caso a figura principal do conto Branca de Neve fica, desde muito cedo, sem pais e outros parentes, ficando apenas à guarda da madrasta, coabitação que, embora não sendo o melhor exemplo, é a Família que dispõe grande parte do conto.

Interessante no conto é que Família não é apenas a Família consanguínea, mas é também aquela que escolhermos formar. De facto, isso está bem patente na Família que Branca de Neve escolhe, uma formada por sete anões que a acolhem num momento bem difícil da vida. “A Família deve ser sempre o lugar onde uma pessoa que consegue algo de bom na vida, sabe que ali se vão congratular com ela”<sup>160</sup>, e depois uma Família com o Príncipe encantado pelo qual se irá apaixonar e viver feliz para sempre.

## 2.2. Cinderela

A realidade familiar em Cinderela começa com o clássico “Era uma vez” e a história é contada tal como nos filmes anteriores a partir de livros com iluminuras e letras capitulares.

A Família de Cinderela, neste desenho animado, surge como uma Família monoparental, composta apenas por ela e pelo pai, um nobre viúvo, que pretende o melhor para a sua filha. O Pai procura encontrar uma Família para o ajudar a criar a filha “o progenitor que vive com a criança deve encontrar apoio e conforto nas outras famílias”<sup>161</sup>. Decide juntar-se a uma viúva, Madame Tremaine com duas filhas, Anastácia e Drizella. Tudo correu bem, até ao momento da morte do pai de Cinderela, quando esta era ainda muito nova.

A Família passa então de monoparental para reconstruída com filhos de ambos os lados. Com a morte do pai de Cinderela e ficando esta a viver com a madrasta e as meias irmãs, assenta sobretudo na coabitação (ao invés de cuidar de Cinderela, a madrasta trata-a como empregada).

As meias-irmãs, filhas da madrasta Madame Tremaine de nome Anastácia e Drizella, são vistas como mimadas e muito más para Cinderela, à semelhança da mãe destas. Podemos constatar que os filhos seguem o exemplo dos pais no bem e no mal.

Depois de o Príncipe Encantado encontrar a Cinderela, apaixonam-se e vivem felizes para sempre. Embora não surja a cerimónia de casamento, os dois saem felizes de uma Igreja com Cinderela vestida de noiva e os sinos a tocar.

A família de Cinderela é agora composta por ela e pelo Príncipe.

---

<sup>160</sup> Francisco, Exortação Apostólica Pós-Sinodal "*Amoris Laetitia*" (19 de março de 2016), §110.

<sup>161</sup> *Ibidem*, §252.

### 2.3. A Bela Adormecida

A Bela Adormecida, história que começa com um “Era uma vez”, é contada tal como no filme anterior a partir de livros com iluminuras e letras capitulares. Esta história desenrola-se mais precisamente no século XIV como referido no filme.

A história inicia-se com o nascimento da filha dos reis, Estevão e Leah, de nome Aurora em homenagem à luz da manhã, porque veio iluminar o casal, “os filhos são uma dádiva! Cada um é único e irrepetível.<sup>162</sup> Um filho há muito desejado, “os filhos são amados antes de chegar”<sup>163</sup>.

Mas perante o feitiço de maléfica sobre Aurora, os pais preferem sacrificar o seu maior tesouro, um filho há muito desejado, para que esta seja criada em anonimato pelas fadas madrinhas até que complete dezasseis anos e fique fora de perigo de vida. “Na vida familiar, é preciso cultivar esta força do amor, que permite lutar contra o mal que a ameaça”<sup>164</sup>.

A realidade familiar é, assim, no início de uma família nuclear Pai e Mãe. Para depois ficar uma família adotiva, através das fadas madrinhas que surgem no filme como tias, sem que Aurora tenha conhecimento da existência de pais biológicos. A adoção é aqui referida como uma necessidade dos pais. Aos dezasseis anos, Aurora conhece pessoalmente o Príncipe Phillip, pese embora já o conhecesse de sonhos, pois sonhava constantemente com este Príncipe. Esta acaba por se picar no fuso da roca e cair num sono profundo, tal como todo o reino. Até que o Príncipe Phillip a salva com um beijo de verdadeiro amor.

O reencontro com os pais, o valor da família como aspeto central e o amor à primeira vista, são aspetos principais do nosso filme. Temos um baile real com o coroar do amor e a ambição de terem filhos, desejo dos pais de Aurora e do pai de Phillip, o rei Humberto. O filme termina com um “viveram felizes para sempre”.

### 2.4. Ariel, a Pequena Sereia

A partir deste filme, a introdução altera-se, não aparecem os livros com iluminuras a iniciar as histórias.

---

<sup>162</sup> Francisco, *Catequese* (11 de Fevereiro de 2015): *L'Osservatore Romano* (ed. semanal portuguesa de 12/II/2015), §16.

<sup>163</sup> *Ibidem*.

<sup>164</sup> Francisco, Exortação Apostólica Pós-Sinodal "*Amoris Laetitia*" (19 de março de 2016), §119.

Ariel é uma Pequena Sereia que vive no fundo do mar com o seu pai Tritão, o rei dos mares, e as suas seis irmãs. Temos assim uma família monoparental, mas com a presença de irmãs de sangue, outra realidade de agregado familiar. Não é feita qualquer referência à sua mãe.

Como Ariel vive fascinada pelo mundo dos humanos, esta acaba por conhecer o Príncipe Eric por quem se apaixona. No final da história, o rei Tritão, ao reconhecer que os sentimentos de Ariel por Eric são verdadeiros, permite que estes se casem e dá a Ariel a possibilidade de ser humana, mas com a condição de voltar e visitá-lo. Ariel reconcilia-se com o pai e diz “adoro-te, papá”. No final casaram numa cerimónia e viveram felizes para sempre. A família aqui é constituída por Ariel, o pai, as irmãs o marido e alargando-se aos sogros.

Neste filme podemos constatar que o amor não surge apenas pelo aspeto físico, pois Ariel mesmo sem voz é importante. Ao nível pedagógico pode-se relevar a importância do diálogo nos casais como forma de suprimir alguns conflitos. “Diálogo significa reconhecer o carácter conjuntamente espiritual e corpóreo da comunhão conjugal”<sup>165</sup>. “O diálogo é uma modalidade privilegiada e indispensável para viver, exprimir e maturar o amor na vida matrimonial e familiar”<sup>166</sup>.

A Família continua a ser um dos valores a preservar e a luta do bem contra o mal uma constante.

### 2.5. *A Bela e o Monstro*

No filme *A Bela e o Monstro* a realidade familiar é a de uma família monoparental. Bela vive com o seu pai, Maurice, a história não refere o que terá sucedido à sua mãe.

O amor verdadeiro surge sem olhar à questão do belo, no qual o feitiço é desfeito e Bela conhece verdadeiramente o Príncipe Adam (família díade e com o pai de Bela). Os dois viveram felizes para sempre, mas o casamento não é referido no filme.

A inveja e a cobiça são encontradas neste filme através de Gastão que ataca Adam para ficar com Bela “Não desejarás a casa do teu próximo. Não desejarás a mulher do teu próximo, o seu servo, a sua serva, o seu boi, o seu burro, e tudo o que é do teu próximo” (Ex 20,17). A luta do bem contra o mal é visível neste filme, o valor e a importância da Família. O egoísmo e

---

<sup>165</sup> Cf. João Paulo II, Exortação Apostólica “*Familiaris Consortio*” (22 de novembro de 1981), §32.

<sup>166</sup> Francisco, Exortação Apostólica Pós-Sinodal “*Amoris Laetitia*” (19 de março de 2016), §136.

a vaidade são tidos como aspetos a ter em conta na vida quotidiana, podendo ser tratado a nível pedagógico.

### 2.6. *Aladino*

Embora esta história tenha como personagem principal o jovem Aladino, órfão, é importante referir o papel da Princesa Jasmine, a filha do sultão (enquadrada numa família monoparental, não é referido o que terá sucedido com a sua mãe). A história segue também em torno do casamento, pois Jasmine não quer casar com quem o pai escolheu, decide fugir do castelo, conhecendo Aladino e criando empatia.

Aladino, após a descoberta da lâmpada mágica, deseja ser rico. Para conquistar Jasmine, usa a sua riqueza, mas esta não gosta da atitude de Aladino e afasta-o por este futilmente pensar que o dinheiro compra tudo. O génio já o havia salvaguardado que nos três desejos, não poderia contemplar o amor, não conseguia fazer com que alguém se apaixonasse por este.

No filme, Aladino aprende e muda a sua forma de ser, acabando por salvar o reino. Jasmine admira a sua coragem e altruísmo, apaixonando-se por ele. Como o sultão observa a tristeza da sua filha decide alterar as regras permitindo que Jasmine case com quem quiser e esta decide casar com Aladino, pese embora neste filme não cheguem a casar.

O tipo de amor verdadeiro tem vindo a mudar ao longo dos filmes, deixa de ser um amor à primeira vista, mas fruto de uma relação construída com tempo e diálogo, tendo em conta, não o aspeto físico, mas o interior da pessoa. “O amor pelo outro implica este gosto de contemplar e apreciar o que é belo e sagrado do seu ser pessoal”<sup>167</sup>. Novamente podemos refletir nos valores que pedagogicamente devemos incitar.

A realidade familiar neste filme é muito reduzida, atendendo a que Aladino é órfão e acolhido na família de Jasmine, uma família monoparental onde temos apenas Jasmine e o pai.

### 2.7. *Pochaontas*

A realidade familiar em Pochaontas segue a mesma estrutura das anteriores, composta apenas por ela e pelo pai, Powhatan, chefe da tribo, classificando-se como uma família

---

<sup>167</sup> Francisco, Exortação Apostólica Pós-Sinodal "*Amoris Laetitia*" (19 de março de 2016), §127.

monoparental, embora, viva em comunidade e os laços comunitários sejam muito fortes. Esta história é baseada nos índios norte-americanos.

A história gira em torno de Pochaontas e John Smith que não têm a mesma língua materna, mas falam a linguagem do amor e apaixonam-se à primeira vista, o sentimento vai crescendo mesmo sem uma comunicação fluente. Neste filme mantém-se a problemática dos progenitores, pais que pretendem impor um marido para as filhas e Pochaontas revolta-se, perguntando “ porque não posso escolher?”.

É referida a figura da avó, Vovó Willow, mas tendo em conta as crenças de algumas tribos, onde os Índios reencarnam em elementos da natureza, esta é descrita como um salgueiro falante. A preocupação com os elementos da natureza é um constante neste filme e os colonos ingleses são vistos como aqueles que vieram para os destruir. No final do filme, Pochaontas desafia o pai, sacrificando-se, para salvar o seu amado John Smith e diz: “Pai, o caminho do ódio nos trouxe a guerra. Pai, qual o caminho que vais escolher?”.

Neste filme o agregado familiar não sofre alterações e Pochaontas, no final fica sozinha já que John Smith fica ferido e tem de regressar a Inglaterra. Ao contrário dos filmes anteriores neste não temos um “viveram felizes para sempre”.

Podemos constatar, neste filme, o efeito dos choques culturais, permitindo-nos enriquecimentos pedagógicos.

## 2.8. *Mulan*

Mulan retrata a vida de uma jovem filha única de uma família tradicional alargada composta pelo Pai Fa Zhou, pela Mãe Fa Li e pela avó Fa. Pela primeira vez nas histórias da Disney, a figura física dos avós das Princesas da Disney é retratada. Nesta história o agregado familiar de Mulan vai além da coabitação. Toma-se consciência do amor, respeito, a função económica dos pais, dos afetos dos pais e da avó. “A família tornou-se o lugar de uma afeição necessária entre os cônjuges e entre pais e filhos algo que ela não era antes. Essa afeição se exprimiu sobretudo através da importância que se passou a atribuir à educação”<sup>168</sup>.

Temos as questões culturais dos papéis do homem e da mulher de séculos passados bem patentes neste filme. Mulan tenta contrariar as tradições. Podemos analisar esta rutura numa

---

<sup>168</sup> Philippe Ariès. *História Social da Criança e da Família*. 2ª. Traduzido por Dora Flaksman. (Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1981), 11.

tentativa de trazer à realidade aspetos sociais, indo ao encontro da sociedade atual e do rompimento com algumas tradições, designadamente de desigualdade de género no papel da mulher na sociedade e no exército.

Mulan prova ser capaz de competir com qualquer homem e acaba por salvar a China e trazer glória à sua família. O Capitão Li Shang e Mulan apaixonam-se, mas não chegam a casar, pelo menos neste filme.

A importância da Família volta a ser o tema principal da história. Surgem muitas referências aos antepassados que pretendem o melhor, protegendo os familiares com dragões, para que consigam trazer honra à família. Temos a luta do bem contra o mal e está patente, neste filme, o choque ideológico entre homem e mulher.

### 2.9. *A Princesa e o Sapo*

A história da Princesa e o Sapo pretende retratar a vida de uma jovem trabalhadora de um bairro de Nova Orleães. Tiana vive com os seus pais Eudora (mãe) e James (pai). Vivem felizes numa família tradicional que gosta de partilhar com os vizinhos o pouco que tem. A vida desta muda com a morte do pai James. Verificando-se, assim, uma viragem na realidade familiar da Disney deixa de ser uma Famílias monoparental patriarcal para ser matriarcal.

O Príncipe deixa de ser retratado como um Príncipe encantado, mas um mulherengo e boémio, realidade também em mudança nos filmes da Disney, o Príncipe deixa de ser um arquétipo de perfeição. Ambos se tornam sapos e começam a desenvolver um sentimento de amor, acabando por aprender a se relacionar, ignorando as aparências, valorizando o amor pela globalidade da pessoa. E os papéis invertem-se, pois, o Príncipe depende do beijo salvador ao contrário das primeiras histórias em que as Princesas dependiam do beijo salvador do Príncipe.

A filha, Tiana, partilha o sonho com o pai de ter um restaurante. O trabalho é visto como digno e fundamental, corroborando que “O facto de o trabalho ser uma parte fundamental da dignidade da vida humana”<sup>169</sup> e “O próprio apóstolo Paulo sentia-se orgulhoso por ter vivido sem ser um fardo para os outros, porque trabalhou com as suas mãos, garantindo-se deste modo o sustento”<sup>170</sup>. No filme encontra-se também espelhada a importância de se partilhar a comida com os outros.

---

<sup>169</sup> Francisco, Exortação Apostólica Pós-Sinodal "Amoris Laetitia" (19 de março de 2016), §23.

<sup>170</sup> *Ibidem*, §24.

O casamento é neste filme o consumar do amor verdadeiro. A realidade familiar é composta pelo casal, pela mãe de Tiana, pelos familiares do Príncipe, o irmão (Príncipe Ralphy) e os reis da Maldónia. A importância da Família é novamente encontrada neste filme e o casamento com cerimónia como o consumar do sonho. A luta do bem contra o mal é aqui representada pela magia negra, a inveja e a cobiça por parte de Lawrence, querendo a vida do Príncipe e do Dr. Facilier que sonha tornar-se rico e governando a cidade enganando as pessoas com o recurso à magia negra.

### *2.10. Entrelaçados (Rapunzel)*

A realidade familiar em Rapunzel começa com uma famílias tradicional nuclear fruto do amor dos pais, Rei Frederic e a Rainha Arianna. Numa noite trágica, Rapunzel é raptada do berço. Rapunzel é criada pela bruxa malvada Gothel que se faz passar por sua mãe. família monoparental matriarcal. Conhece Flynn Rider um ladrão que mudará de vida por amor. Apaixonam-se com o desenrolar da história. Novamente nas histórias da Disney, o Príncipe é salvo pela Princesa, mas desta vez, não por um beijo, mas por uma lágrima de amor. No final da história, o casal retorna a casa dos pais de Rapunzel que ficam maravilhados com o regresso da filha. Tornando-se aqui uma família tradicional composta pelo pai e pela mãe. No filme é mesmo proferida a seguinte frase “finalmente a Rapunzel estava em casa e tinha uma verdadeira família” Embora não tenham chegado a casar, verifica-se apenas o pedido de noivado e acabam o filme com o “vamos viver felizes para sempre”.

### *2.11. Brave - Indomável*

O filme sobre a Princesa Mérida em Brave-indomável representa uma família nuclear tradicional composta pela Princesa, a mãe, a Rainha Elinor, o pai, o Rei Fergus, e os irmãos trigêmeos Hamish, Harris e Hubert.

O tema familiar é o aspeto principal do filme. Primeiro o pai passa a vida na brincadeira com a filha. Posteriormente sacrifica-se para salvar a filha ao ser atacado por um urso, ficando sem uma perna. Perante a dificuldade em aceitar o tipo de vida que a Mãe lhe quer impor, Mérida vive em constantes quezílias com a mãe, uma vez que esta quer educá-la para ser uma Princesa e esta dá valor à sua liberdade, não querendo casar, muito menos por obrigação.

O filme manterá a tipologia familiar nuclear tradicional, reforçando os laços entre mãe e filha, estas irão perdoar-se mutuamente e entender-se cada vez melhor. Neste filme é interessante a novidade da introdução de irmãos trigémeos.

Podemos ainda constatar neste filme a luta contra o mal fruto da magia negra. No final não há Príncipe nem casamentos.

### *2.12. A Princesa Sofia Era uma vez*

Voltamos a ter uma história a começar com um “Era uma vez” e a história é contada tal como nos primeiros filmes a partir de um livro com iluminuras e letras capitulares. A Princesa Sofia é-nos apresentada no seio de uma tipologia familiar monoparental, matriarcal, vive com a sua mãe Miranda até que um dia casa com o Rei Roland II. Passando a verificar-se uma família reconstruída com filhos de ambas as partes. Não se sabe o que terá acontecido com os outros pais biológicos.

É interessante nesta composição familiar as disputas e quezílias entre os filhos de Roland II, James e Amber e Sofia. As situações são uma constante desde que acolhem a Princesa Sofia e a sua mãe no castelo. Mesmo depois do rei lhes ter pedido para as tratarem como família, estes passam o tempo todo a realizar partidas, por não quererem partilhar o pai com as duas. Permite-nos um olhar atento à realidade social de algumas famílias reconstruídas que possuem dificuldades em definir posições.

Verifica-se também aqui um ponto de partida para aprofundamento destes e de outros problemas patentes nas famílias reconstruídas. Podendo valorizar uma perspectiva metodológica e pedagógica.

Mas dentro das zangas, começam a surgir sentimentos de amor verdadeiro e amizade entre os meios-irmãos e a relação familiar começa a melhorar.

Outra realidade muito interessante e pertinente neste filme é quando Miranda, a Mãe de Sofia, se dirige a Amber, a então enteada, e diz “eu sei que não existem nas histórias madrastas boas, mas vou procurar mudar isso e ser uma boa madrasta” podemos ver a preocupação da Disney modificar a má imagem das madrastas dos contos ao longo dos tempos.

A família de Sofia passa de monoparental a reconstruída com um padrasto outro grau que nunca havia surgido nestes filmes, para as Princesas, e os meios-irmãos também Príncipe e Princesa.

### 2.13. *Frozen - O Reino do Gelo*

Frozen - O Reino do Gelo retrata a história de duas irmãs, Elsa e Anna, Princesas de Arendelle.

A realidade familiar destas duas irmãs é de uma família nuclear tradicional, o pai é o Rei Agnarr e a mãe a Rainha Iduna. Com a morte dos pais e, até atingirem os dezoito anos, estas ficam ao cuidado dos tutores do reino, os guardas reais, sem nunca se falarem desde o acidente que as envolveu, nem mesmo na morte dos pais se confortaram uma à outra. Inclusive depois de Anna pedir a Elsa para falarem, uma vez que “estavam as duas sós no mundo”.

A Família é um dos temas aprofundados neste enredo. O amor, o perdão e a reconciliação entre as irmãs são pontos positivos deste filme. “Exige, de facto, de todos e de cada um, pronta e generosa disponibilidade à compreensão, à tolerância, ao perdão, à reconciliação. Nenhuma Família ignora como o egoísmo, o desacordo, as tensões, os conflitos agridem, de forma violenta e, às vezes, mortal, a comunhão: daqui as múltiplas e variadas formas de divisão da vida familiar”<sup>171</sup>. Retrata ainda a procura do amor verdadeiro, que não provém do amor à primeira vista. O amor à primeira vista chega até a ser ridicularizado pelas personagens ao longo do filme. O amor da Princesa não é para com um Príncipe, mas para uma pessoa humilde e honesta sempre pronta para ajudar, Kristoff. Não existe casamento nem viveram felizes para sempre. O Príncipe Hans é retratado como alguém egoísta, interesseiro e falso.

A realidade familiar passa, então, de uma família nuclear para uma família sem pais. A morte é vista como uma realidade que origina sofrimento.

### 2.14. *Vaiana - Um Mar de Aventuras*

Neste filme a história passa-se na Polinésia, ilha no pacífico.

A realidade familiar é de uma família alargada composta por pai, o chefe Tui, pela mãe, Sina e pela avó, Tála. A coabitação, a educação, os afetos e o amor são característicos desta família, mas também têm zangas entre os cônjuges pela falta de alimentos, ou pela influência da avó na educação de Vaiana. Motivo pelo qual o pai de Vaiana não quer que esta entre no mar. A preocupação da jovem em saber a história dos seus antepassados é uma constante. “A

---

<sup>171</sup> João Paulo II, Exortação Apostólica “*Familiaris Consortio*” (22 de novembro de 1981), §21.

falta de memória histórica é um defeito grave da nossa sociedade. É a mentalidade imatura do ‘já está ultrapassado’. Conhecer e ser capaz de tomar posição perante os acontecimentos passados é a única possibilidade de construir um futuro que tenha sentido”<sup>172</sup>.

Vaiana, perante as dificuldades da tribo, nomeadamente a falta de alimentos, uma vez que a ilha se encontra a morrer, decide reagir. Com a morte da avó, esta sofre, mas sente que o destino a chama, contraria a vontade do pai e sai de casa para salvar o seu povo.

### 2.15. *Elena e o Segredo de Avalor*

A realidade familiar da Princesa Elena de Avalor é de uma família alargada e diversificada, temos o pai, o Rei Raul, a mãe Rainha Lúcia, que morrem no início do filme. Restando a irmã, a Princesa Isabella, a avó Luísa, o avô Francisco e o primo Esteban que vivem todos juntos no castelo.

No caso de Elena de Avalor outra realidade familiar é apresentada como novidade, a presença de primos e sobretudo os avós na responsabilidade de cuidar dos netos. Não apenas na transmissão de ensinamentos, mas em cuidarem dos netos no caso de morte dos pais.

Os avós, neste filme, desempenham a função de pais face à morte destes, sendo responsáveis por cuidar e educar. Outro grau de parentesco que até à data não havia sido referido é o de primo, que tem um função interessante nesta história, desempenhando o papel de vilão juntamente com a bruxa Shuriki, mas posteriormente reconhecendo que errou e ajuda Elena a recuperar o reino derrubando Shuriki. Temos neste filme o pedido de desculpa, o perdão, e a reconciliação entre os membros da família. “Na Família, é necessário usar três palavras: com licença, obrigado, desculpa. Três palavras-chave”<sup>173</sup>.

A Família mantém-se como um dos temas fundamentais desta história, revelando o perdão, a reconciliação, a luta do bem contra o mal e o valor da amizade.

Neste enredo não temos Príncipes nem casamentos.

---

<sup>172</sup> Francisco, Exortação Apostólica Pós-Sinodal "*Amoris Laetitia*" (19 de março de 2016), §193.

<sup>173</sup> *Ibidem* §133.

### 3. Principais realidades familiares das Princesas da Disney

Podemos concluir que as tipologias familiares das Princesas da Disney não se apresentam como famílias perfeitas, pois faltam imensos membros, muitas mortes, orfandade, ou seja, privadas desde muito cedo do pai ou da mãe, ou de ambos. Algumas assentam em famílias más, sobretudo marcadas pela maldade das madrastas. Nos primeiros filmes, as tipologias familiares são pouco diversificadas a nível de agregado familiar, constituídos, sobretudo, por uma Família monoparental. Algumas Princesas têm inclusive alguns membros da família com má índole, as madrastas nos primeiros filmes e as meias-irmãs, com muita inveja e ciúmes.

Embora se denote uma preocupação da Disney em alterar aos poucos essa realidade, a Família passa a ser mais diversificada ao nível dos membros que a compõem. As irmãs de sangue surgem em Ariel, anteriormente havia sido referido as meias-irmãs em Cinderela e só voltam a ser referidas em Brave, Frozen e Elena de Avalor. No filme, A Princesa Sofia, os meios-irmãos voltam a ser referidos, tal como já haviam sido mencionados em Cinderela.

As mães passam a estar mais presentes nas histórias, inclusivamente a substituírem as anteriores constituições, famílias monoparentais patriarcais dos primeiros contos. Teríamos, assim, famílias monoparentais matriarcais, exemplos, em A Princesa e o Sapo e A Princesa Sofia.

As famílias tradicionais também se apresentam com mais frequência, Mulan, Tiana em Princesa e o Sapo, Mérida, Frozen, Vaiana e Elena de Avalor. Os avós estão representados em Mulan, Vaiana e Elena de Avalor. Os primos apenas são referidos em Elena de Avalor. Temos referência ao grau de parentesco de padrasto em Princesa Sofia.

A base da relação entre as famílias é sobretudo de coabitação e consanguínea, espelhando, por vezes, as relações más das famílias. As Princesas eram palco de experiências negativas sobretudo por parte das madrastas, Branca de Neve e Cinderela.

Alterando as suas histórias e essas experiências infelizes em laços de amor, educação, carinho, respeito, abrigo, coabitação, entre outros. Em alguns filmes, a relação com os pais melhora através do diálogo, fruto do afeto e amor entre pais e filhos, casos como o de Ariel, Pochontas e Vaiana, em Mérida com a sua mãe. Nas várias produções, a relação entre estes, vai melhorando aceitando-se as diferenças e deixando de lado as zangas.

As discussões em família são uma realidade retratada nestes filmes. Estes conflitos evoluem ao longo dos filmes denotando semelhanças com a fase da adolescência e na

dificuldade de os pais acompanharem as mudanças dos filhos. Mérida e Vaiana são um bom exemplo disso. Outro aspeto de zangas entre familiares é o ciúme, em Princesa Sofia, temos um exemplo de rivalidades entre meios-irmãos.

O tipo de vida de Princesa, nestes filmes, é um pouco diferente daquilo que a sociedade estigmatiza. Passam por dificuldades e precisam de provar o seu valor para conseguirem o “viveram felizes para sempre”.

O papel das Princesas muda muito, entre Princesas indefesas que precisam do Príncipe para as salvar: desde Branca de Neve, Aurora, Cinderela, para as mulheres de armas, literalmente, em Mulan, uma guerreira que quer traçar o seu destino, que luta de igual com os homens, o mesmo se passa com Mérida (Brave) também guerreira e com a destemida Vaiana.

A própria conceção do que é um Príncipe vai-se alterando desde o encantado ao boémio, egoísta, interesseiro, mulherego, pese embora em algumas narrativas estes mudem os seus hábitos de vida. Aladino, o Príncipe Adam em a “A Bela e o Monstro”, Flynn Ryder em Entrelaçados e o Príncipe Navven em “A Princesa e o Sapo”. Em Frozen, Hans, o Príncipe, é um trapaceiro, que vai demonstrando, ao longo do filme, os seus verdadeiros interesses, que são financeiros. Kristoff, em Frozen, surge como uma personagem humilde e trabalhadora que se vai apaixonando por Anna.

O amor altera a sua trajetória com o avançar cronológico, de um amor à primeira vista, físico e para sempre, para um amor pelo valor da pessoa, crescendo gradualmente nas virtudes e nos defeitos, através do diálogo e da conquista diária.

O casamento encontra-se exposto em algumas narrativas como sendo o consumir do amor entre os cônjuges. Embora nem sempre as personagens principais se cheguem a casar, nos filmes é referido o casamento como um dos projetos a curto prazo.

Uma realidade que não se encontra nestes filmes é o do nascimento dos filhos, nenhuma Princesa chega a ter filhos. Em Aurora é referida a intenção de os terem, mas não deixa de ser um tema tabu e que é evitado. Uma possível aproximação com a realidade social de cada época do papel da mulher? O divórcio nunca é referido. Os casais nestes filmes seguem a vida cristã de Família.

O tema da morte é evitado nas primeiras produções, apenas nos filmes: A Princesa e o Sapo e em Frozen é referida a perda dos pais, embora apenas neste último, seja representada a tristeza das irmãs pela perda dos progenitores.

As madrastas apresentam-se sempre como uma realidade negativa nos primeiros filmes, nomeadamente em Branca de Neve e em Cinderela. Situação essa que se reverte nas últimas produções cinematográficas como em A Princesa Sofia, quando a mãe de Sofia, Miranda, se dirige a Amber dizendo “sei que não existem nas histórias madrastas boas, mas vou procurar alterar isso e ser uma boa madrasta”, verificamos aqui a preocupação da Disney em alterar a má imagem das madrastas dos contos ao longo dos tempos. Será com o intuito de ajudar as famílias?

A adoção aparece pela, primeira vez, em Aurora, tendo como objetivo protegê-la, evitando que esta se pique num fuso de uma roca e morra. Os pais preferem que esta viva sem saber quem eles são do que correrem o risco que esta sofra. Poderíamos aqui especular e encontrar algumas semelhanças, por exemplo, com a passagem bíblica de Moisés.

Sobre realidades negativas, mas não muito longe de alguns flagelos sociais, temos o rapto em Rapunzel, sendo que a vilã se faz passar por sua mãe.

Os temas dos filmes giram quase sempre na luta entre o bem e o mal, onde quem pratica o bem é sempre recompensado, indo ao encontro dos valores cristãos.

Surge, também, uma mudança na figura de cada Princesa. As mulheres passam a ser vistas como independentes dos homens para conseguirem sobreviver autonomamente, tal como em Mulan, Tiana em A Princesa e o Sapo, Mérida em Brave, Elsa em Frozen, Vaiana e Elena de Avalor.

Tiana em A Princesa e o Sapo é vista como uma jovem independente, muito humilde, pobre, trabalhadora e esforçada, pois o seu sonho é abrir um restaurante.

Os filmes deixam transparecer uma mensagem de esperança perante as adversidades, incentivando a procura dos sonhos.

#### **4. Pequenas curiosidades encontradas nos filmes**

A realidade familiar das Princesas da Disney foi a primeira questão à qual intentamos responder. Com as várias revisões levadas a cabo outras questões e respostas foram surgindo.

Surgiu a questão da multiculturalidade das Princesas, várias realidades, etnias e nacionalidades diferentes. Temos Princesas dos quatro cantos do mundo. A Bela e o Monstro de França, Jasmine de países Árabes, Pochontas dos Índios nativos da América do Norte,

Mulan da China, Tiana Afroamericana, Mérida da Escócia, Elsa e Anna dos países nórdicos, Vaiana das ilhas do pacífico e Elena de Avalor da América Latina.

A temática do papel da mulher na sociedade é um dos aspetos que mais se tem notado na evolução dos filmes. A mulher é descrita como sendo cada vez mais independente, confiante e autónoma nas suas decisões, sem precisar de ser salva pelo Príncipe como acontecia nos primeiros filmes.

A estreita ligação entre as Princesas, a natureza e os animais é uma constante. Estão sempre preocupadas, muito próximas, chegando mesmo a referir-se a amizades com os animais. Todas elas têm um animal de estimação. E os elementos na natureza são sempre uma das preocupações das Princesas. De facto, Pochaontas refere a ligação a todos os elementos da terra e “só se vai colher frutos da terra se se cuidar da terra” e, em Brave, é referido que “o nosso destino está ligado à terra e ela faz parte de nós”.

Nos filmes da Disney existe uma grande preocupação em explorar os conteúdos musicais, chegando estes a êxitos mundiais.

De relevar neste estudo o nome de algumas personagens. Nos primeiros filmes encontram-se não só com conotações positivas, mas também negativas. O gato em Cinderela chama-se Lúcifer por ser muito mau; o corvo chama-se Diabo em A Bela Adormecida por ser mau; já o cavalo de Filip em Aurora é conhecido por Sansão por ser muito forte e valente.

Na luta do bem contra o mal, em Cinderela encontramos a luta entre o cavaleiro e o Dragão (maléfica que se transforma num Dragão) fazendo analogia com o da luta de São Jorge e o dragão.

Em alguns filmes, chegamos a encontrar referências a religiões. Em Vaiana observam-se semelhanças com a Vocação de Abraão “Deixa a tua terra, a tua Família e a casa do teu pai, e vai para a terra que Eu te indicar.” (Gn,12,1). A jovem é escolhida para salvar o seu povo da destruição da terra, devendo seguir numa cruzada para restituir o equilíbrio da natureza. As parencas são visíveis pois a esta é pedido para abandonar a sua ilha e a sua família em prol do seu povo. Neste filme é caricata a existência de uma travessia do mar muito próxima da realidade da passagem bíblica (Ex ,12-15) Moisés no mar vermelho em que o mar fica com uma brecha ao longo da sua dimensão. Existe também a referência a um mito da criação do mundo. Embora se verifiquem a utilização de personagens fictícias e nome dos deuses Maiori. A avó fala em reencarnação, mas no sentido de reencarnar em animais.

Pochaontas procura junto da avó perceber o significado dos seus sonhos, encontramos assim, semelhanças aos sonhos de José do Egito e o significado dos sonhos.

Os filmes abordam também muito a questão dos espíritos e o espiritismo, nomeadamente em Pochaontas, Mulan, Brave e Elena de Avalor.

A esperança de amor verdadeiro e o valor da amizade, está presente em todos os filmes, de Branca de Neve, passando por Frozen, A Princesa Sofia a Elena de Avalor.

Em Brave existe uma parte em que a rainha Elinor refere que “as lendas são lições, com as quais podemos aprender”.

Em A Princesa e o Sapo, Tiana é vista, como um grande exemplo de entrega e sacrifício na procura e concretização dos sonhos como projetos de vida.

## **5. Aproximação da vida familiar de cada uma das Princesas da Disney à realidade social**

A realidade familiar nos filmes da Disney assemelha-se de alguma forma à realidade social. Desde os agregados familiares nucleares tradicionais, monoparentais, famílias alargadas, reconstruídas e de adoção.

Ao nível das funções, temos bons exemplos de famílias que procuram educar os filhos, amá-los, dar-lhes abrigo, afeto e um lar.

Temos também a família que nos acolhe, a família que escolhemos, e aquela que nos faz sentir como em família por exemplo em Branca de Neve.

Também observamos famílias de adoção que procuram dar um lar a quem precisa como é o caso de Aurora.

Podemos referir-nos a famílias monoparentais, A Bela e o Monstro, Ariel, Jasmine, Pochaontas e Tiana em A Princesa e o Sapo.

Observamos, ainda, famílias reconstruídas ou recompostas que consistem na união de duas famílias com filhos de uma relação anterior. “Uma Família recomposta pode ser definida como uma Família em que pelo menos um dos adultos tem filhos de um dos matrimónios anteriores”<sup>174</sup>. Em Cinderela em que o seu pai viúvo decide casar com uma senhora viúva, com duas filhas para que a sua filha volte a ter uma mãe e, em A Princesa Sofia, a mãe volta a casar, desta vez com o Rei Roland II que têm dois filhos de uma relação anterior.

---

<sup>174</sup> Anthony Giddens, *Sociologia*. 6ª. Traduzido por Alexandra Figueiredo, (Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008),185.

O tipo de família que enfrenta dificuldades financeiras, Branca de Neve, Cinderela e Tiana, em *A Princesa e o Sapo*; a que passa fome e falta de alimentos, Vaiana; a que sofre com o luto e dificuldade da perda dos pais, Branca de Neve, Cinderela, Ariel, Bela, Jasmine, Pochontas, Tiana, Elsa e Anna, e Elena de Avalor; a que perdoa e que acolhe os que erraram; famílias que deixam de se falar durante anos e depois se reconciliam em Elena de Avalor; bem como famílias que procuram no casamento, fruto do amor verdadeiro, um consumir desse amor, Tiana, Ariel e Cinderela.

Outras temos em que existe uma fuga ao compromisso e ao casamento. É um tema que as personagens Pochontas, Jasmine e Mérida em *Brave* evitam numa tentativa óbvia de transpor para o cinema alguma tendência social sobre o matrimónio ou uma fuga ao compromisso.

Temos, ainda, os exemplos negativos de famílias. A família má que maltrata “Família que mata” aquela que não vive a união, mas sim a inveja e o egoísmo como em Branca de Neve. Aquela que explora os filhos em Cinderela, a que rapta, em Rapunzel. Cada vez mais visível na sociedade em que vivemos, chegando mesmo a ser necessário sensores e pulseiras nas maternidades.

Embora tenhamos muitos aspetos que este tipo de cinema de animação reflete, na realidade social sobre a Família, existem aspetos que até à data, não têm sido retratados, tais como o divórcio “O índice de divórcios subiu significativamente, contribuindo para o crescimento de famílias monoparentais”<sup>175</sup>; casais homossexuais “Devido ao abrandamento das atitudes intolerantes face à homossexualidade, há cada vez mais homens e mulheres homossexuais a viverem juntos como casais. Em alguns casos os casais homossexuais conseguiram obter o direito legal de ser definidos como uma Família”<sup>176</sup> e o nascimento de filhos, pois nenhuma Princesa chega a ser mãe.

## **6. Aproximação da vida familiar de cada uma das Princesas da Disney aos documentos do Magistério da Igreja sobre a Família**

Nos pontos anteriormente apresentados foram analisadas as tipologias familiares das Princesas da Disney e algumas das realidades retratadas nos filmes. Posteriormente foi realizada uma aproximação à realidade social e agora iremos analisar as realidades familiares em

---

<sup>175</sup> *Ibidem*, 200.

<sup>176</sup> *Ibidem*, 190.

aproximação à imagem da Família da tradição cristã e à luz dos últimos documentos do Magistério da Igreja as Exortações Apostólicas *Familiaris Consortio* e *Amoris Laetitia* sobre a Família.

Normalmente quando se fala de histórias de Princesas ou contos de fadas pensa-se imediatamente que tudo é ficção, são apenas contos de fadas para nos distrair. Agora surgem-nos questões, será que as vidas apresentadas são sempre boas? Não existem momentos maus como na vida de qualquer pessoa? Não encontramos a morte de familiares? As dificuldades da vida? A perda de algo? Não encontramos momentos controversos de onde podemos tirar grandes lições de vida? Não possuem semelhanças com as nossas dificuldades em algum momento da vida?

Se nem nos “contos de fadas” a realidade familiar é representada como perfeita, como poderá ser esta na vida real? Algumas famílias são melhores do que outras, e tal como nas histórias, não existem famílias perfeitas, nem vidas perfeitas.

Tal como referimos anteriormente, durante a visualização dos filmes, encontramos algumas curiosidades inclusive muito parecidas com algumas passagens bíblicas ou temas cristãos. A primeira semelhança que encontramos é a importância da Família nas narrativas da Disney. O enredo gira sempre em torno da Família e dos laços familiares. O que vai ao encontro da Família na visão cristã “A Família é célula básica da sociedade, o espaço onde se aprende a conviver na diferença e a pertencer aos outros”<sup>177</sup>.

O Papa Bento XVI referiu “o Amor como princípio de vida na sociedade”<sup>178</sup>, deve-se fomentar e preservar o amor gratuito de pais para filhos. A importância do Amor na Família é determinante “sem o amor, a Família não pode viver, crescer e aperfeiçoar-se como comunidade de pessoas”<sup>179</sup>. Também nos documentos do Magistério da Igreja as Exortações Apostólicas *Familiaris Consortio* e *Amoris Laetitia*, a Família é um dos temas mais importantes e debatidos pela Igreja. “A alegria do amor que se vive nas Famílias é também o júbilo da Igreja”<sup>180</sup>. A preocupação do Magistério da Igreja sobre a Família é muito patente nestas Exortações Apostólicas desde as crises familiares, “A Bíblia aparece cheia de famílias, gerações, histórias de amor e de crises familiares”<sup>181</sup>. Essas crises surgem nos mais variados aspetos da vida das

---

<sup>177</sup> Francisco, Exortação Apostólica “*Evangelii Gaudium*” (24 de novembro de 2013) §66.

<sup>178</sup> Cf. Bento XVI, Carta Encíclica “*Caritas in Veritate*” (29 de junho de 2009) §44 consultado em 30 de Julho de 2019, [http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf\\_ben-xvi\\_enc\\_20090629\\_caritas-in-veritate.html](http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf_ben-xvi_enc_20090629_caritas-in-veritate.html)

<sup>179</sup> Cf. João Paulo II, Exortação Apostólica “*Familiaris Consortio*” (22 de novembro de 1981), §18.

<sup>180</sup> Francisco, Exortação Apostólica Pós-Sinodal “*Amoris Laetitia*” (19 de março de 2016), §1.

<sup>181</sup> *Ibidem*, §8.

famílias, relações difíceis entre os membros da família, falta de diálogo, laços frágeis entre pais e filhos, famílias divididas, morte de familiares, desemprego, emprego precário, adolescência e educação dos filhos, entre outros. Para o Magistério da Igreja, a Família é um tema de abordagem muito complexa. No qual existem diariamente mais entraves ao abordar os laços de parentesco, o amor, a união, o respeito, entre outros. Cada vez há menos tempo dedicado à família. O mesmo verifica-se nos filmes das Princesas da Disney que encontram grandes dificuldades em retratar as realidades familiares.

A importância dos pais na educação dos filhos: “Toda a criança tem direito a receber o amor de uma mãe e de um pai, ambos necessários para o seu amadurecimento íntegro e harmonioso”<sup>182</sup>, é também um dos aspetos importantes nos filmes em que as Princesas sofrem pela ausência da mãe ou do pai. Embora as famílias das Princesas da Disney sejam, muitas vezes, famílias monoparentais patriarcais, há que referir que estas também refletem as famílias monoparentais matriarcais e a falta que o outro progenitor faz aos filhos. Sobre a mãe, ela “ampara o filho com a sua ternura e compaixão, ajuda a despertar nele a confiança, a experimentar que o mundo é um lugar bom que o acolhe e isto permite desenvolver uma autoestima que favorece a capacidade de intimidade e empatia”<sup>183</sup>. A sua ausência cria um vazio nos filhos, realidade que encontramos em Cinderela quando o pai ao ver a tristeza da filha procura uma esposa. Sobre a ausência do pai espelhada em A Princesa e o Sapo, podíamos refletir sobre o que diz o Papa Francisco “a ausência do pai penaliza gravemente a vida familiar, a educação dos filhos e a sua integração na sociedade”<sup>184</sup>, isso é notório, pois Tiana refugia-se no trabalho para colmatar alguma tristeza.

Podemos refletir sobre estes filmes e retirar vastas conclusões, levando-nos a uma aprendizagem, a um pedido de desculpas entre os membros das famílias “frutos do amor são também a misericórdia e o perdão”<sup>185</sup>, situações verificadas em Ariel, Mulan, Pochontas, A Princesa Sofia, Elena de Avalor.

Nestes filmes pelo menos até à data de dois mil e dezanove, temos um forte reforço da Família como pilar central de todas as histórias. Não apenas em aspetos positivos, mas também espelhando aspetos negativos. O mesmo procura referir o Magistério da Igreja “A situação em que se encontra a Família apresenta aspectos positivos e aspectos negativos”<sup>186</sup>.

---

<sup>182</sup> *Ibidem*, §172.

<sup>183</sup> *Ibidem*, §175.

<sup>184</sup> *Ibidem*, §55.

<sup>185</sup> Francisco, Exortação Apostólica Pós-Sinodal “*Amoris Laetitia*” (19 de março de 2016), §27.

<sup>186</sup> Cf. João Paulo II, Exortação Apostólica “*Familiaris Consortio*” (22 de novembro de 1981), §6.

Nos filmes das Princesas da Disney, a família é sempre composta por homem e mulher, não havendo referências ao divórcio, nem adultérios, indo ao encontro da visão cristã sobre o divórcio. A Igreja defende a indissolubilidade do matrimónio tal como a sua sacramentalidade. “O divórcio é um mal, e é muito preocupante o aumento do número de divórcios”<sup>187</sup>.

Nos filmes seguem à procura do amor verdadeiro, procurando de um modo geral a consumação desse amor num matrimónio. “Nos mais atuais a realidade do matrimónio não é totalmente posta de parte mas é palco de uma procura do amor, de aprender a amar, nos defeitos e virtudes. Um consumir do compromisso. Por isso, a decisão de se casar e formar uma Família deve ser fruto dum discernimento vocacional”<sup>188</sup>.

O matrimónio segue a visão cristã de amor para a vida inteira “viveram felizes para sempre”, embora esta visão do casamento tenha mudado nas produções da Disney. Nos primeiros filmes era sempre um amor à primeira vista e a sorte era sempre da Princesa, pois ficava com o Príncipe que era sempre visto como perfeito. “Não fazem bem certas fantasias sobre um amor idílico e perfeito, privando-o assim de todo o estímulo para crescer”<sup>189</sup>, realidade essa que começa a ser retratada posteriormente. O casamento é fruto do amor e escolha das Princesas e seguem a lógica do amor verdadeiro que surge da aprendizagem da procura da beleza interior “relações de amor genuíno”<sup>190</sup>, A Bela e o Monstro, Jasmine, A Princesa e o Sapo. “O outro não é apenas aquilo que me incomoda; é muito mais do que isso. E, pela mesma razão, não lhe exijo que seja perfeito o seu amor para o apreciar: ama-me como é e como pode, com os seus limites, mas o facto de o seu amor ser imperfeito não significa que seja falso ou que não seja real”<sup>191</sup>.

O número de grau de parentesco da família consanguínea vai aumentando à medida que nos aproximamos do filme mais recente. Entre eles teríamos os irmãos, tema importante para a tradição cristã “Em Família, entre irmãos, aprendemos a convivência humana”<sup>192</sup>, tal como para a animação em Ariel, Mérida e Elena de Avalor.

O lugar dos avós não é deixado ao acaso e pesa embora a questão do aumento da esperança média de vida, a realidade dos avós nem sempre está patente nos filmes. O primeiro caso surge em Pochontas, embora referindo-se a um salgueiro falante e, posteriormente, em

---

<sup>187</sup> Francisco, Exortação Apostólica Pós-Sinodal “*Amoris Laetitia*” (19 de março de 2016), §246.

<sup>188</sup> *Ibidem*, §73.

<sup>189</sup> *Ibidem*, §135.

<sup>190</sup> Cf. João Paulo II, Exortação Apostólica “*Familiaris Consortio*” (22 de novembro de 1981), §80.

<sup>191</sup> Francisco, Exortação Apostólica Pós-Sinodal “*Amoris Laetitia*” (19 de março de 2016), §113.

<sup>192</sup> *Ibidem*, §194.

Mulan. O tema dos avós só volta a ser retratado com Vaiana e novamente com Elena de Avalor. “Muitas vezes são os avós que asseguram a transmissão dos grandes valores aos seus netos”<sup>193</sup>.

Os papéis e funções dos membros da família são aspetos importantes. Defender a igualdade de género “a grandeza das mulheres implica todos os direitos decorrentes da sua dignidade humana inalienável, mas também do seu génio feminino, indispensável para a sociedade”<sup>194</sup>. Esta temática é também passível de ser analisada nestes filmes, pois nestes tem-se visto uma evolução no acompanhar a realidade social sobre a igualdade de género e o papel das mulheres na sociedade que se encontra numa mudança da forma de caracterizar as Princesas. De facto, esta realidade é também importante para o Magistério da Igreja que interpreta que embora estas mudanças nos direitos das mulheres sejam significativas ainda muito tem de ser feito.<sup>195</sup>

Ora, logo à partida, encontramos um outro ponto similar entre a realidade bíblica e as narrativas da Disney. Ambos passaram da fase da tradição oral para a tradição escrita, e posteriormente a adaptação ao cinema. Tal como referimos anteriormente, a grande parte das histórias das Princesas da Disney são baseadas em contos conhecidos onde lhes dão uma roupagem nova e adaptam o enredo de forma a ser mais apelativo. Alguns relatos bíblicos ou personagens já foram adaptadas ao cinema. Embora ao contrário das histórias da Disney não são ciclicamente atualizadas.

O cinema consegue transpor estas realidades de uma forma bem concisa, sendo pedagogicamente uma metodologia a considerar e uma forma de aprender.

## 7. Síntese

Podemos concluir que a realidade da família espelhada nos filmes das Princesas da Disney englobados neste estudo, procura de alguma forma reproduzir a realidade da sociedade humana e acompanhar a posição do Magistério da Igreja sobre a Família.

A forma como as vidas das Princesas encontram-se retratadas nestes filmes, são reveladoras de uma realidade bem diferente do senso comum sobre a expressão “Princesa”. As histórias apresentam cenários bem diferentes das vidas perfeitas e do luxo que se poderá pensar à partida. Nas histórias das Princesas da Disney as vidas destas surgem inclusive numa lógica

---

<sup>193</sup> *Ibidem*, §192.

<sup>194</sup> *Ibidem*, §173.

<sup>195</sup> *Ibidem*, §54.

da família “que mata”, ou pretende matar, em Branca de Neve, a que explora, em Cinderela, a que passa por dificuldades financeiras, A Princesa e o Sapo, a que dá abrigo, em Branca de Neve, a que precisa de trabalhar, em Cinderela e A Princesa e o Sapo, e, por fim aquelas que sofrem a perda de familiares.

Durante a análise dos filmes das Princesas da Disney, o tema da Família apresenta-se sempre como uma das temáticas principais e sempre muito protegidas, com a preocupação desta se apresentar como elo agregador das vivências das personagens nas variadas narrativas. Regra geral assentam no matrimónio, realidade muitas vezes representada nestes filmes, fruto do amor entre o Príncipe e a Princesa, embora, nos primeiros filmes fruto do amor à primeira vista, e sempre muito dependentes dos Príncipes que surgem como salvadores das Princesas em apuros nomeadamente em Branca de Neve e A Bela Adormecida. Realidade esta que, ao longo dos filmes, tem sido alterada. Uma vez que as Princesas são cada vez mais independentes e confiantes, o amor verdadeiro é fruto de uma solidificação das relações e não apenas físicas.

De alguma forma temos assistido a uma evolução significativa no modo como as famílias das Princesas da Disney são retratadas, indo ao encontro da realidade social, na forma como a família é constituída, nas relações entre familiares, nas funções dos pais e sobretudo na evolução do papel da mulher na sociedade. As Princesas são retratadas, cada vez mais, como independentes e capazes de resolver os problemas com que se deparam.

Após a visualização dos vários filmes das Princesas da Disney, podemos vislumbrar algumas realidades próximas sobre o tema da Família, isto é, as famílias são para a Disney, tal como para a “A Igreja ao serviço da Família”<sup>196</sup>, uma grande preocupação e um dos aspetos da sociedade a proteger.

A Bíblia é também uma história de famílias, em que “aparece cheia de famílias, gerações, histórias de amor e de crises familiares”<sup>197</sup> onde nem todas as famílias referidas se apresentam como famílias tradicionais de um pai e uma mãe. Existem casos de monoparentalidade, Agar e o seu filho Ismael, a viuvez de Jacób, após a morte de Raquel quando estava em trabalho de parto de Benjamim (Gn 35,16-20), ou de adoção caso como de Moisés adotado pela Filha do faraó (Ex 2,1-6).

Ora, vejamos em que aspeto as famílias das Princesas da Disney seguem a realidade social e sobretudo a visão cristã espelhada nos últimos documentos da Igreja sobre a Família. Estas são descritas como uma realidade que passa por dificuldades, as zangas entre membros

---

<sup>196</sup> Cf. João Paulo II, Exortação Apostólica “*Familiaris Consortio*” (22 de novembro de 1981), §1.

<sup>197</sup> *Ibidem*, §8.

em Frozen, Princesa Sofia e Elena de Avalor e os problemas dos pais com os filhos sobretudo na adolescência, em Mulan, Rapunzel, Brave e Vaiana.

As tipologias de família apresentadas são de alguma forma diversificadas. Desde as famílias monoparentais passando pelas famílias nucleares tradicionais, pelas famílias reconstruídas ou recompostas e pelas alargadas, onde os membros que as compõe vão sendo mais ramificados, primos, e sobretudo avós não apenas nos laços e afetos, mas também em cuidar dos netos, após a morte dos pais como em Elena de Avalor.

A adoção também é referida em A Bela Adormecida, numa clara alusão a problemas subjacentes dos pais em não conseguirem criar os filhos.

O divórcio não é retratado nos filmes, podemos depreender que se trate de uma preocupação da Disney em proteger a instituição Família.

Embora não encontremos nestes filmes uma clara alusão ao cristianismo nem às restantes grandes religiões monoteístas, estes filmes, por vezes, apresentam características religiosas, “Os símbolos religiosos e os rituais estão muitas vezes integrados na cultura material e artística da sociedade”<sup>198</sup>. Por exemplo nos nomes de algumas personagens, Sansão e Diabo em Aurora, Lúcifer em Cinderela; nas semelhanças com passagens bíblicas, tal como em Vaiana na divisão do mar. Retratam religiões politeístas e alusão a outras religiões, por exemplo em Pochaontas as crenças dos índios, em Mulan a mitologia chinesa, em Brave os druidas, em Frozen os celtas, em Vaiana as crenças dos Maiori e em Elena de Avalor com uma mistura de tradições das civilizações: maias, aztecas e incas. A feitiçaria negra nestes filmes surge em A Princesa e o Sapo, mas também não deixa de ser interessante que cheguem a retratar mitos da criação “Os mitos são frequentemente misturados aos contos”<sup>199</sup> por exemplo em Vaiana.

Sobre a aproximação à realidade social estas possuem problemas como todas as famílias. Apresentam várias tipologias familiares próximas da realidade social, mas nunca perfeitas.

As Princesas precisam de trabalhar para suprimir necessidades, o que vai o encontro da sociedade e da Bíblia “Comerás do fruto do teu próprio trabalho: assim serás feliz e viverás contente” (Sl 128,2) Tal é espelhado em A Princesa e o sapo, em Cinderela e em Branca de Neve.

---

<sup>198</sup> Anthony Giddens, *Sociologia*. 6ª. Traduzido por Alexandra Figueiredo, (Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008), 537.

<sup>199</sup> Mircea Eliade, *Mito e Realidade*. Traduzido por Pola Civelli, (São Paulo: Editora Prespectiva, 1972), 140.

Os filmes acompanham o papel da mulher na sociedade e a sua emancipação, inclusive no papel de heroína nas jornadas diárias, capaz de superar as suas adversidades sem precisar de recorrer ao Príncipe. Este também é cada vez mais próximo do homem atual, que tem falhas, defeitos, humano que erra, e não como Príncipe encantado que vem salvar a Princesa em apuros.

Embora o casamento seja um dos projetos do casal, em alguns casos temos alguma resistência ao casar, adiar uma realidade cada vez mais visível, a fuga do compromisso. Por outro lado, pode ser analisado como uma tentativa de reforçar os laços de amor, aprender a amar.

### CAPÍTULO III – OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO NA REPRODUÇÃO DA REALIDADE SOCIAL, NA EDUCAÇÃO E NA EVANGELIZAÇÃO

Neste capítulo iremos englobar: os meios de comunicação, a literacia mediática, a literacia religiosa católica e as suas repercussões na evangelização.

Os meios de comunicação social encontram-se inseridos neste estudo, uma vez que, grande parte do assunto abordado baseia-se na realidade cinematográfica dos filmes da Disney, mais precisamente nos filmes das Princesas da Disney. Iremos, assim, apresentar ainda que de modo superficial, os meios de comunicação em massa, sobretudo, o cinema e a televisão, como meios de difusão dos conteúdos de animação, neste caso específico, “desenhos animados”, pensados para o cinema e depois adaptados para a televisão nas mais variadas formas: tv cabo, *vídeo on demand*, *cassetes*, *vhs*, *dvd*, *Blu-ray*, entre outros. Estes meios de comunicação serão de alguma forma relevantes para o nosso estudo, pois os filmes possuem um grande potencial: didático, educativo e de desenvolvimento pessoal no espetador uma vez que são facilmente assimilados.

Remetemos, ainda, para o papel do cinema e da televisão na educação das crianças sobre temas católicos, por exemplo através de um canal de televisão de animação para crianças, que possa ajudar na transmissão de valores e ensinamentos importantes na educação integral das crianças.

No último ponto iremos falar da literacia, interligando o termo na sua generalidade, com a questão da literacia mediática e a literacia religiosa católica capazes de ajudar na evangelização. Reforçando a importância da educação e da aprendizagem dos conteúdos, valores e sentidos do cristianismo que se repercutem em todos os aspetos da vida das pessoas.

Neste estudo, baseado nos filmes da animação da Disney, reforçamos sobretudo o tema das representações das realidades familiares onde analisamos a forma de ver e viver a família.

#### **1. Meios de comunicação**

Os meios de comunicação<sup>200</sup> ou *mass media*, são os meios utilizados para transmitir ou dar a conhecer: informações, mensagens, produtos e conhecimentos.

---

<sup>200</sup> Cf. Dicionário Editora da Língua Portuguesa 10.<sup>a</sup> Edição (Porto Editora: Porto, 2018).

Estes meios de comunicação destinados a grandes grupos populacionais atuam das mais variadas formas desde: rádio, televisão, cinema, imprensa, páginas na internet e redes sociais para vinculação e transmissão de mensagens. Estas mensagens englobam conotações culturais, informativas ou publicitárias. Dentro destes aspetos referidos, poderíamos englobar aspetos económicos, políticos, ideológicos, religiosos, educacionais, entre outros.

“Os meios de comunicação, com os seus rápidos progressos, vão abatendo barreiras que o espaço e o tempo levantavam entre os homens; apresentam-se portanto como factores de proximidade e de comunhão. Graças a eles, notícias e conhecimentos de toda a ordem circulam continuamente por toda a terra, permitindo aos homens seguir muito mais activamente a vida do mundo de hoje, Graças também a eles, novas oportunidades surgiram para a divulgação do ensino a todos os níveis... Enriquecem finalmente o espírito, pondo-o em contacto, pelo som e pela imagem, com a realidade concreta, ou dando-lhe a possibilidade de reviver situações remotas, quanto a tempo ou lugar”<sup>201</sup>.

As suas formas de atuar nas escolhas pessoais estão cada vez mais enraizadas e diversificadas na sociedade. Chegando a englobar vários aspetos da vida humana desde apenas a escolha de uma escova de dentes até o planejar de uma profissão futura.

Estes estão em constante evolução, tentando acompanhar os ritmos da sociedade, encurtando cada vez mais as barreiras do tempo e do espaço, resultando na denominada cultura de massas,<sup>202</sup> produzida para as grandes massas populacionais e veiculada pelos meios de comunicação em massa.

Neste estudo, limitarmo-nos a estudar a televisão e o cinema, uma vez que estes se interligam com o tema de fundo deste estudo as realidades familiares nos filmes das Princesas da Disney.

### *1.1. A televisão*

Muitas das memórias de infância giram em torno daquela caixa maravilhosa a que apelidaram de televisor, “uma janela para o mundo”,<sup>203</sup> que fazia sonhar com as personagens que eram apresentadas nos vários tipos de animação.

A televisão é um meio de comunicação audiovisual, capaz de despertar vários sentidos ao mesmo tempo, com uma grande adesão e seguidores em todo o mundo, “Os media

---

<sup>201</sup> Conselho Pontifício para as Comunicações Sociais “*Communio et progressio*” (23 de maio de 1971) §20 ,consultado em 4 de junho, 2019 [http://www.vatican.va/roman\\_curia/pontifical\\_councils/pccs/documents/rc\\_pc\\_pccs\\_doc\\_23051971\\_communio\\_po.html](http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/pccs/documents/rc_pc_pccs_doc_23051971_communio_po.html)

<sup>202</sup> Cf. Dicionário Editora da Língua Portuguesa 10.<sup>a</sup> Edição (Porto Editora: Porto, 2018)

<sup>203</sup> Dennis Mcquail, *Teoria da comunicação de massas*. (Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003), 26.

tradicionais, e particularmente a televisão, ainda dominam o espaço mediático, apesar das rápidas mudanças”<sup>204</sup>. Os filmes de animação representam páginas e momentos marcantes na infância de todos, sendo uma das coisas mais recordadas, a “luta” constante entre o bem e o mal.

A televisão não foi inventada por uma única pessoa; o televisor surge de um processo evolutivo em que vários inventores se foram reapropriando das descobertas dos outros, para darem origem a novas invenções até ao produto que hoje denominamos como televisão. O inventor Paul Nipkow inventou uma tecnologia de discos rotativos que permitiam transmitir imagem. John Baird reapropriou-se da tecnologia de Paul Nipkow e patenteou-a através de uma técnica de luz que era refletida.<sup>205</sup> John Baird tentou introduzir o som e as cores no seu aparelho. Posteriormente teríamos a invenção de Charles Jenkins, a Radiovision, uma televisão mecânica. Entretanto surge Karl Braun com uma tecnologia de tubo de raios catódicos. Philo Farnsworth considerado o inventor da primeira televisão funcional. Esta sua criação consistia em transmitir imagens, através de cifrão. Procurou melhorar ainda a sua invenção e cria um tubo dissector que influenciou fortemente os televisores atuais. Vladimir Zworykin inventou um aparelho denominado de cinescópio que se baseia nos raios catódicos, tecnologia que havia sido já inventada. Embora estas primeiras televisões fossem sem som, esta realidade mudou com Louis Parker, que com a sua invenção, dotou a televisão de som. Os televisores com cores foram a etapa seguinte. Introduzida nos Estados Unidos da América a partir de 1953 pelas principais indústrias da televisão CBS e RCA.

Em suma, a televisão foi e continua a ser uma tecnologia em constante evolução desde os primeiros aparelhos até às realidades interativas que hoje temos”<sup>206</sup>.

## 1.2. O cinema

Definir o cinema implica ter em mente as inúmeras abrangências e interpretações que levaram à sua evolução.

---

<sup>204</sup> Manuel Castells, *A sociedade em rede do Conhecimento à Acção Política*. Coord. Manuel Castells e Gustavo Cardoso (Lisboa: INCM, 2006), 25

<sup>205</sup> Cf. Erik Barnouw, *Tube of Plenty: The Evolution of American Television* (Nova Iorque: Oxford University Press, 1990), 10-40

<sup>206</sup> Cf. David Fisher and Jon Marshall, *Tube: The Invention of Television*. (California : Counterpoint, 1997), 12-120

O cinema<sup>207</sup> espelha e pode oferecer vários significados: o cinema enquanto arte, meio audiovisual, indústria, produções culturais, produções de entretenimento, produções para o consumo de massas, publicidade, produção de ideologias, reproduções da realidade, representação, poesia, entretenimento, prazer, comédia, drama, sonho, significados, emoções, entre outros.

O cinema e a televisão são, na sua essência, fenômenos e ao mesmo tempo produtos sociais. Estes espelham múltiplas realidades sociais, mas também são capazes de produzir alterações dentro da sociedade, sobretudo relativamente ao modo de vida, hábitos e modos de pensar e agir.

Nos dicionários pode encontrar-se o cinema definido como a “arte de fazer filmes para projeção ou espetáculo de projeção de filmes”<sup>208</sup>. Filme, seria como uma “sequência de imagens registadas em película através de uma câmara, que podem ser projetadas em tela ou ecrã”<sup>209</sup>.

No que toca à conjugação do desenho com a animação, resulta o cinema de animação, esta técnica cinematográfica baseia-se em “fotografar uma sequência de fotografias de desenhos ou bonecos, visando a sugestão de movimento”<sup>210</sup>, comumente denominado de desenhos animados.

A origem do cinema,<sup>211</sup> deve-se muito em parte aos Irmãos Lumière, com a curta-metragem denominada de *L'Arrivée d'un train en gare de La Ciotat* em 1895, projetada através de um aparelho denominado de Cinematógrafo. De salientar que, embora esta invenção seja o culminar de um conjunto de invenções anteriores, desde a câmara mágica ou escura passando pela lanterna mágica do jesuíta Athanasius Kircher, pelo Fenacistoscópio de Antoine Plateau, o Praxinoscópio Charles Reynaud, e por fim, o Cinetoscópio de Thomas Alva Edison o qual sofreu alterações pelos Irmãos Lumière e que levou à origem do Cinematógrafo.

Nas duas primeiras décadas do século XX, o cinema mudo traduz uma característica estética e narrativa muito recorrente na época: veicular através de uma mímica acentuada a dimensão da personagem a que dão corpo e da história que interpretam e é visto como um espetáculo. Neste período, e no que ao desenho animado diz respeito, surge, em 1920, o chamado Gato Félix. E apenas uma década depois em 1927 surge Oswald, o coelho sortudo,

---

<sup>207</sup> Cf. Dicionário Editora da Língua Portuguesa 10.<sup>a</sup> Edição (Porto Editora: Porto, 2018).

<sup>208</sup> *Ibidem*.

<sup>209</sup> *Ibidem*.

<sup>210</sup> *Ibidem*.

<sup>211</sup> Cf. Fernando Mascarello, *História do Cinema Mundial*. (São Paulo: Papyrus Editora, 2006).

pelas mãos de Walt Disney.<sup>212</sup> Em 1928 surgiu o ainda hoje famoso rato Mickey produzido pela Walt Disney Company.<sup>213</sup>

Ao longo dos tempos, o aperfeiçoamento da técnica leva ao surgimento do cinema com som, que facilitou a elaboração da narrativa realista dos filmes<sup>214</sup> e do surgimento de um novo estilo, o musical cuja característica estética se pode ver por um lado mais evoluída e, por outro, mais emotiva, explorando a vertente musical do cinema. Estamos perante um cinema cujo fio condutor é o espetáculo e o entretenimento como se constatou com a estreia de Branca de Neve e os Sete Anões em 1937.<sup>215</sup> A adaptação dos contos tradicionais ao cinema foi uma realidade que se foi processando aos poucos, tornando-se em êxitos de bilheteira. Nos quais os contos baseados nas histórias de Charles Perrault, Jean de La Fontaine, Jacob e Wilhelm Grimm, Hans Christian Andersen, entre outros, fizeram sonhar e educar miúdos e graúdos ao longo de séculos. Estas histórias quase sempre tinham uma lição de moral ou de uma luta entre o bem e o mal.<sup>216</sup>

Estes contos foram sofrendo alterações ao longo dos séculos, conforme a sociedade e a necessidade de se adequar o conto à realidade social. A sua adaptação ao cinema foi mais uma etapa dessa evolução e da necessidade destas histórias ou contos, acompanharem as necessidades da sociedade e da humanidade.

Os filmes animados ou desenhos animados nasceram da necessidade de animar as grandes massas “Não se pode esquecer que o primeiro objectivo de muitas obras-primas - em música, teatro ou literatura - foi divertir ou entreter o público; tais diversões, portanto, muito podem contribuir para a cultura”<sup>217</sup>, uma espécie de magia em movimento que conta uma história narrada por alguém e inserida num contexto. Esse contexto é influenciado por quem produz e pensa a animação, pela realidade social, cultural e pessoal, desde as suas vivências, a sua religião e à sua forma de pensar. Todos esses aspetos pessoais estão de alguma forma espelhados nas produções cinematográficas. Podem de alguma forma contar a história da humanidade, mas influenciada pela criatividade pessoal de cada produtor.

“Pois mesmo quando os artistas, seguindo a sua fantasia criadora, prescindem da realidade concreta, podem alcançar intuições profundas sobre a natureza e condição

---

<sup>212</sup> Cf. Galeries nationales du Grand Palais (France); Montreal Museum of Fine Arts. *Once upon a time : Walt Disney, the sources of inspiration for the Disney Studios*. (Prestel 2006),66.

<sup>213</sup> História da Disney. Arquivos da Walt Disney, 2019. (consultado a 30 de junho de 2019). <https://d23.com/disney-history/> Walt Disney.

<sup>214</sup> Cf. Graeme Turner. *Cinema como pratica social*. Traduzido por Mauro Silva. (São Paulo: Summus Editorial, 1997) 22.

<sup>215</sup> História da Disney. Arquivos da Walt Disney. Walt Disney. 1 de janeiro de 2019. <https://d23.com/disney-history/> (consultado em 30 de junho de 2019)

<sup>216</sup> Cf. Mircea Eliade . *Mito e Realidade*. Traduzido por Pola Civelli, (São Paulo: Editora Prespectiva, 1972), 141.

<sup>217</sup> Conselho Pontifício para as Comunicações Sociais “*Communio et Progressio*” (23 de maio de 1971) §52 ,

humana. E as próprias obras de ficção, em que o talento do autor representa a vida e actividades do Homem num quadro fictício, atingem, à sua maneira, regiões esquecidas da verdade. Embora os acontecimentos não sejam reais, a realidade é também atingida, na medida em que se inspiram em elementos autênticos da natureza humana.”<sup>218</sup>

O cinema foi evoluindo e com ele a forma de fazer cinema de animação, onde a arte de transmitir valores e emoções é influenciada pela sociedade atual, onde as crianças são educadas e absorvem muito do contexto social e da realidade em que crescem, caracterizado por um vasto conjunto de configurações económicas, sociais, políticas e culturais. Partindo deste pressuposto, podemos ver que o cinema é um veículo de difusão, de transmissão e de educação que, se bem utilizado e contextualizado, pode contribuir para a educação, instrução e reflexão das crianças nas sociedades atuais. A sociedade contemporânea é fruto de um processo contínuo de mudanças que se reflete na vida das pessoas. Considerando-se que o cinema não é um simples veículo condutor de instrução e educação, mas também de reflexão e investigação humanas, em que os filmes, a imagem e motivações educam e influenciam o imaginário das pessoas, torna-se primordial para a inovação pedagógica e adequação às mudanças da nossa sociedade, proporcionando uma formação integral como indivíduo e contributo para a cidadania. Deste modo, torna-se pertinente uma análise da relação cinema, sociedade e Família, para perceber o cinema como uma arte capaz de se tornar uma ferramenta pedagógica.

Nos dias de hoje, a sociedade de consumo, a cultura de massas, a evolução tecnológica, continuam a marcar a história do cinema, de tal forma que, ao longo do século XX passou a englobar, não apenas a animação, bem como, uma importante ferramenta de educação e inclusive, transmissão de valores.

Embora, atualmente, a motivação dos produtores não pareça ser prioritariamente a da educação, pois vivemos uma sociedade capitalista onde tudo é pensado na ótica do lucro e como tal, muitas produtoras de animação viram neste meio de comunicação uma forma de enriquecer. Neste estudo não está em causa a rentabilidade das produtoras, mas sim a mensagem e a forma como são retratadas as realidades sociais e familiares das personagens nas produções cinematográficas, iremos reforçar a ideia do cinema como uma importante forma de ensino onde o cinema se pode vislumbrar na sua dimensão pedagógica e cultural.

O filme enquanto capaz de produzir efeitos nas vivências pessoais dos espectadores.

“O poder do cinema provém de que ele fala por meio da imagem, que a inteligência recebe com alegria e sem esforço, mesmo se tratando de uma alma rude e primitiva, desprovida de capacidade ou ao menos do desejo de fazer esforço para a abstração e a dedução que acompanha o raciocínio... No cinema falado, este poder atua ainda

---

<sup>218</sup> *Ibidem*, §56.

com maior força, porque a interpretação dos fatos se torna muito fácil e a música ajunta um novo encanto à ação dramática”<sup>219</sup>.

### 1.3. O cinema e a televisão como meios de reprodução da realidade social

Existe um relacionamento ente a arte e a vida, pois a humanidade sempre transpôs para a arte realidades da sociedade e do mundo, descrevendo-a ou imitando. “Não só o cinema seria uma reprodução da realidade, seria também a reprodução da própria visão do homem”<sup>220</sup>.

A arte pode ser também uma forma de contextualizar a nossa existência, de utilizar símbolos para representar outras realidades subjacentes, influenciado por vários contextos ou por vários tipos de arte e materiais. “O cinema, dado o seu influxo na educação, cultura e divertimento, faz parte integrante da vida do homem actual. Os realizadores têm no filme um modo de exprimir, realisticamente, a mentalidade hodierna”<sup>221</sup>.

O cinema é uma ferramenta que “reproduz a realidade da sociedade, dicotomia formalismo /realismo ainda que às vezes possa ser mais ideológico e representativo e como tal coberto de surrealismo”<sup>222</sup>. O cinema é também por si só, um meio de comunicação artístico, veículo de difusão de conteúdos: “os filmes não são concebidos como meros divertimentos, mas procuram levar ao público uma informação”<sup>223</sup>.

Seguindo o pensamento de Liliane Lurçat na sua obra *Tempos cativos - as crianças TV* constata que “a influência da televisão na sociedade levaram a mudanças nos hábitos nos comportamentos e na forma de pensar”<sup>224</sup>, a animação desenvolve-se numa dupla vertente entre o real e o imaginário: “Com efeito, a animação constrói com todas as peças um mundo gráfico ou material com uma realidade própria”<sup>225</sup>, entre outros aspetos.

Todas as produções utilizam personagens, contextos sociais, realidades histórias, fases da vida humana, momentos de superação, conflitos internos, perdas familiares, entre outras situações do quotidiano. “O cinema, esta fábrica de sonhos, retoma e utiliza inúmeros motivos

---

<sup>219</sup> Pio XII Carta Encíclica “*Miranda Prorsus*” sobre a cinematografia a rádio e a televisão (de setembro de 1957) ,§19 , consultado em 11 de março, 2019, [http://w2.vatican.va/content/pius-xii/pt/encyclicals/documents/hf\\_p-xii\\_enc\\_08091957\\_miranda-prorsus.html](http://w2.vatican.va/content/pius-xii/pt/encyclicals/documents/hf_p-xii_enc_08091957_miranda-prorsus.html)

<sup>220</sup> Jean Claude Bernadet. *O que é cinema*. (São Paulo: Editora brasileira, 2001), 126.

<sup>221</sup> Conselho Pontifício para as Comunicações Sociais “*Communio et Progressio*” (23 de maio de 1971) §142.

<sup>222</sup> Cf. Graeme Turner. *Cinema como prática social*. Traduzido por Mauro Silva. (São Paulo: Summus Editorial, 1997)12.

<sup>223</sup> Jean Claude Bernadet. *O que é cinema*. (São Paulo: Editora brasileira, 2001), 105.

<sup>224</sup> Liliane Lurçat, *Tempos Cativos: As Crianças TV*, (Lisboa: Setenta, 1995), 13.

<sup>225</sup> Cf. Sebastien Denis, *O Cinema de Animação*. (Lisboa: Edições Texto & Grafia, 2010),29

míticos: a luta entre o Herói e o Monstro, os combates e as provas iniciáticas, as figuras e imagens exemplares a Donzela, o Herói, a paisagem paradisíaca, o Inferno etc”<sup>226</sup>.

Os espectadores, ao olharem as vivências dos humanos, também chegam a outras realidades que os filmes pretendem transmitir. É claro que temos casos de filmes que retratam vidas de animais, mas esses não são objeto de análise do nosso estudo, pois a realidade que pretendemos explorar é a realidade humana. Essas personagens ou episódios retratados são capazes de educar pela forma como transmitem a mensagem, na medida que os espectadores se identificam com as realidades transmitidas. “A ficção ensina-nos, enormemente, sobre o ser humano e às vezes bem mais e bem melhor do que a antropologia racional”<sup>227</sup>, numa ótica de afinidade entre arte cinematográfica e a sociedade.

#### *1.4. O cinema e a televisão na educação*

Neste ponto iremos expor o papel que o cinema e a televisão podem ter na educação das crianças, sem deixar de pensar nas palavras do Papa Francisco<sup>228</sup> sobre o papel de uma aldeia na educação das crianças, poderíamos englobar outros meios nessa mesma educação entre eles a do cinema e da televisão.

A nível didático poderíamos seguir o pensamento de Liliane Lurçat,<sup>229</sup> sobre as crianças TV, embora na TV possamos incluir o cinema, pois bastantes obras de cinema são posteriormente difundidas pela TV em todo o mundo. Mas a autora sobre a aprendizagem refere a importância da impregnação, da atividade e da transmissão.

A aprendizagem por impregnação elege a imagem como uma forma de aprendizagem muito atrativa e poderosa numa fase inicial da vida.

Algumas produções são ótimos recursos de ensino e permitem explorar temas complicados, desde a Família, à doença, à morte, à sociedade, às emoções, à problemática ambiental, entre outros. “Um dos desafios fundamentais, entre aqueles que se apresentam às

---

<sup>226</sup> Mircea Eliade, *O sagrado e o profano*. Traduzido por Rogério Fernandes. (São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora, 1992)98-99.

<sup>227</sup> *Ibidem* 140.

<sup>228</sup> Cf. Anna Peiretti, *Palavras do Papa Francisco para todas as Idades*, Traduzido por Vasco Gato.(Lisboa: Arena, 2018),12.

<sup>229</sup> Cf. Liliane Lurçat, *Tempos Cativos: As Crianças TV*, (Lisboa: Setenta, 1995), 54-56.

famílias hoje em dia, é seguramente o da educação, que se tornou mais exigente e complexo devido à realidade cultural atual e à grande influência dos meios de comunicação”<sup>230</sup>.

Não é nossa pretensão a defesa dos filmes como forma de educação das crianças, “É útil que pais e educadores estejam ao corrente dos programas televisivos, filmes”<sup>231</sup> onde o excesso de televisão é prejudicial e também porque nem todas as produções cinematográficas são educativas, podendo mesmo retratar entre outros elementos violência. “No que diz respeito à cultura os média: Constituem uma fonte básica de definições e imagens da realidade social e a expressão mais alargada da identidade comum”<sup>232</sup>.

Mas se as crianças e jovens atualmente vivem de padrões culturais impostos pela sociedade de consumo e pela influência dos meios de comunicação, urge ajudar nessa questão, porque se por um lado tentamos combater, por outro lado podemos usar estes meios, mas para orientar as crianças e jovens para um caminho mais humanizador.

Poder-se-ia seguir o exemplo do canal Panda e criar um canal de desenhos animados, com conteúdos em que os pais possam confiar, que ajudem na construção de pessoas melhores, incentivar o bem, como um aspeto gratificante. Neste caso, poder-se-iam englobar conteúdos da Bíblia, conteúdos cristãos, exemplos de vida de pessoas e santos, mas também, deixar espaço para conteúdos mais humanizadores, utilizando personagens com mensagens de ajuda ao próximo, de carinho, entre outros “Aprender a ser para saber dar e receber”<sup>233</sup>. Utilizar personagens Bíblicas devidamente contextualizadas para se fazer uma correspondência à realidade, que se quer transmitir. E adaptadas a cada faixa etária para que produza os efeitos desejados e para ajudar a uma melhor compreensão do seu significado e simbolismo. A fim de não se reduzir as obras cinematográficas apenas a um aspeto, seja ela a dimensão narrativa, dimensão musical, dimensão visual, dimensão religiosa, dimensão pedagógica, mas um orientar para todos os sentidos, significados, valores, ensinamentos, padrões culturais, padrões religiosos, dar uma consistência à mensagem, ao conteúdo e todos os sentidos que podem despertar no espectador a fim de poderem ser um ponto de partida para a experiência.

Tendo sempre em conta que o tempo de exposição à televisão deve ser consciente. “A Igreja considera hoje como uma das tarefas mais importantes prover a que os leitores ou espectadores recebam uma formação segundo os princípios cristãos, o que também é um serviço

---

<sup>230</sup> Cf. Padres Sinodais, “*Relatio Synodi*” – “Os desafios pastorais sobre a família no contexto da Evangelização”. (18 de outubro de 2014), §56.

<sup>231</sup> Conselho Pontifício para as Comunicações Sociais “*Communio et progressio*” (23 de maio de 1971) §68.

<sup>232</sup> Cf. Dennis Mcquail, *Teoria da comunicação de massas*. (Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003), 4.

<sup>233</sup> Frei Bernardo Domingues, *Aspetos da Família e da educação para o futuro* (Porto: Metanoia, 2002), 457.

à comunicação social”<sup>234</sup>. Adaptar alguns ensinamentos e realidades bíblicas capazes de promover uma literacia religiosa católica aos jovens de hoje com o recurso ao audiovisual. O apóstolo “Filipe, acorrendo, ouviu o etíope a ler o profeta Isaías e perguntou-lhe: ‘Compreendes, verdadeiramente, o que estás a ler? Respondeu ele: ‘E como poderei compreender, se ninguém me explica?’” (Act 8,30). Aqui podíamos englobar o cinema e a televisão na utilização de recursos de animação devidamente contextualizados por uma fidelidade às fontes bíblicas, aos ensinamentos cristãos “Jesus Cristo, ontem e hoje, Ele mesmo por todos os séculos dos séculos” (Heb 13,8) e da tradição para serem adaptados à sétima arte como, Oscar Wilde refere: “a moralidade da arte consiste no uso perfeito de um meio imperfeito”<sup>235</sup>.

Procurando sempre uma aprendizagem contextualizada, entre a narrativa do filme de animação e o sentido religioso para o qual o recurso pretende remeter ou abordar. “O homem não atinge o conhecimento de alguma coisa se não compreender o seu significado, se não captar a sua capacidade de relacionamento com o resto”<sup>236</sup>. Assim sendo, é necessário procurar-se uma linguagem e um discurso que possa ensinar, dando lugar a uma aprendizagem através de uma linguagem adequada e ligada ao aspeto religioso, como determinante, na construção da identidade da pessoa, ao longo das suas múltiplas fases de crescimento, para que depois possa dar lugar a uma verdadeira experiência religiosa. “A imagem deixou de ser um anexo explicativo, ou melhor, ilustrativo, para se tornar um objeto intelectual de conhecimento”<sup>237</sup>, portanto, um processo de aprendizagem, assimilação e de uma série de conteúdos, que posteriormente poderiam ser postos em prática.

## 2. A literacia

Neste ponto iremos referir a literacia na generalidade do termo para, posteriormente, fazermos uma ponte entre a denominada literacia mediática<sup>238</sup>, como capaz de promover uma literacia religiosa católica.

---

<sup>234</sup> Conselho Pontifício para as Comunicações Sociais “*Communio et Progressio*” (23 de maio de 1971) §107.

<sup>235</sup> Oscar Wilde, *O retrato de Dorian Gray*. Traduzido por Januário Leite. (Lisboa: 11 X 17, 2010),5.

<sup>236</sup> Luigi Giussani, *Porquê a Igreja*. (Lisboa: Verbo, 2004),203.

<sup>237</sup> Luís Figueiredo Rodrigues, “Evangelificação e novas tecnologias.” *Theologica* (2011) 325

<sup>238</sup> Mediática in Dicionário da Língua Portuguesa com Acordo Ortográfico [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2019. (consultado a 12 de junho de 2019) <https://lmsev.escolavirtual.pt/dictionaries/detail/lingua-portuguesa/mediatica>

A literacia<sup>239</sup> de uma forma geral remete para a capacidade do indivíduo de ler, escrever, perceber e interpretar o que é lido; ou a capacidade de usar a leitura e a escrita como formas de adquirir conhecimentos e desenvolver potencialidades.

### 2.1. Literacia mediática

A literacia mediática, neste estudo, surge ligada aos meios de comunicação televisão e cinema. Remete para “a capacidade de aceder, criar, avaliar e compreender as mensagens dos vários meios de comunicação”<sup>240</sup>.

A literacia mediática tem, assim, em conta o tipo de mensagem a ser transmitida pelos meios de informação.

O tipo de linguagem, luzes, cores, músicas utilizadas é todo ele pensado previamente de forma a despertar sentidos, emoções e remeter para realidades específicas que se queiram desenvolver.

Poderíamos analisar este tema através de um episódio recente, em que algumas notícias<sup>241</sup> e páginas das redes sociais<sup>242</sup>, em consequência do fatídico incêndio da catedral de Notre Dame, centravam-se em analisar a Catedral não pela perda do património histórico, artístico e religioso, não por ser muito bonita, antiga e visitada, mas muito por causa do filme de animação da Disney, “O Corcunda de Notre Dame”. Este filme não foi incluído neste estudo, pois Esmeralda não é considerada uma Princesa pela Disney, como tal, não se encontra no leque de filmes a aprofundar. Ora vejamos, quase ninguém refere a realidade cristã ou o significado religioso, nem a obra de Victor Hugo, nem mesmo o seu valor histórico e o significado para França. A única realidade que as pessoas têm, no seu subconsciente, é o Quasímodo do filme “O Corcunda de Notre-Dame”. Uma conclusão surge à vista: existem realidades que ficam no subconsciente das pessoas, como pequenas memórias e que não se contextualizam com o seu significado mais abrangente. Incrível é também como a animação pode deixar imagens que nos marcam para o resto da vida: “No cinema fantasia ou não, a realidade se impõe com toda a

---

<sup>239</sup> Cf. Dicionário Editora da Língua Portuguesa 10.ª Edição (Porto Editora: Porto, 2018)

<sup>240</sup> Alessandra Meireles . “O que é Literacia Mediática?” *UALMedia - Redação multimédia de Ciências da Comunicação da Universidade Autónoma de Lisboa*, 06 2018. (consultado a 12 de junho de 2019) <https://ualmedia.pt/o-que-e-literacia-mediatica/>

<sup>241</sup> Notícias ao minuto. “O dia em que Victor Hugo evocou o incêndio em Notre-Dame. Premonição?” <https://www.noticiasao minuto.com/mundo/1235963/o-dia-em-que-victor-hugo-evocou-o-incendio-em-notre-dame-premonicao> (consultado em 12 de junho de 2019).

<sup>242</sup> Andrea Pinto “Notícias ao minuto.” <https://www.noticiasao minuto.com/mundo/1235876/nas-redes-sociais-foi-quasimodo-que-mais-chorou-por-notre-dame> (consultado em 12 de junho de 2019)

força”<sup>243</sup>. Estes filmes de animação sobre conteúdos cristãos, bem aplicados e melhorados poderiam produzir efeitos na evangelização, “Trabalhai, não pelo alimento que desaparece, mas pelo alimento que perdura e dá a vida eterna” (Jo 6,27).

## 2.2. *Literacia religiosa católica*

Neste ponto iremos ver os níveis em que a literacia, de um modo geral, é capaz de produzir ou ajudar a uma literacia religiosa católica. A literacia religiosa católica remete para a capacidade do indivíduo em perceber, interpretar e adquirir conhecimentos dos conteúdos católicos que vê, lê ou ouve.

Perante o exposto, importa clarificar que a literacia remete para várias realidades, entre as quais, as que iremos referir, a da educação, a construção da pessoa no seu todo e mais concretamente no aspeto religioso. Neste estudo sobretudo a nível da educação das crianças.

Sobre a educação da religião, Johannes Lindworsky sugere que, “a primeira condição para a educação, isto é, para transmitir uma capacidade de entrar na realidade, é que os passos do indivíduo que se introduz no real sejam sempre motivados por alguma coisa que se assente sobre uma experiência que ele tenha adquirido”<sup>244</sup>.

Segundo Piaget, existem duas formas de aprendizagem, uma, que nos leva a “saber fazer algo” (repetitiva) e outra que nos leva a “compreender algo” (conhecimento do que acontece, como acontece e suas consequências) Nesta ótica, a relação da aprendizagem valoriza o envolvimento da criança com a experiência vivenciada. Aqui torna-se necessário perceber como é que cada criança percebe, vê, vive e interpreta o mundo que a rodeia de forma única, “Os significados são vistos como produtos de leitura de um público e não propriedade essencial do texto cinematográfico em si. O público dá sentido aos filmes e não meramente reconhece significados ocultos”<sup>245</sup>.

“Para descobrir ou construir o sentido, o ser humano não pode confiar unicamente na racionalidade. O imaginário é um desses lugares no qual ele procura compreender-se e dar sentido à sua existência. O imaginário é aquele de toda uma tradição onde ele se enraíza, feita de mitos, de contos e de lendas. É também aquele que ele construiu desde sua infância, com seus sonhos, sua imaginação e suas infinitas confidências com ele próprio... ‘todas essas histórias que nos contamos’ –

---

<sup>243</sup> Jean Claude Bernadet. *O que é cinema*. (São Paulo: Editora brasileira, 2001), 13.

<sup>244</sup> Cf. Johannes Lindworsky. *L'educazione della volontà*. Bréscia: Morcelliana, 1956.

<sup>245</sup> Graeme Turner. *Cinema como prática social*. Traduzido por Mauro Silva. (São Paulo: Summus Editorial, 1997)122.

todo esse imaginário vai infinitamente mais longe como ‘poder que agrega’, que nossa razão”<sup>246</sup>.

Liliane Lurçat na sua obra *Tempos cativos: as crianças Tv*, embora, sendo muito crítica com o uso dos meios de comunicação e da dependência destes na infância das crianças, não deixa de referir que a “televisão poderia estimular a curiosidade, educar para a diversidade das atividades humanas e favorecer vocações”<sup>247</sup>. Concordamos com a autora “a televisão deve ser gerida. Não deveria ser um substituto da vida”<sup>248</sup>; pois o uso excessivo de televisão e a existência de alguns programas com alguma violência podem ser prejudiciais para as crianças; embora a autora saliente que conteúdos bem equilibrados podem ajudar na educação. Refere ainda que as aprendizagens produzem mais efeitos nas crianças, “A aprendizagem por impregnação tem um grande poder, opera com mais eficácia no início da vida e, de forma mais geral, em qualquer circunstância que não exija a consciência de que se está a aprender”<sup>249</sup>.

De acordo com o Professor João Duque<sup>250</sup> sobre a aprendizagem por impregnação, podemos fazer uma estreita ligação ao poder que o audiovisual tem sobre temas religiosos e pode ter na construção da identidade e de uma aprendizagem por “impregnação” nas crianças, colocar sementes para serem colhidas no futuro.

“Vários são os âmbitos educativos: a escola, a Família, os meios de comunicação, a catequese, e outros. Uma boa educação escolar em tenra idade coloca sementes que podem produzir efeitos durante toda a vida. Mas, quero salientar a importância central da Família, porque é o lugar onde a vida, dom de Deus, pode ser convenientemente acolhida e protegida contra os múltiplos ataques a que está exposta, e pode desenvolver-se segundo as exigências de um crescimento humano autêntico”<sup>251</sup>.

Por conseguinte, para se transmitir a mensagem cristã tem de se ter atenção às características da faixa etária das crianças, a sua capacidade de reação e assimilação, pontos de interesse, necessidades e formas de estar. No que diz respeito à psicologia religiosa, tem-se vindo a demonstrar que a criança segue na apreensão da ideia de Deus e do comportamento religioso da mesma forma, isto é, “são paralelas”<sup>252</sup>, seguindo as mesmas etapas do desenvolvimento da psicologia evolutiva. A educação cristã e a importância da transmissão cultural religiosa na formação pessoal das crianças, como uma cultura que educa e humaniza. Que dota as crianças de conhecimentos para interpretar as manifestações religiosas que

---

<sup>246</sup> Adolphe Gesché, *O Sentido*. (São Paulo: Paulinas: 2005), 139.

<sup>247</sup> Liliane Lurçat, *Tempos Cativos: As Crianças TV*, (Lisboa: Setenta, 1995), 28.

<sup>248</sup> *Ibidem*, 49.

<sup>249</sup> *Ibidem*, 53.

<sup>250</sup> Cf. João Duque, *Textos e Identidades*. (Lisboa: Theologica, 2003),9.

<sup>251</sup> Francisco, Carta Encíclica “*Laudato Si*” do Santo Padre Francisco Sobre o Cuidado da Casa Comum (24 de maio de 2015), §213.

<sup>252</sup> Frei Bernardo Domingues, *Aspetos da Família e da educação para o futuro* (Porto: Metanoia, 2002), 315.

surgiram no mundo, que ao serem entendidas (significado, origem, simbolismo) o fazem ter uma aproximação e sensibilização perante o sentido do objeto religioso.

“Deus não tem dificuldade em fazer-se compreender pelas crianças. As crianças não têm problemas em compreender Deus”<sup>253</sup>, mas para isso, é necessário que as crianças tenham contacto ou sejam convidadas: “a existência cristã é um convite: tornamo-nos cristãos apenas se formos convidados”<sup>254</sup>. Um convite gratuito de Deus para ouvir e seguir os seus ensinamentos, realidade cada vez mais difícil dado o ateísmo e anticlericalismo, marcadamente característicos da sociedade atual.

A Igreja, não afasta a importância dos meios de comunicação para as sociedades atuais, embora sempre muito ciente das múltiplas influências, destes meios, “tanto se pode recorrer aos *mass media* para proclamar o Evangelho, como para o afastar do coração do homem”<sup>255</sup>.

A nível de evangelização, estes conteúdos difundidos através dos meios de comunicação poderiam ser uma ferramenta pedagógica capaz de produzir efeitos na interioridade das crianças, no futuro. “Vários são os âmbitos educativos: a escola, a Família, os meios de comunicação, a catequese e outros. Uma boa educação escolar em tenra idade coloca sementes que podem produzir efeitos durante toda a vida”<sup>256</sup>.

### 3. A Evangelização

A evangelização surge, neste estudo uma vez que alguns dos temas como, a Família, os meios de comunicação, a educação e a literacia religiosa católica foram-se interligando à medida que se aprofundava o estudo. “A Bíblia considera a Família também como o local da catequese dos filhos, Família é o lugar onde os pais se tornam os primeiros mestres da fé para seus filhos”<sup>257</sup>. Para além da função de abrigo, amor, educação, afetos, sociabilização, proteção, económica e de diversão, a Família cristã tem também a função de transmitir a fé ensinar os filhos a saber ouvir e interpretar os ensinamentos que Jesus Cristo nos deixou. É em Família que se tem o primeiro contacto com o evangelho que depois continua com a catequese e a Igreja.

---

<sup>253</sup> Anna Peiretti, *Palavras do Papa Francisco para todas as Idades*, Traduzido por Vasco Gato. (Lisboa: Arena, 2018), 35.

<sup>254</sup> *Ibidem*, 33.

<sup>255</sup> Conselho Pontifício para as Comunicações Sociais, Instrução Pastoral “*Aetatis Novae*” sobre as *comunicações sociais no vigésimo aniversário da “Communio et Progressio”* (1 de janeiro de 1992), §4.

<sup>256</sup> Francisco, Carta Encíclica “*Laudato Si*” do Santo Padre Francisco Sobre o Cuidado da Casa Comum (24 de maio de 2015), §213.

<sup>257</sup> Francisco, Exortação Apostólica Pós-Sinodal “*Amoris Laetitia*” (19 de março de 2016), §16

O cristianismo apresenta-se como a Boa Nova, mensagem que deve ser transmitida e anunciada a todos os povos. Evangelizar na sua essência é comunicar a Boa Nova. A Igreja ao servir-se dos meios de comunicação nesse anúncio do Evangelho, continua a sua missão de evangelizar.

A Evangelização<sup>258</sup> segundo o dicionário da Porto editora remete para ato ou efeito de evangelizar, divulgar a fé cristã.

A missão que Jesus Cristo deixou aos seus apóstolos foi anunciar o evangelho de Deus ao mundo, missão evangelizadora que depois transitou para a Igreja, “Ide por todo o mundo, e pregai o evangelho a toda criatura” (Mc 6,15). A evangelização é cada vez mais uma missão de todos os cristãos, dirigida a todo o mundo. Pautada pela abertura ao mundo, não se limita a um tempo, espaço ou culturas específicas, procurando ajudar nos problemas reais do mundo. Mantendo também a sua missão de evangelizar, mas procurando enquadrar o Evangelho e a mensagem do Cristianismo à realidade dos nossos dias, através de uma linguagem atual e perceptível, num convite livre à humanidade sem obrigar, para que todos possam encontrar Deus.

A Igreja missionária é portadora da missão de evangelizar o mundo,<sup>259</sup> de anunciar Jesus Cristo: Sua vida, Palavra, Reino, Paixão, Morte e Ressurreição. Cristo é objeto e sujeito da evangelização, pois “Evangelizar constitui, de fato, a graça e a vocação própria da Igreja, a sua mais profunda identidade. Ela existe para evangelizar, ou seja, para pregar e ensinar, ser o canal do dom da graça, reconciliar os pecadores com Deus e perpetuar o sacrifício de Cristo na santa missa, que é o memorial da sua morte e gloriosa ressurreição”<sup>260</sup>.

### 3.1. A evangelização a partir dos meios de comunicação

Sobre a evangelização a partir dos meios de comunicação, apraz-nos refletir sobre o texto de José Freitas Ferreira sobre a teologia da comunicação<sup>261</sup>, pois conseguimos, vislumbrar, segundo ele três períodos,<sup>262</sup> contextualizado o uso dos meios de comunicação.

---

<sup>258</sup> Evangelização in Dicionário da Língua Portuguesa com Acordo Ortográfico [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2019. (consultado a 15 de junho de 2019) [lmsev.escolavirtual.pt/dictionaries/detail/lingua-portuguesa/evangelizacao](http://msev.escolavirtual.pt/dictionaries/detail/lingua-portuguesa/evangelizacao)

<sup>259</sup> João Paulo II, Carta Encíclica “*Redemptoris Missio*” (7 de dezembro de 1990) §1, consultado em 2 de junho, 2019, [http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf\\_jp-ii\\_enc\\_07121990\\_redemptoris-missio.html](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_07121990_redemptoris-missio.html)

<sup>260</sup> Paulo VI Exortação Apostólica “*Evangelii Nuntiandi*” a evangelização no mundo contemporâneo §14, consultado em 2 de julho, 2019, [http://w2.vatican.va/content/paulvi/pt/apost\\_exhortations/documents/hf\\_p-vi\\_exh\\_19751208\\_evangelii-nuntiandi.html](http://w2.vatican.va/content/paulvi/pt/apost_exhortations/documents/hf_p-vi_exh_19751208_evangelii-nuntiandi.html).

<sup>261</sup> Cf. José Freitas Ferreira, “Teologia da Comunicação.” *Didaskalia* (1985)305-326.

<sup>262</sup> *Ibidem*, 306

O primeiro período: das origens ao aparecimento dos instrumentos da comunicação social. Neste aspeto, centra-se na importância da invenção da comunicação escrita, da difusão das artes figurativas, do teatro e da imprensa de Gutenberg.

O segundo período: da imprensa periódica até ao Concílio Vaticano II. Aqui refere a importância do jornal moderno, a rádio, a televisão e o cinema como lugares de destaque e alvo de estudo e de incentivo pela Igreja. Como se pode comprovar nos inúmeros documentos do Magistério da Igreja, desde a Encíclica “*Vigilanti Cura*”, em que Pio XI trata da questão do cinema. Depois teríamos a Encíclica “*Miranda Prorsus*”, em que Pio XII aprofundou a temática do cinema, da rádio e da televisão ao serviço da evangelização. A importância dos meios de comunicação não ficará por aqui, pois mais documentos sobre o tema foram produzidos no período seguinte.

O terceiro período: que engloba o Concílio e pós-concílio Vaticano II, Documentos como o Decreto *Inter Mirifica* do Concílio Vaticano II e na Instrução Pastoral “*Communio et progressio*” de Paulo VI. Estes documentos ressaltam a utilidade destes meios, mas também os perigos do seu mau uso. Advertem para que o seu uso deva ser controlado e aplicado de uma forma responsável. Outro aspeto foi a criação do chamado “dia mundial das Comunicações” pela comissão Pontifícia, em 1966, celebrado em 7 de maio de 1967 pela primeira vez.

Assim sendo, a temática da evangelização através da televisão e do cinema não é nova, embora, pouco valorizada, sobretudo ao nível dos mais jovens. Realidade que se constatou após pesquisas sobre desenhos animados capazes de promover uma literacia religiosa católica e, assim, ajudar na evangelização. De referir os filmes, A Estrela de Natal, José Rei dos Sonhos e O Príncipe do Egito, como exemplos desta promoção da literacia religiosa católica.

Verificamos que estes recursos de animação para os espetadores mais jovens, englobando temas cristãos por exemplo, através de desenhos animados, têm sido pouco utilizados, situação que poderia produzir bons efeitos na educação integral das crianças. É claro que os mais futuristas poderiam argumentar que as novas tecnologias, tais como os tablets e os telemóveis, são o futuro, já a televisão seria considerada obsoleta, tal como refere Luís Figueiredo que já não estamos na fase dos “mass media, mas sim dos cross media”<sup>263</sup>. Corroborando esta opinião, a televisão serve em casa e os tablets chegam a espaços que a televisão não consegue.

---

<sup>263</sup> Luís Figueiredo Rodrigues, “Evangelização e novas tecnologias.” *Theologica* (2011) 295.

Segundo o artigo de Isabel Leiria do *jornal Expresso*<sup>264</sup> relativamente aos problemas que as novas tecnologias têm criado nas crianças e nos pais, encontram-se aspetos negativos e preocupantes, como a perda de laços entre pais e filhos, o isolamento, a dependência, o problema dos conteúdos pesquisados e a falta de filtros nos conteúdos apresentados. “A TV é omnipresente, o canal panda é o preferido, o *tablet* é o *gadget* bom, mas com a internet é preciso ter cuidado”<sup>265</sup>. Encontramos aspetos positivos que, de alguma forma, vão ao encontro do defendido e proposto neste trabalho que são os seguintes: a televisão consegue ser um meio de comunicação em que os pais confiam, isto é, através de desenhos animados em canais como o Panda (o mais visto) e o Disney Chanel, pois, apresentam-se com conteúdos filtrados e controlados, “a televisão aparece como um ecrã seguro, apaziguador e integrador”<sup>266</sup>.

Sempre cientes que é muito diferente ler uma história ou ver um filme. Num livro “O leitor é confrontado com um tempo estranho, imaginário, cujos ritmos variam indefinidamente, pois cada narrativa tem o seu próprio tempo, específico e exclusivo”; por sua vez, “A televisão visa essencialmente os afectos, com o intuito de favorecer a participação e a identificação”<sup>267</sup>, pois remete para a subjetividade do espetador e a forma como este interpreta a realidade daquilo que vê; pegando aqui de alguma forma no pensamento de Paul Ricoeur em que “compreender não é projetar-se no texto mas expor-se ao texto”<sup>268</sup>. No caso do filme não seria projetar-se no filme, mas expor-se ao conteúdo do mesmo. “Um conhecimento praxiológico, como o processo de interiorização da exterioridade e da exteriorização da interioridade”<sup>269</sup>.

“A imagem religiosa, para cumprir a sua missão, precisa de permitir certo distanciamento crítico, uma reflexão ponderada, que deixa que aflore e torne presente a gramática da memória crente, capaz de perceber e dizer o diferente.”<sup>270</sup>. Desta forma, podemos encontrar a vertente evangelizadora e educadora que este recurso pode ter desde que seja alvo de uma mediação adequada.

Associar o texto do filme ao contexto religioso<sup>271</sup>, que através da linguagem do cinema é capaz de criar um “hipertexto e uma metalinguagem que, pela primeira vez na história, integra

---

<sup>264</sup> Leiria, Isabel. “Quando a TV, Tablet e telemóvel se transformam em babysitters.” *Expresso*, Janeiro 2017: 23-23.

<sup>265</sup> *Ibidem*, 23.

<sup>266</sup> *Ibidem*, 23.

<sup>267</sup> Liliane Lurçat, *Tempos Cativos: As Crianças TV*, (Lisboa: Setenta, 1995), 34.

<sup>268</sup> Paul Ricoeur, *Interpretações e ideologias*. 4ª edição. Traduzido por Hilton Japiassu. (Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves editora SA, 1990),139.

<sup>269</sup> Cf. Pierre Bourdieu, “Esboço de uma teoria da prática”, tradução Renato Ortiz .A Sociologia de Pierre Bourdieu. (São Paulo: Olho d’Água, 2003), 1-34.

<sup>270</sup> Rodrigues, Luís Figueiredo. *O Digital No Serviço Da Fé. Formar Para Uma Oportunidade*. (Lisboa: Universidade Católica Editora, 2016),85-88.

<sup>271</sup> Cf. João Duque, *Textos e Identidades*. (Lisboa: Theologica, 2003),9.

no mesmo sistema as modalidades escrita, oral e audiovisual da comunicação humana”<sup>272</sup>, que ao serem visualizadas possam ser capazes de produzir significados, gerar experiências, mobilizar sentidos e emoções ao espectador, “o Evangelho não é apenas uma comunicação de realidades que se podem saber, mas uma comunicação que gera factos e muda a vida”<sup>273</sup>, procurando identificações entre a linguagem bíblica e a linguagem cinematográfica.

Aqui importa salientar a importância de um trabalho hermenêutico prévio na seleção dos temas a adaptar ao cinema, uma vez que “a Bíblia sendo uma narrativa, podia ser traduzida em representações”<sup>274</sup>.

“A comunicação religiosa está relacionada com a linguagem imagética e não com o raciocínio lógico. Porque, ao contrário do discurso lógico, a linguagem figurativa é a expressão que interpreta a existência. A linguagem imagética não contradiz o logos: até a completa. Só que o discurso lógico explica, o imagético determina. Pela linguagem conceptual, a pessoa torna-se sabedor; pela imagética, torna-se sábia. A imagem revela a genuína profundidade da realidade”<sup>275</sup>.

Os recursos devem ser renovados constantemente, desde os grafismos, os tipos de imagens, a musicalidade e o tipo de mensagem daquilo que se quer transmitir. “Implica organizar e fazer territórios, o que implicará traçar fronteiras, consolidar conteúdos, defender o que se adequa e eliminar o que não se coaduna”<sup>276</sup>.

As passagens da Bíblia estão de alguma forma condicionadas a um tempo, a um espaço, a uma cultura e aos problemas específicos da época retratada. Mas não deixa de ser verdade que a dimensão antropológica do ser humano se mantém, como um ser social e relacional, que precisa de enfrentar as adversidades da vida conforme os seus antepassados em épocas distintas. É claro que para problemas e adversidades distintas, também dispõe de mecanismos e ferramentas que outras gerações não dispunham.

Daqui se compreende a necessidade de atualizar a mensagem aos problemas e contextos atuais, “a Igreja deve comunicar sempre a sua mensagem, de um modo adaptado a cada época”<sup>277</sup>, sempre cientes que é necessário um vasto trabalho de hermenêutica, contextualização e comparação entre realidades distintas.

---

<sup>272</sup> Cf. Manuel Castells, *A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura- A Sociedade em Rede* (Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2007), 414.

<sup>273</sup> Bento XVI Carta Encíclica “*Spe salvi*” sobre a Esperança cristã (30 de novembro de 2007) §2 ,consultado em 2 de junho, 2019 [http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf\\_ben-xvi\\_enc\\_20071130\\_spe-salvi.html](http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf_ben-xvi_enc_20071130_spe-salvi.html)

<sup>274</sup> Christian Duquoc, “Os Media e o Cristianismo. ‘Só existe aquilo que se dá a ver’”,(Communio, Lisboa, 2007), 18.

<sup>275</sup> Armindo Vaz. *A Bíblia na Vida da Igreja*. Seminário Temático III , (Lisboa: Faculdade de Teologia, UCP, 2015-2016)51.

<sup>276</sup> Luís Figueiredo Rodrigues, “A transmissão da fé nos dispositivos digitais.” *Theologica* (2016), 35.

<sup>277</sup> Conselho Pontifício para as Comunicações Sociais, Instrução Pastoral “*Aetatis Novae*” sobre as comunicações sociais no vigésimo aniversário da “*Communio et Progressio*”(1 de janeiro de 1992), §8 ,consultado em 2 de junho, 2019 [http://www.vatican.va/roman\\_curia/pontifical\\_councils/pccs/documents/rc\\_pc\\_pccs\\_doc\\_22021992](http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/pccs/documents/rc_pc_pccs_doc_22021992)

“Os meios de comunicação social, portanto, prestam um tríptico serviço à Igreja: possibilitam a sua manifestação ao Mundo; promovem, no seio da mesma Igreja, o diálogo; finalmente, põem-na ao corrente da mentalidade dos homens de hoje, aos quais ela deve anunciar o Evangelho, mas usando uma linguagem compreensível ao mundo e partindo da problemática que agita o género humano”<sup>278</sup>.

No mundo em que vivemos, questionamo-nos sistematicamente sobre os domínios da arte e as realidades que estas procuraram espelhar ou retratar, dando origem a constantes interpretações para o sentido da nossa vida.

“Pode apresentar e significar profundamente a condição humana; pela percepção sensível, torna possível a descoberta das realidades espirituais; permite ao homem um melhor conhecimento de si mesmo; conhecimento que se deve buscar não só no campo das artes e letras mas também no campo moral e religiosa”<sup>279</sup>.

Estes meios, embora úteis pela forma como conseguem atuar nas vivências pessoais, devem ser sempre analisados segundo o sentir, julgar e agir;<sup>280</sup> *Vigilati Cura* ou “ver, avaliar, agir” na “*Aetatis Novae*”<sup>281</sup> “E nem tudo no discurso cristão é mensagem: a leitura é interpretação, é trabalho de inculturação. A Mensagem da Igreja deve integrar nesta nova cultura criada pelas modernas comunicações”<sup>282</sup>.

“Os meios de comunicação social têm um papel cada vez mais importante no vasto domínio da educação. Em muitos países, os meios audiovisuais, as ‘video-cassettes’, a rádio e a televisão”<sup>283</sup>, são vistos como bons recursos para a educação. Poderíamos olhar para este tipo de aprendizagem ou educação por impregnação através do uso do audiovisual e inseri-la na evangelização dos mais jovens ainda numa fase em que esta aprendizagem da mensagem cristã possa ser difundida, expandida nas crianças e manter-se no futuro, “A Igreja católica, fundada por Nosso Senhor Jesus Cristo para levar a salvação a todos os homens, e por isso mesmo obrigada a evangelizar, considera seu dever pregar a mensagem de salvação, servindo-se dos meios de comunicação social”<sup>284</sup>.

Numa sociedade cada vez mais anticlerical é importante o papel da evangelização na educação das crianças, tal como Jesus nos ensinou “Deixai as crianças e não as impeçais de vir

---

\_aetatis\_po.html

<sup>278</sup> Conselho Pontifício para as Comunicações Sociais “*Communio et Progressio*” (23 de maio de 1971) §125.

<sup>279</sup> *Ibidem* §55.

<sup>280</sup> Pio XI Carta Encíclica “*Vigilanti Cura*” sobre o cinema §19 ,consultado em 2 de junho, 2019, [http://w2.vatican.va/content/pius-xi/pt/encyclicals/documents/hf\\_p-xi\\_enc\\_29061936\\_vigilanti-cura.html](http://w2.vatican.va/content/pius-xi/pt/encyclicals/documents/hf_p-xi_enc_29061936_vigilanti-cura.html)

<sup>281</sup> Conselho Pontifício para as Comunicações Sociais, Instrução Pastoral “*Aetatis Novae*” sobre as comunicações sociais no vigésimo aniversário da “*Communio et Progressio*” (1 de janeiro de 1992), §11.

<sup>282</sup> José Augusto Mourão, “Comunicação e religião : o fantasma de uma oportunidade.” *Revista Lusófona de Ciência das Religiões* (2002), 88

<sup>283</sup> Conselho Pontifício para as Comunicações Sociais “*Communio et progressio*” (23 de maio de 1971) §48.

<sup>284</sup> Decreto “*Inter mirifica*” Sobre os meios de comunicação social é um decreto feito pelo conselho no Vaticano II e foi promulgado em) pelo Papa Paulo VI (4 de dezembro de 1963) §3,consultado em 4 de junho, 2019[http://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_decree\\_19631204\\_inter-mirifica\\_po.html](http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decree_19631204_inter-mirifica_po.html)

a mim, pois delas é o Reino dos Céus” (Mt 19,13-15), “Deixai as crianças virem a mim. Não as impeçais, pois delas é o Reino de Deus” (Mc 10,13-16) e “deixai as criancinhas virem a mim e não as impeçais, pois delas é o Reino de Deus” (Lc 18,15-17). Nestas três passagens por alguma razão encontramos a importância que as crianças tinham para Jesus Cristo além de serem as mais indefesas e necessitarem de proteção, podemos ver que Jesus tinha grandes esperanças nas crianças pois, estas quando crescerem serão adultos e como tais, pais de crianças. Daqui se pode compreender a necessidade de as proteger, mas também de as educar e a importância que estas terão e tiveram na evangelização ao longo dos séculos.

A transmissão das histórias e os ensinamentos da Bíblia seguiram a tradição oral até começarem a serem redigidas em papel; atualmente, com a difusão dos meios de comunicação, estas têm sofrido mudanças, tornando-se cada vez mais visuais e interativas. “O cristianismo adoptou uma linguagem estranha – o logos grego e mais tarde a retórica; agora tornou-se inevitável o encontro da religião com as tecnologias da comunicação”<sup>285</sup>.

Repercutindo-se na forma de evangelizar o mundo, “A mãe Igreja sabe que estes meios, rectamente utilizados, prestam ajuda valiosa ao género humano, enquanto contribuem eficazmente para recrear e cultivar os espíritos e para propagar e firmar o reino de Deus”<sup>286</sup>.

As histórias, ao serem familiares, mais depressa são assimiladas e aceites, e podem contribuir para o desenvolvimento da identidade pessoal. No cinema “a narrativa pode ser descrita como uma forma de ‘dar sentido’ ao nosso mundo social e partilhar esse ‘sentido’ com os outros. Sua universalidade realça o lugar intrínseco que ocupa na comunicação humana.”<sup>287</sup>. As críticas certamente iriam surgir e segundo Luigi Giussani:

“ também hoje, o estar concentrado a procurar defeitos de quem anuncia o cristianismo, ou pronto a escandalizar-se com eles, não é mais do que um alibi para não ter que aderir nunca, para nunca ter de se modificar a si mesmo. Os defeitos, realmente existirão sempre e de qualquer modo. Então decidir fixar o olhar sobre eles é um modo fatal de decidir não procurar o valor com o olhar”<sup>288</sup>.

Também Frederick Nietzsche dizia na sua obra “Humano demasiado Humano” sobre os “Meios e fim. — Na arte, o fim não santifica os meios: mas meios sagrados podem santificar o fim.”<sup>289</sup> Uma conjugação entre sagrado e profano, como defendia Mircea Eliade<sup>290</sup> na utilização

---

<sup>285</sup> José Augusto Mourão, “Comunicação e religião : o fantasma de uma oportunidade.” *Revista Lusófona de Ciência das Religiões* (2002), 86.

<sup>286</sup> *Ibidem*, 2.

<sup>287</sup> Graeme Turner. *Cinema como pratica social*. Traduzido por Mauro Silva. (São Paulo: Summus Editorial, 1997)73.

<sup>288</sup> Luigi Giussani, *Porquê a Igreja*. (Lisboa: Verbo, 2004),171.

<sup>289</sup> Friedrich. Nietzsche *Humano, demasiado humano – um livro para espíritos livres*. Vol II -Traduzido por Paulo César de Souza. (São Paulo: Companhia das Letras, 2008)139.

<sup>290</sup> Mircea Eliade *O sagrado e o profano*. Traduzido por Rogério Fernandes (São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora, 1992)

de meios profanos para expor realidades sagradas. “Manifestando o sagrado, um objeto qualquer torna-se outra coisa e, contudo, continua a ser ele mesmo, porque continua a participar do meio cósmico envolvente”<sup>291</sup> e adaptando aos meios de comunicação de massa surgem como capazes de coisas maravilhosas em prol da evangelização, mas também alvo de alguma cautela, pois o seu mau uso pode ser perigoso. “Ou dizeis que a árvore é boa e o seu fruto bom, ou dizeis que a árvore é má e o seu fruto mau, porque pelo fruto se conhece a árvore” (Mt 12,33).

O tipo de comunicação foi evoluindo, desde a palavra falada, passando pela palavra escrita, pelo recurso a imagens e agora pela conjugação destes três aspetos. Se analisarmos o tipo de arte utilizado, no período da arte paleocristã comparativamente com o estilo gótico ou barroco, é diferente. Entre outros aspetos as técnicas, as formas de expressar a devoção e a fé são, assim, totalmente diferentes, mas não necessariamente contraditórios.

“O cristão de uma determinada época da história disporá de meios que outros não tiveram e estará privado de outros... Jesus na sua vida terrena, não pôde aproveitar tecnologias que só épocas posteriores ofereceram ao homem, mas valorizou plenamente a sua tradição, o seu momento histórico”<sup>292</sup>.

Os meios de hoje são muito diferentes dos que existiam há dois mil anos e serão diferentes do que o Homem disporá daqui a mil anos. Nestes tempos em que vivemos, temos de evangelizar com os meios que dispomos. Entre eles, os livros que podem e devem ser constantemente difundidos pela capacidade de aprendizagem que possuem e levam os seus leitores a sonhar.

“Que seria do cristianismo sem o formidável fundo de imaginário, que desde as origens ele veicula e continua a veicular com ele. E com o qual ele envolve, como para bem assegurá-la, a expressão pura de sua fé e de sua mensagem? Desde as narrativas míticas às quais recorre em seu Antigo Testamento, o querigma (judeu) cristão não faz outra coisa senão solicitar, como um vagalhão e um cenário sempre vasto, nosso imaginário”<sup>293</sup>.

A internet, meio mais recente, mas com muito potencial ao serviço evangelizador, embora possa ser alvo de melhorias, mas também de algumas cautelas. A televisão e o cinema que de alguma forma são o tema de estudo deste trabalho, indo ao encontro do que a Igreja também acredita. “A utilidade da TV para a evangelização torna-se inquestionável, permitindo, pelo audiovisual em direto, a sugestão de copresença e, pela sua aparente difusão sem limites, a omnipresença, a TV prestava-se à missão evangélica de forma muito adequada”<sup>294</sup>.

---

<sup>291</sup> *Ibidem*, 13.

<sup>292</sup> *Ibidem*, 179.

<sup>293</sup> Adolphe Gesché, *O Sentido*. (São Paulo: Paulinas: 2005), 152.

<sup>294</sup> Cf. Carlos Capucho “A construção da festa eletrónica na visita de Bento XVI a Portugal.” (Comunicação & cultura 2011),102.

“O uso dos meios de comunicação tornou-se essencial para a evangelização e para a catequese”<sup>295</sup>, como por exemplo na atualização de alguns desenhos animados ou da criação de um canal de televisão religioso, mas para crianças e jovens, onde se pudessem adaptar as passagens bíblicas ou histórias bíblicas aos dias de hoje, em que a mensagem faça sentido às gerações atuais. Compreende-se, assim, a necessidade de uma correta utilização desta fortíssima ferramenta de transmissão de valores e de identidade Cristã, na correta construção dinâmica de identidades como cristãos e como seres humanos, do que somos e o que devemos ser, numa clara alusão ao texto cristão, ser de relação e para os outros.

### 3.2. A utilização de personagens e relatos bíblicos no cinema

“A Igreja encara estes meios de comunicação social como ‘dons de Deus’”<sup>296</sup>. A esta luz, é necessário reforçar a tentativa de melhorar a forma como a animação pode ser um método mais eficiente na educação e na posterior assimilação de valores. Em tempos de globalização, toda a carga emocional e significados que as imagens produzem, reveste-se de uma importância acrescida na evangelização do mundo. Ninguém ama aquilo que nunca viu, “por isso, também hoje é necessário um empenho eclesial mais convicto a favor duma nova evangelização, para descobrir de novo a alegria de crer e reencontrar o entusiasmo de comunicar a fê”<sup>297</sup>.

Os filmes produzidos pela indústria cinematográfica produzem efeitos nas vivências das crianças capazes de ajudar no seu desenvolvimento pessoal, muito por força das mensagens vinculadas da sua exploração ao nível musical, dramático, de sentimentos e emoções, “Do ponto de vista da forma, a arte exemplar é a do músico. Do ponto de vista do sentimento, a arte do ator é a exemplar”<sup>298</sup>.

A utilização de passagens bíblicas através do Cinema e da Televisão não é nova, mas é pouco utilizada, podemos constatar que poucas personagens bíblicas foram atualizadas cinematograficamente.

“Vemos que existe uma tensão, necessidade de repetição e necessidade de inovação  
Essa tensão repetição/inovação não está apenas no produtor mas também no

<sup>295</sup> Pontifício Conselho para as Comunicações Sociais, Instrução Pastoral “*Aetatis Novae*” sobre as comunicações sociais no vigésimo aniversário da “*Communio et Progressio*” (1 de janeiro de 1992), §11.

<sup>296</sup> Conselho Pontifício para as Comunicações Sociais “*Communio et progressio*” (23 de maio de 1971) §2.

<sup>297</sup> Bento XVI Carta Apostólica sob forma de “*Motu Proprio*” *Porta fidei com a qual se proclama o Ano da Fé* (11 de outubro de 2011), consultado em 12 de maio, 2019, [http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/motu\\_proprio/documents/hf\\_ben-xvi\\_motu-proprio\\_20111011\\_porta-fidei.html](http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/motu_proprio/documents/hf_ben-xvi_motu-proprio_20111011_porta-fidei.html)

<sup>298</sup> Oscar Wilde, *O retrato de Dorian Gray*. Traduzido por Januário Leite. (Lisboa: 11 X 17, 2010),6.

espetador que se por um lado este precisa de inovação para assegurar seu divertimento, por outro a repetição lhe confirma seus gostos, seus valores, lhe dá segurança, o integra num sistema de valores”<sup>299</sup>.

Tendo em conta a nossa revisão cinematográfica, as mais recentes produções foram: A Estrela de Natal, produzido pela Sony Pictures, em 2017, onde se destaca o papel dos animais; o filme José Rei dos Sonhos, da DreamWorks Animation, em 2000, e O Príncipe do Egito, em 1998, pela DreamWorks Animation, chegando este último a estar nomeado para um Óscar, foram as únicas produções de cariz Bíblico que temos conhecimento a serem produzidas.

Deixa-nos perplexos a falta de aprofundamento temático destes conteúdos, uma vez que, a Bíblia está repleta de referências a heróis e contos maravilhosos, “É raro, até excepcional, que o cinema de animação se aventure na adaptação das grandes narrativas religiosas, até porque as séries adaptadas de textos bíblicos não conseguem obter sucesso assinalável”<sup>300</sup>. “Surge, pois, a necessidade de usar, quanto possível, os meios de comunicação social para apresentar a mensagem cristã, dum modo mais interessante e eficaz, encarnando-a no estilo próprio de cada um destes meios”<sup>301</sup>.

Pretendemos reforçar, assim, a necessidade de se atualizarem os temas, na questão da qualidade das imagens, dos gráficos e das falas. Estas produções deveriam ser adequados às gerações atuais, porque não se dá uma nova imagem, uma nova roupagem e uma mensagem compreensível para as novas gerações? Uma comparação que podemos fazer é, por exemplo, no caso do rato Mickey que já fez noventa anos e que se mantém atual e apelativo para as crianças de geração em geração, dada a grande capacidade e esforço das produções da Disney em renovarem a personagem.

Estes conteúdos, assistidos em família, podem despertar interesse nas crianças, mas também nos pais, inclusive em abraçar a fé, não apenas pela mensagem religiosa mas pelos valores morais englobados e com isto “exercer uma influência profundamente moralizadora sobre seus espectadores”<sup>302</sup>.

“Muitos são os filmes que põem os grandes recursos do cinema ao serviço de assuntos que fomentam o progresso humano e valores espirituais. Obras de tal género são dignas de todo o louvor. Os centros católicos de cinema devem dar todo o apoio a este tipo de filmes e respectivos realizadores. É bom recordar que muitos filmes, unanimemente reconhecidos como obras primas cinematográficas, tratam

---

<sup>299</sup> Jean Claude Bernadet. *O que é cinema*. (São Paulo: Editora brasileira, 2001), 76-77.

<sup>300</sup> Stéphane Dreyfus, “Snp cultura.” *Secretariado Nacional da Pastoral da Cultura*. 28 de novembro de 2017. [https://www.snpcultura.org/a\\_estrela\\_de\\_natal.html](https://www.snpcultura.org/a_estrela_de_natal.html) (consultado a 25 de fevereiro de 2019).

<sup>301</sup> Conselho Pontifício para as Comunicações Sociais “*Communio et Progressio*” (23 de maio de 1971) §31.

<sup>302</sup> Pio XI Carta Encíclica “*Vigilanti Cura*” sobre o cinema §19.

de assuntos religiosos. O que significa que o cinema é um meio perfeitamente capaz de tratar profundamente tais temas”<sup>303</sup>.

É importante aprender a dialogar com os jovens de hoje, utilizar medidas e meios atuais, bem como adaptar a mensagem que pretendemos transmitir, “A transmissão da fé torna necessária, hoje mais do que nunca, uma linguagem capaz de alcançar todos, especialmente os jovens”<sup>304</sup>. Assim, e de acordo com D. António Couto, Bispo de Lamego, “É preciso, de facto uma nova maneira de comunicar o Evangelho, não tão abstrata, não tão chata, mas muito mais viva, mais jovem, muito mais bela, muito mais dinâmica”<sup>305</sup>. Poderá tratar-se, portanto, de criar um canal de desenhos animados através dos quais se represente realidades cristãs às crianças e jovens através de uma linguagem que estes compreendam de forma a evoluírem para o mundo das representações e, com isso, depois possam ser imitadas e aprendidas, “A moral concreta, moral das situações, pode ser uma iniciação aos valores: o bem, o verdadeiro, o belo”<sup>306</sup>.

A televisão e o cinema, através da sua capacidade de assimilação nas vivências, tornam-se capazes de levar à “imitação de atitudes, comportamentos”<sup>307</sup>, daí a necessidade de uma contextualização prévia por parte da Igreja Católica, pois, embora reconheça a importância deste meios de comunicação, não deixa de ter algumas reservas e preocupações sobre a sua correta utilização. Visível nos documentos pontifícios “*Vigilanti Cura*” “*Communio et progressio*” “*Miranda prorsus*”, *Inter Mirifica*” e “*Populorum Progressio*” onde se refere a alguns cuidados a ter no uso dos mesmos. A correta utilização é umas das preocupações da Igreja desde sempre, se recordarmos a *Inter multiplices*, publicada pelo Papa Inocêncio VIII em 1487 sobre o perigo da imprensa inventada por Johannes Gutenberg como passível de difundir ideias diferentes à da tradição católica.

A evangelização não é só o anunciar o Evangelho, deve ter em conta o amor de Cristo e os seus ensinamentos. Aprender o sentido religioso reveste-se de uma importância fulcral na educação integral da pessoa. A Igreja deve, então, procurar alimentar a memória da tradição cristã, mas procurando compreender a realidade social e tecnológica, procurando continuamente acompanhar os sinais do tempo numa linguagem e discursos sempre atualizados.

---

<sup>303</sup> Conselho Pontifício para as Comunicações Sociais “*Communio et progressio*”(23 de maio de 1971) §144.

<sup>304</sup> Cf. Padres Sinodais, Relatio Synodi – “Os desafios pastorais sobre a família no contexto da Evangelização”. (18 de outubro de 2014), §56

<sup>305</sup> D. António Couto citado por Frei Bento Domingues- “Abstrata e chata.” O Público, 5 de fevereiro de 2012. <https://www.publico.pt/2012/02/05/jornal/abstrata-e-chata-23918776>

<sup>306</sup> Liliane Lurçat, *Tempos Cativos: As Crianças TV*, (Lisboa: Setenta, 1995), 77.

<sup>307</sup> *Ibidem*, 63.

#### 4. Síntese

Neste capítulo procuramos refletir sobre os meios de comunicação, onde aprofundamos a realidade da televisão e do cinema, uma vez que o estudo se debruça nos filmes das Princesas da Disney e nas suas realidades familiares.

Ao longo do estudo, deparamo-nos com as ligações existentes entre o cinema e a televisão, pois estes retratam várias realidades sociais, nomeadamente a Família que é na sua essência uma realidade biológica e social. Encontramos também a vertente educativa do cinema e da televisão, importantes pela capacidade de ser assimilada pelos espetadores e capazes de promoverem uma literacia sobre variados temas. A literacia seria a capacidade de se perceber aquilo que se lê, vê ou ouve, que se revelou interessante na forma como a literacia mediática que resulta destes meios de comunicação, é capaz de promover uma literacia religiosa católica através da aprendizagem de conteúdos e valores católicos, que poderiam ajudar na evangelização, utilizando uma linguagem e imagens apelativas para quem as vê.

Na animação, podemos incluir a transmissão de certos valores, entre eles, o bem e o mal, ajudando a humanidade a ser melhor, na valorização dos bons exemplos que possam fecundar numa práxis nova. O ser humano é um ser de relação, vive para se relacionar com os outros, deste modo é difícil imaginar um ser humano que viva isolado, considerar que tenha uma vida verdadeiramente humana sem fazer parte de uma família, não vivendo em comunhão com outros seres humanos.

No próximo capítulo iremos apresentar o contexto em que decorreu a lecionação da Unidade letiva “A Família Comunidade de Amor”.

## CAPÍTULO IV – CONTEXTUALIZAÇÃO, PLANIFICAÇÃO E LECIONAÇÃO DA UNIDADE LETIVA "A FAMÍLIA COMUNIDADE DE AMOR " DO PROGRAMA DE EDUCAÇÃO MORAL E RELIGIOSA CATÓLICA

Importa, por fim, proceder-se à contextualização do estudo da Família e da realidade familiar no âmbito da Unidade Letiva "A Família comunidade de Amor" que faz parte da UL3 do 5º ano de Educação Moral e Religiosa Católica, onde apresentamos o motivo, a importância e a pertinência da escolha do tema.

Far-se-á, de seguida, uma breve apresentação da escola e da turma na qual decorreu a Prática de Ensino Pedagógica (PES). Apresentamos os contextos da lecionação da Prática do Ensino Supervisionada, a planificação das aulas lecionadas, fazendo referência às atividades desenvolvidas e por fim a nossa avaliação do trabalho desenvolvido ao longo do ano letivo.

Neste capítulo iremos também referir a importância das produções cinematográficas que se encontram inseridas neste estudo, pois serviram, durante a terceira aula, como tábua de partida entre as tipologias e realidades familiares de cada um dos alunos, comparativamente com as realidades familiares encontradas nos desenhos animados das Princesas da Disney e dos Super-heróis.

### **1. Tema de lecionação da Prática de Ensino Supervisionada**

O tema "A Família comunidade de Amor" foi interessante e desafiante de se trabalhar, embora, por vezes, difícil de se aprofundar, uma vez que as realidades familiares são cada vez mais diversificadas.

Em contexto de sala de aula, a adaptação das realidades familiares da animação cinematográfica, revelou-se uma importante ferramenta na exploração do tema, mas ao mesmo tempo, alvo de cuidados redobrados na sua abordagem. Procurou-se esboçar uma definição de Família, partindo das várias concessões existentes, posteriormente procuramos englobar nesta definição a missão das famílias.

Durante a lecionação não se pretendeu distribuir a ilusão de famílias perfeitas, o próprio Papa Francisco refere, “Não há famílias perfeitas, mas isto não nos deve desencorajar, o amor aprende-se, o amor vive-se, o amor cresce ´moldando-se´ segundo as circunstâncias da vida que

cada família concreta atravessa. O amor nasce e desenvolve-se sempre entre luzes e sombras”<sup>308</sup>.

É sempre importante darmos às crianças e às famílias um sinal de esperança, acreditando num futuro melhor.

## **2. Contextos de lecionação**

Neste ponto far-se-á uma breve introdução sobre a escola, a turma e o agrupamento onde decorreu toda a Prática de Ensino Supervisionada. Esta realizou-se na escola sede do Agrupamento de Escolas Francisco Sanches, em Braga, na turma quatro do quinto ano de escolaridade. As aulas assistidas decorreram às segundas-feiras, das 8:15 às 9:10.

Durante toda a Prática de Ensino Supervisionada em contexto de sala de aula foi possível trabalhar com as situações reais do processo de ensino e aprendizagem. O que se revestiu de importância acrescida na aquisição de competências, profissionais, teóricas e humanas para o desempenho de um trabalho profissional, enquanto futuro professor da disciplina.

### *2.1. Apresentação da Escola*

O Agrupamento Dr. Francisco Sanches (AEFS)<sup>309</sup> situa-se no coração urbano da cidade de Braga constituída por sete estabelecimentos: a EB Dr. Francisco Sanches, o Jardim de Infância das Fontes, a EB de São Victor, a EB da Misericórdia, a EB/JI da Quinta da Veiga, a EB/JI Bairro da Alegria e a EB/JI das Enguardas.

Todas as escolas do 1.º ciclo do Agrupamento têm sido alvo de importantes obras de requalificação e significativo esforço de apetrechamento com material informático e didático, medidas com impacto muito positivo no desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem dos alunos. A Escola Sede foi totalmente requalificada, em 2015, é constituída por um edifício escolar moderno com excelentes condições para a aprendizagem dos alunos.

Tendo em consideração as fragilidades do contexto socioeconómico em que está inserido, e de forma a poder dar uma resposta efetiva aos mesmos, em 2009, optou-se por definir

---

<sup>308</sup> Cf. Francisco, *Discurso na Festa das Famílias*, Filadélfia, 26 de setembro de 2015.

<sup>309</sup> Agrupamento de Escolas Dr. Francisco Sanches de Braga. (Consultado a 5 de março, 2019), [http://www.aefranciscosanches.pt/01\\_Caraterizacao\\_agrupamento2019.pdf](http://www.aefranciscosanches.pt/01_Caraterizacao_agrupamento2019.pdf).

o agrupamento como Território Educativo de Intervenção Prioritária (TEIP). Em 2012, o agrupamento celebrou com o Ministério da Educação um Contrato de Autonomia. Não podemos também deixar de referir que o agrupamento integra, desde o ano letivo 2017/2018, numa iniciativa conjunta com o Alto Comissariado para as Migrações, I.P. (ACM, I.P.), a Rede de Escolas de Educação Intercultural (REEI). É objetivo da Rede de Escolas a promoção do acolhimento, da integração e do sucesso educativo de todas as crianças e jovens. A Rede pretende também fomentar o respeito pelas diferenças assim como estabelecer relações positivas de interação e aproximação entre alunos/as e outros membros da comunidade educativa de diferentes culturas. Por último, o agrupamento optou por fazer parte do conjunto de escolas-piloto responsáveis por desenvolverem e implementarem o Projeto de Autonomia e Flexibilidade Curricular (PAFC). Assim sendo, o Agrupamento<sup>310</sup> tem uma oferta educativa diversificada que inclui: Educação Pré-Escolar, 1.º, 2.º e 3.º Ciclos do Ensino Básico e, ainda, 1.º, 2.º e 3.º Ciclos do Programa Integrado de Educação e Formação.

## *2.2. Caraterização da Turma*

A Prática de Ensino Supervisionada (PES) decorreu na turma quatro, do quinto ano de escolaridade, da Escola Básica Dr. Francisco Sanches, do Agrupamento de Escolas Dr. Francisco Sanches. A turma era constituída por vinte e três alunos, dos quais dezanove, frequentam as aulas de EMRC, divididos em onze rapazes e oito raparigas.

No presente ano letivo, as aulas da disciplina foram lecionadas no primeiro tempo da manhã de segunda-feira. Os alunos que frequentam a disciplina revelaram interesse e, apesar de ser ao primeiro tempo de segunda-feira, mostraram sempre um grande sentido de responsabilidade e participação.

Um dos grandes desafios foi incutir a necessidade do respeito mútuo.

Sobre o tema da unidade letiva, existiram alguns condicionalismos à partida, pois alguns alunos têm os pais separados, outros com famílias ausentes ou disfuncionais, o que faz do tema da Família em certos níveis, uma realidade complicada de se trabalhar.

---

<sup>310</sup> *Ibidem* “Projeto Educativo” [http://www.aefranciscosanches.pt/Projeto\\_Educativo\\_2019.pdf](http://www.aefranciscosanches.pt/Projeto_Educativo_2019.pdf). (Consultado a 5 de março, 2019).

### 2.3. Planificação da Unidade Letiva

Neste ponto apresentamos a contextualização programática da unidade letiva, as planificações e descrição das seis aulas lecionadas.

A planificação reveste-se de uma importância acrescida para uma melhor gestão do tempo letivo, não apenas na gestão de conteúdos, mas também na gestão de cada aula e na capacidade de prever imprevistos, tendo sempre um segundo plano para os superar.

A disciplina de EMRC segue a mesma lógica que todas as outras disciplinas e, como tal, deve procurar ser transparente e profissional na forma como se posiciona nas escolas “uma leção adequada da disciplina parte de uma planificação criteriosa e esta baseia-se no respeito pelas finalidades da disciplina, as suas Metas Curriculares e a lógica interna dos Objetivos e conteúdos que se apresentam”<sup>311</sup>.

Neste ponto, pretendemos demonstrar de uma forma sucinta essa assimilação de competências, aula a aula, bem como a necessidade de uma prévia planificação, a qual teve muitas vezes de ser reajustada. Pois o foco do ensino aprendizagem são os alunos e implica no professor uma capacidade de fazer reajustes às reais necessidades de aprendizagem do grupo. Como tal as planificações<sup>312</sup> e materiais a utilizar tiveram de ser pensados para a turma em questão, procurando ouvir sempre as opiniões e dúvidas de todos os elementos da turma.

Entre outros recursos, foram usados jogos, vídeos, nuvens de palavras, leitura de documentos e dobragem de papéis.

Após realizada a planificação anual das quatro unidades letivas do programa de EMRC do 5º ano, previu-se lecionar esta unidade letiva em cinco aulas, mas no decorrer da leção, optou-se por seis aulas. A corrente planificação procurou articular as metas curriculares, devidamente contextualizadas nos domínios de aprendizagem, os objetivos e os respetivos conteúdos. Procurou-se promover atividades com uma linguagem e realidades mais próximas dos gostos pessoais dos alunos.

A planificação da unidade letiva realizou-se com o auxílio do professor cooperante na seleção e adequação dos conteúdos lecionados da unidade letiva.

---

<sup>311</sup> Secretariado Nacional da Educação Cristã. *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*. Lisboa: SNEC, 2014, 159.

<sup>312</sup> em anexo

Foi realizada uma pesquisa criteriosa e aprofundada sobre o tema e um planeamento prévio dos conteúdos e da planificação das aulas, bem como a necessidade de se adequar os conteúdos a lecionar à turma em questão.

Foram assim planificadas seis aulas para a lecionação da unidade letiva, onde se procurou inovar nos recursos a adotar, mas, sobretudo, em criar medidas e métodos facilitadores do ensino-aprendizagem.

### 2.3.1. Aula 1- Apresentação dos alunos e início da Unidade letiva “A Família comunidade de Amor”

**Acolhimento e diálogo com os alunos:** a aula inicia com o acolhimento e apresentações aos e dos alunos. Posteriormente o professor transmite aos estudantes que irão ser lecionados novos conteúdos. Depois do acolhimento, procede-se a apresentação de cada aluno, depois do professor e da unidade letiva. A importância das regras na sociedade e o respeito e aceitação das opiniões dos outros.

Chuva de ideias dos alunos sobre a Família utilizando a aplicação *Wordle*. No final e conforme o número de repetições, as palavras mais importantes para os alunos ficam com maior destaque pois repetem-se mais vezes.

**Registo do sumário:** Registo do sumário, a saber: Apresentação e definição de “Família”.

**Leitura de texto:** O professor convida um aluno a ler o texto da página 66 do manual do aluno. No final da leitura, pergunta se os alunos ouviram alguma palavra da qual não entendam o significado. Caso exista, será clarificado o seu significado.

**Brainstorming:** O professor coloca aos alunos a questão “o que é a Família?”, pede a cada um que escreva no computador uma palavra. À medida que as palavras se repetem estas vão crescendo ao grau de importância que estes a atribuem. Partindo das repostas dos alunos, o professor transformá-las-á numa grande nuvem de palavras, para procurar uma definição de Família com sentido na aula seguinte.



**UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA**  
CENTRO REGIONAL DE BRAGA  
FACULDADE DE TEOLOGIA  
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO DE CIÊNCIAS RELIGIOSAS  
Mestrado em Ciências Religiosas  
Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica  
Prática de Ensino Supervisionada

**Agrupamento de Escolas  
Dr. Francisco Sanches**

Ano letivo 2018/2019



## Planificação de Aula

Domínio / Unidade Letiva 3 A Família comunidade de Amor

Aula n.º 1/6

Ano: 5.º Turma: 4

Data: 7 de janeiro de 2019

Tempo previsto: 50 minutos

**Sumário: Apresentação aos alunos, Diálogo com os alunos sobre a o início da UL A Família comunidade de Amor**

Subdomínios	Objetivos / Descritores	Aprendizagens Essenciais	Ações / Estratégias de ensino orientadas para o perfil do aluno	Descritores do perfil do aluno	Recursos	Tempo	Avaliação formativa
<b>- Introdução ao tema da Família comunidade de Amor</b>	<p>1 – Apresentação individual dos alunos.</p> <p>2- Apresentação do professor e da unidade letiva</p> <p>3- Como comunidade devemos aprender a saber ouvir</p> <p>4– O que é a Família?</p>	<p>- O saber ouvir e respeitar as opiniões dos outros.</p> <p>- Significado da palavra Família</p>	<p>Breve Apresentação dos alunos, Breve apresentação do professor e dos temas da unidade letiva</p> <p>O saber ouvir e respeitar as opiniões do outro.</p> <p>Chuva de ideias. Solicitar a cada um dos alunos / alunas três palavras para definirem o conceito de Família Utilizando o quadro interativo e a aplicação wordle cada aluno regista uma palavra e esta surge no quadro.</p> <p>Após todos os alunos terem colocado pelo menos duas palavras cada, seria pedido a cada aluno escolherem aquela que consideravam mais importante.</p> <p>À medida que cada aluno escolhe uma palavra e conforme esta se repete o tamanho de letra aumenta Posteriormente.</p>	<p>-Participativo/ colaborador (A, B, C, D, E, F, H, I)</p> <p>-Sistematizador/ organizador (A, B, C, I)</p> <p>- Questionador (A, F, G, I)</p> <p>- Comunicador (A, B, D, E)</p>	<p>Manual e caderno do aluno;</p> <p>Quadro branco;</p> <p>Imagens;</p> <p>Computador;</p> <p>Projetor;</p> <p>Quadro interativo;</p> <p>Murais;</p> <p>wordle</p>	50 minutos	<p>- Observação direta;</p> <p>- Participação organizada;</p> <p>- Respeito pelo grupo;</p> <p>-Cumprimento das tarefas propostas;</p> <p>- Atenção e concentração;</p> <p>- Interesse e motivação</p>
<p><b>Síntese da aula:</b> Depois do acolhimento, procede-se a apresentação de cada aluno, depois do professor e da unidade letiva. A importância, das regras na sociedade e o respeito e aceitação das opiniões dos outros. Chuva de ideias dos alunos sobre a Família utilizando a aplicação Wordle. No final e conforme o número de repetições as palavras mais importantes para os alunos ficam com maior destaque pois repetem-se mais vezes.</p>							

### 2.3.2. Aula 2 - Definição de Família, a origem da palavra Família.

**Acolhimento e diálogo com os alunos:** Depois do acolhimento procede-se à continuação da aula anterior sobre o significado de Família. Aprofundamento, do tema e tentativa de definir o conceito de Família. Origem da palavra Família.

**Registo do sumário:** Registo do sumário, a saber: Apresentação e definição de “Família”.

**Visualização de um PowerPoint:** O professor seleciona as palavras que os alunos mais referiram na sua definição de Família, apresenta depois um conjunto de imagens como uma árvore, um coração, uma casa, umas paisagens que se encontram preenchidas com as palavras por eles escolhidas.

Depois tenta definir o conceito de Família com o auxílio da origem epistemológica do conceito e tentando fazer a sua evolução até à atualidade.

**Vídeo:** Para finalizar visualização de um, pequeno vídeo sobre o significado da Família. O amor e a importância da Família. A questão “o que é a Família?”



## Planificação de Aula

Domínio / Unidade Letiva 3 A Família comunidade de Amor  
Aula n.º 2/6

Ano: 5.º Turma: 4  
Data: 14 de janeiro de 2019  
Tempo previsto: 50 minutos

Sumário: Definição de Família, a origem da palavra Família.							
Subdomínios	Objetivos / Descritores	Aprendizagens Essenciais	Ações / Estratégias de ensino orientadas para o perfil do aluno	Descritores do perfil do aluno	Recursos	Tempo	Avaliação formativa
<b>Compreender o significado da palavra Família</b>	<p>1 – O que é a Família? Continuação da aula anterior</p> <p>2- A Origem da palavra Família.</p> <p>3-A Família, origem da vida humana e onde nasce o Amor.</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Interrogar-se sobre o seu próprio conhecimento prévio;</li> <li>- Identificar as funções da Família; (Port; CD)</li> <li>- Aceitar ou argumentar pontos de vista diferentes;</li> <li>- Confrontar ideias e perspetivas distintas sobre determinados factos tendo em conta, por exemplo, diferentes perspetivas culturais;</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>-Na continuação da aula anterior e pegando na nuvem de palavras criadas através da aplicação wordle. Começar a trabalhar numa definição de Família.</li> <li>- pequeno vídeo sobre a Família.</li> <li>Síntese com a ajuda dos alunos sobre o que é para eles uma Família e quais as funções da Família.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>-Participativo/ colaborador (A, B, C, D, E, F, H, I)</li> <li>-Sistematizador/ organizador (A, B, C, I)</li> <li>- Questionador (A, F, G, I)</li> <li>- Comunicador (A, B, D, E)</li> </ul>	<p>Manual e caderno do aluno;</p> <p>Quadro branco;</p> <p>Imagens;</p> <p>Computador; Projetor;</p> <p>Quadro interativo; Murais;</p> <p>wordle</p>	50 minutos	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Observação direta;</li> <li>- Participação organizada;</li> <li>- Respeito pelo grupo;</li> <li>- Cumprimento das tarefas propostas;</li> <li>- Atenção e concentração;</li> <li>- Interesse e motivação.</li> </ul>
<p><b>Síntese da aula:</b> Depois do acolhimento procede-se à continuação da aula anterior sobre o significado de Família. Aprofundamento, do tema e tentativa de definir o conceito de Família. Origem da palavra Família. Visualização de um, pequeno vídeo sobre o significado da Família . O amor e a importância da Família.</p>							

### 2.3.3. Aula 3 - Tipologias familiares. O valor e missão da família.

**Acolhimento e diálogo com os alunos:** a aula inicia com o acolhimento e cumprimento dos alunos. É feita uma breve síntese da aula anterior.

**Registo do sumário:** Registo do sumário, a saber: “Tipos de família. O valor e missão da Família”

**Visualização de um *PowerPoint*:** O professor convida os alunos a visualizarem um pequeno PowerPoint previamente elaborado sobre os tipos de famílias.

O professor coloca várias imagens de super-heróis e Princesas da Disney e convida os alunos a falarem sobre a família dessa personagem sem esquecer os graus de parentesco e a tipologia familiar em que se inserem.

Posteriormente o professor aprofunda o valor e missão da Família. Pedindo a participação dos alunos a fim de se encontrarem quais as funções da Família.

**Vídeo:** o professor termina a aula com um pequeno vídeo de relatos de pessoas sobre o que é a Família e o seu valor.



**UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA**  
CENTRO REGIONAL DE BRAGA  
FACULDADE DE TEOLOGIA  
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO DE CIÊNCIAS RELIGIOSAS  
Mestrado em Ciências Religiosas  
Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica  
Prática de Ensino Supervisionada

Agrupamento de Escolas  
Dr. Francisco Sanches

Ano letivo 2018/2019



## Planificação de Aula

Domínio / Unidade Letiva 3 A Família comunidade de Amor  
Aula n.º 3/6

Ano: 5.º Turma: 4

Data: 21 de janeiro de 2019

Tempo previsto: 50 minutos

Sumário: **Tipologias familiares . O valor e missão da Família**

Subdomínios	Objetivos / Descritores	Aprendizagens Essenciais	Ações / Estratégias de ensino orientadas para o perfil do aluno	Descritores do perfil do aluno	Recursos	Tempo	Avaliação formativa
<b>A importância da Família</b>	<p>1- Reconhecer a existência de diferentes tipos de famílias:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Família nuclear.</li> <li>- Família adotiva.</li> <li>- Família alargada.</li> <li>- Família monoparental.</li> <li>- Família reconstruída .</li> </ul> <p>2 – Funções da Família</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>-Função do afeto amor ,</li> <li>-Função socializadora ,</li> <li>-Função educativa,</li> <li>-Função Económica</li> <li>-Função protetora e de interajuda</li> <li>-Função saúde</li> <li>-Função de diversão , união</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Identificar as funções da Família; (Port; CD)</li> <li>- Reconhecer a Família como projeto de vida; (CD)</li> <li>Interpretar o projeto cristão para a Família; (Port; CD)</li> <li>Assumir valores e gestos do amor na vida familiar. (Port; ET; CD)</li> <li>- Aceitar ou argumentar pontos de vista diferentes;</li> </ul>	<p>Apresentação de um PowerPoint:</p> <p>Visualização e exploração de imagens de retratos de famílias e de famílias de super-heróis e Princesas da Disney para aprofundar alguns tipos de Família.</p> <p>Frisar a questão de não existirem famílias perfeitas, de forma a que os alunos percebam que existe sempre alguma função que falha em alguma momento.</p> <p>Visualização de um vídeo sobre a Família</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>-Participativo/ colaborador (A, B, C, D, E, F, H, I)</li> <li>-Sistematizador/ organizador (A, B, C, I)</li> <li>- Questionador (A, F, G, I)</li> <li>- Comunicador (A, B, D, E)</li> </ul>	<p>Manual e caderno do aluno;</p> <p>Quadro branco;</p> <p>Imagens;</p> <p>Computador; Projetor;</p> <p>Quadro interativo; Murais;</p> <p>PowerPoint e imagens de Princesas da Disney e de super-heróis</p>	50 minutos	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Observação direta;</li> <li>- Participação organizada;</li> <li>- Respeito pelo grupo;</li> <li>- Cumprimento das tarefas propostas;</li> <li>- Atenção e concentração;</li> <li>- Interesse e motivação.</li> </ul>

**Síntese da aula:** Depois do acolhimento procede-se à continuação da aula anterior sobre a Família e entrando na temática dos tipos de Família. Com o auxílio de um PowerPoint, previamente elaborado, com o recurso a imagens, de famílias de super-heróis e Princesas da Disney, de forma a aprofundar a existência de vários tipos, de famílias. Embora nunca perfeitas todas as famílias têm valor. Posteriormente será explorado qual o valor e missão da Família.

#### 2.3.4. Aula 4 - O projeto de Deus para a Família.

**Acolhimento e diálogo com os alunos:** a aula inicia com o acolhimento e cumprimento dos alunos. É feita uma breve síntese da aula anterior.

**Registo do sumário:** Registo do sumário, a saber: “O projeto de Deus para a Família.”

**Brainstorming:** O professor convida os alunos a refletirem sobre qual o projeto de Deus para a Família

**PowerPoint :** Visualização de um pequeno PowerPoint previamente elaborado sobre o projeto de Deus para a Família. São projetados no quadro diapositivos em apresentação PowerPoint sobre a estrutura das famílias no tempo de Jesus e sobre a Família de Nazaré

O professor aprofunda o tema a Família para os cristãos, a Família no tempo de Jesus e a Família de Jesus de Nazaré. Introduce o tema da participação e corresponsabilidade na vida em Família.

**Vídeo:** Visualização de um pequeno vídeo do Secretariado nacional de educação cristã (SNEC) Jovens Pipocas 8 Importância da Família, sobre a importância de ajudar a Família nas tarefas de casa de forma a sensibilizar os alunos a ajudar e a preservar um bom ambiente familiar



**UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA**  
CENTRO REGIONAL DE BRAGA  
FACULDADE DE TEOLOGIA  
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO DE CIÊNCIAS RELIGIOSAS  
Mestrado em Ciências Religiosas  
Especialização: Educação Moral e Religiosa Católica  
Prática de Ensino Supervisionada

**Agrupamento de Escolas  
Dr. Francisco Sanches**

Ano letivo 2018/2019



## Planificação de Aula

Domínio / Unidade Letiva 3 A Família comunidade de Amor  
Aula n.º 4/6

Ano: 5.º Turma: 4

Data: 28 de janeiro de 2019

Tempo previsto: 50 minutos

Sumário: O projeto de Deus para a Família							
Subdomínios	Objetivos / Descritores	Aprendizagens Essenciais	Ações / Estratégias de ensino orientadas para o perfil do aluno	Descritores do perfil do aluno	Recursos	Tempo	Avaliação formativa
<b>A importância da Família</b>	1-A Família para os cristãos  2- A Família no tempo de Jesus A Família de Jesus de Nazaré  3- Participação e corresponsabilidade na vida em Família. Comunhão de pessoas que vivem no amor	-A importância da Família para os cristãos.  -Organização da Família no tempo de Jesus -Interrogar-se sobre o Condições de bem-estar na Família. -Cooperar e participar nalgumas tarefas familiares Promoção de valores na vida familiar: - Amor – Perdão - Vida - Carinho- Compreensão - Solidariedade - Acolhimento - Gratidão - Diálogo - Ajuda	-A importância da Família para os cristãos.  -PowerPoint com imagens da Família de Jesus de Nazaré  -Visualização de um pequeno vídeo sobre a importância de ajudar a Família nas tarefas de casa.  -Através de imagens sensibilizar os alunos a ajudar e a preservar um bom ambiente familiar	-Participativo/ colaborador (A, B, C, D, E, F, H, I)  -Sistematizador/ organizador (A, B, C, I)  - Questionador (A, F, G, I)  - Comunicador (A, B, D, E)	Manual e caderno do aluno; Quadro branco; Imagens; Computador; Projetor; Quadro interativo; Murais; PowerPoint	50 minutos	- Observação direta;  - Participação organizada;  - Respeito pelo grupo;  - Cumprimento das tarefas propostas;  - Atenção e concentração;  - Interesse e motivação.
<p><b>Síntese da aula:</b> Depois do acolhimento procede-se à continuação da aula anterior sobre o tema da Família e da importância da Família para os cristãos. Posteriormente, será explorado um PowerPoint, com o recursos de imagem sobre a Família de Jesus e sobre a vida quotidiana das famílias no tempo de Jesus. A visualização de um pequeno vídeo do SNEC sobre importância da participação e entajuda de todos os membros da Família.</p>							

### 2.3.5. Aula 5 - O lugar e a importância dos mais velhos nas famílias.

**Acolhimento e diálogo com os alunos:** a aula inicia com o acolhimento e cumprimento aos alunos. É feita uma breve síntese da aula anterior sobre a participação e corresponsabilidade na vida em Família. Salientando a importância de cooperar e participar nalgumas tarefas familiares.

**Registo do sumário:** Registo do sumário, a saber: “O lugar e a importância dos mais velhos nas famílias”.

**Estratégia de motivação:** O professor distribui uma pequena folha de papel branco e da técnica de dobragem de papel, pediu-se aos alunos para avaliarem as suas Famílias, posteriormente referissem três coisas em que as poderiam melhorar.

Fez-se um pequeno barco e depois referiu-se que se não ajudassem esse barco a chegar a bom porto ele poderia se afundar.

Como tal rasga-se os três bicos do barco e este transforma-se numa camisola. Camisola essa da Família deles e a qual devem “vestir” para ajudar a melhorar as suas famílias

**PowerPoint:** Recorrendo a uma apresentação *PowerPoint* sobre a importância dos idosos nas famílias na transmissão de afetos e valores no ambiente familiar.

**Visualização de um vídeo:** Para consolidar os conteúdos e ainda na linha da sensibilização para a importância dos mais velhos no contexto familiar, convida os alunos a visualizarem “A importância do Idoso”



## Planificação de Aula

Domínio / Unidade Letiva 3 A Família comunidade de Amor  
Aula n.º 5/6

Ano: 5.º Turma: 4  
Data: 4 de Fevereiro de 2019  
Tempo previsto: 50 minutos

Sumário: O lugar e a importância dos mais velhos nas famílias .							
Subdomínios	Objetivos / Descritores	Aprendizagens Essenciais	Ações / Estratégias de ensino orientadas para o perfil do aluno	Descritores do perfil do aluno	Recursos	Tempo	Avaliação formativa
O lugar e a importância dos mais velhos nas famílias .	1-Participação e corresponsabilidade na vida em Família  2- O lugar e a importância dos mais velhos nas famílias	- Condições de bem-estar na Família. -Cooperar e participar nalgumas tarefas familiares -Assumir valores e gestos do amor na vida familiar. (Port; ET; CD) - Compreender a importância e o papel da participação dos mais velhos na transmissão de afetos e valores no ambiente familiar.	-Procurar sensibilizar os alunos para a importância de ajudarem a promover um bom ambiente familiar. -Cooperar e participar nalgumas tarefas familiares - Realização de uma pequena dinâmica com um folha de papel - Apresentação do vídeo: "A importância do Idoso" <a href="http://www.youtube.com/watch?v=BfHwNj6PINw">www.youtube.com/watch?v=BfHwNj6PINw</a>	-Participativo/ colaborador (A, B, C, D, E, F, H, I) -Sistematizador/ organizador (A, B, C, I) - Questionador (A, F, G, I) - Comunicador (A, B, D, E)	Manual e caderno do aluno; Quadro branco; Imagens; Computador; Projetor; Quadro interativo; Murais; PowerPoint Folhas às cores. Vídeo	50 minutos	- Observação direta; - Participação organizada; - Respeito pelo grupo; - Cumprimento das tarefas propostas; - Atenção e concentração; - Interesse e motivação.
<p><b>Síntese da aula:</b> Depois do acolhimento procede-se à continuação da aula anterior sobre a participação e corresponsabilidade na vida em Família . Saliendo a importância de cooperar e participar nalgumas tarefas familiares. Com o recurso a uma folha de papel e da técnica de dobragem de papel , pediu-se aos alunos para avaliarem as suas Famílias, posteriormente referissem três coisas em que as poderiam melhorar. Fez-se um pequeno barco e depois referiu-se que se não ajudassem esse barco a chegar a bom porto ele poderia se afundar. Como tal rasga-se os três bicos do barco e este transforma-se numa camisola. Camisola essa da Família deles e a qual devem "vestir" para ajudar a melhorar as suas Famílias Posteriormente, será explorado um PowerPoint, sobre a importância dos idosos nas famílias</p>							

#### 2.4.6. Aula 6 - A importância dos avós na transmissão de afetos e avaliação da unidade letiva.

**Acolhimento e diálogo com os alunos:** a aula inicia com o acolhimento e cumprimento aos alunos.

**Registo do sumário:** É feito o registo do sumário, a saber: “A importância dos avós na transmissão de afetos” Avaliação da unidade letiva.

**PowerPoint :** Apresentação sobre o lugar e a importância dos mais velhos nas famílias. Salientando a importância dos avós na transmissão de afetos.

**Avaliação:** Realização de um momento de avaliação utilizando um jogo, previamente elaborado com o recurso a cartas com perguntas e respostas sobre todos os temas da unidade letiva. Que será projetado no quadro interativo com o auxílio de ímanes e dados. É um jogo contendo os conteúdos abordados na Unidade Letiva<sup>313</sup> .

---

<sup>313</sup> As regras e o modelo do jogo encontram-se em anexo.



## Planificação de Aula

Domínio / Unidade Letiva 3 A Família comunidade de Amor  
Aula n.º 6/6

Ano: 5.º Turma: 4  
Data: 11 de Fevereiro de 2019  
Tempo previsto: 50 minutos

Sumário: A importância dos avós na transmissão de afetos. Avaliação da unidade letiva.							
Subdomínios	Objetivos / Descritores	Aprendizagens Essenciais	Ações / Estratégias de ensino orientadas para o perfil do aluno	Descritores do perfil do aluno	Recursos	Tempo	Avaliação formativa
O lugar e a importância dos mais velhos nas famílias .	1- O lugar e a importância dos mais velhos nas famílias 2- Momento de avaliação sobre a unidade letiva através de um jogo de perguntas	- A importância dos mais velhos no ambiente familiar.  - interligar todos os conteúdos da unidade letiva através de um jogo de perguntas e respostas.	- Dialogo sobre as vivências e momentos de cada um dos alunos com os avós.  - Realização de um momento de avaliação utilizando um jogo através do quadro interativo englobando todos os temas da unidade letiva	- Participativo/ colaborador (A, B, C, D, E, F, H, I)  - Sistematizador/ organizador (A, B, C, I)  - Questionador (A, F, G, I)  - Comunicador (A, B, D, E)	Manual e caderno do aluno; Quadro branco; Imagens; Computador; Projetor; Quadro interativo; Murais; Ímanes Dados Cartas de jogo	50 minutos	- Observação direta; - Participação organizada; - Respeito pelo grupo; - Cumprimento das tarefas propostas; - Atenção e concentração; - Interesse e motivação.
<b>Síntese da aula:</b> Depois do acolhimento procede-se à continuação da aula anterior sobre o lugar e a importância dos mais velhos nas famílias. Salientando a importância dos avós na transmissão de afetos. Realização de um momento de avaliação utilizando um jogo, previamente elaborado com o recursos a cartas com perguntas e respostas sobre todos os temas da unidade letiva. Que será projetado no quadro interativo com o auxílio de ímanes e dados.							

### 3. Autoavaliação da Prática de Ensino Supervisionada

Neste ponto do Relatório, pretende fazer-se uma síntese sobre a forma como decorreu a Prática de Ensino Supervisionada, na turma quatro, do quinto ano, tendo por base uma reflexão sincera e autocrítica.

A escolha do tema a ser lecionado não havia sido a primeira escolha, mas durante uma aula da Professora Isabel Varanda e quando se falava sobre a Família surgiu este tema da Família e a possibilidade de aprofundar as famílias das Princesas da Disney e verificar até que ponto estas se cruzam com a realidade social e com os documentos da Igreja. Surgiu, assim, um desafio enriquecedor e reflexivo.

Quando começamos a lecionar o tema foi difícil abstrairmo-nos da nossa definição de Família ou da nossa forma de ver a Família já que temos vivências enquanto filho, neto, pai e professor bastante próprias. A nossa realidade familiar é e foi bem distinta de algumas dos discentes, não necessariamente melhor ou pior, mas nalguns aspetos diferente. Estas diferenças permitiram-nos construir uma nova forma de definir a Família e aprender a ver a Família nas suas múltiplas abrangências e como alguns autores defendem “desde os tempos remotos que a Família conjugal tem coexistido com muitas outras formas de Família, de índole associativa, patriarcal ou paternal”<sup>314</sup>.

Em contexto educativo foi difícil, sobretudo no estágio, ver que alguns alunos ficaram comovidos ao falar da Família. O que era compreensível dada a complexidade de um tema delicado como este, uns por nunca terem conhecido os pais outros por estarem ausentes, outros por estarem divorciados, outros por terem perdido um dos pais. Ao olhar para as múltiplas vivências dos alunos e a forma como descreviam a realidade familiar conseguimos aprender imenso com eles e a nível pessoal permitiu-nos ver a realidade familiar que podemos encontrar nas escolas. Corroborado pela socióloga Chiara Saraceno que refere que a Família tanto pode ser analisada pelos aspetos bons como pelos maus: “Analogamente, ao lado de imagens também contemporâneas da Família-refúgio, da Família lugar de intimidade e de afetividade, espaço de autenticidade, arquétipo de solidariedade, da privacidade, juntam-se imagens da Família como lugar de inautenticidade, de opressão, de obrigação, de egoísmo exclusivo, a Família como geradora de monstros, de violência, a Família que mata”<sup>315</sup>.

---

<sup>314</sup> Frei Bernardo Domingues, *Aspetos da Família e da educação para o futuro* (Porto: Metanoia, 2002), 54.

<sup>315</sup> Chiara Saraceno, *Sociologia da Família*. (Lisboa: Editorial Estampa, 1997), 13.

Tendo esta realidade em mente, definir a Família foi uma tarefa muito complexa e exigente pois pretendeu-se englobar todas as tipologias familiares e não deixar nenhuma de parte.

Um dos problemas é a possibilidade de idealizar a família como perfeita, podendo levar a pensar que apenas as deles são imperfeitas e que não têm “sorte”, enquanto os colegas tiveram mais sorte. Esta palavra “sorte” marcou-me muito, pois, durante a dinâmica da nuvem de palavras, esta foi repetida várias vezes e sempre defendida como um dos aspetos que define o conceito Família.

Em certos momentos foi preciso construir e, por vezes, desconstruir ideias menos boas em torno da Família, se bem que sempre ciente da inexistência de famílias perfeitas mas frisando a importância da Família.

Tentamos aprofundar a palavra de forma a perceber ao que os alunos se referiam com a palavra “sorte”, procuramos clarificar o conceito e deparamo-nos com inúmeras realidades, desde a falta de membros da Família, pai, mãe ou ambos; possuírem famílias complicadas e como tal falta de sorte segundo eles; terem pais pouco presentes ao contrário de alguns colegas; dificuldades financeiras que uns tinham mais sorte que outros e finalmente a sorte de ter pais que participam na educação e dinâmicas de brincadeiras com os filhos, passatempos, entre outros.

Frisamos que todas as famílias são válidas, e que podem falhar num ou noutro aspeto, mas que todas tem aspetos bons, menos bons ou maus. De forma a desmistificarmos a ideia de Família perfeita, enfatizando que não são apenas as famílias tradicionais que são perfeitas. Recolhendo o valor da Família, a Família cristã e a união homem e mulher através do matrimónio até “que a morte os separe”, tal como o Magistério da Igreja e a Bíblia nos ensinou.

Na escola utilizamos as personagens do cinema com as quais os alunos possuem alguma afinidade e fizemos uma aproximação às suas experiências familiares. A utilização destes recursos permitiu-nos de alguma forma ver a utilidade dos meios de comunicação na sua vertente “de educador para crianças na escola e adultos em casa”<sup>316</sup>.

Ao utilizar uma narrativa baseada nas vidas das famílias das Princesas e dos super-heróis, construímos uma narrativa que, embora ficcional, creio ter permitido ver a existência de inúmeras tipologias de famílias na sociedade. Bem como verificar que as famílias destas personagens ficcionais não são muito diferentes das vidas de alguns alunos e alunas. Tirando a

---

<sup>316</sup> Dennis Mcquail, *Teoria da comunicação de massas*. (Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003), 27.

parte dos superpoderes, estas personagens de televisão possuem experiências de vida familiar, por vezes, muito conturbadas e semelhantes às dos alunos.

Durante as aulas o tema era difícil e complicado de se abordar, dada a sua complexidade e sensibilidade. Mas aquilo que parecia uma certa dificuldade, aquando da nossa primeira aula, em torno da realidade da Família de cada um, tornou-se num bom auxílio e de reunião entre eles pois ao partilharem as suas experiências, os colegas de turma começaram a ver pareanças com as suas vidas familiares, características que os unia, capazes de criarem empatia entre eles.

Uma dificuldade patente no desenvolvimento deste processo prendeu-se com as características do público-alvo: tentar incluir as várias construções familiares existentes e diversificadas, de forma a incluirmos todas tipologias de famílias dos alunos da turma sem que nenhum se sentisse de parte ou inferior, foi sempre um grande desafio.

Quando se falava dos avós, se estavam presentes e se estes tinham boas relações com eles, alguns fugiam às questões outros diziam; que estavam pouco tempo com eles, uma vez que ainda trabalhavam ou porque viviam noutra cidade ou país.

Aprendemos a valorizar as experiências de cada um e aprendemos bastante uns com os outros. Hoje, mais do que nunca, os sinais do tempo devem ser interpretados. Analisar os alicerces da Família que assumem um papel de relevância crucial na vida de todo o ser humano dotado das suas características. Ser de relação que precisa de viver na relação com os outros.

Após a escolha do tema e da turma em questão, quinto ano, turma quatro, do agrupamento de escolas Francisco Sanches surge a necessidade de se adequar os conteúdos a lecionar à turma em questão. Foi realizada uma pesquisa criteriosa e aprofundada sobre o tema e um planeamento prévio dos conteúdos e da planificação das aulas.

A sala de aula, destinada à leção, apresenta todas as condições necessárias para o desenvolvimento adequado de uma aula sem limitações. A escola havia sido recuperada há pouco tempo. Esta dispunha de uma organização tradicional, espaçosa com cadeiras e mesas em excelentes condições com um projetor, computador e quadro branco magnético.

Durante a leção, nas primeiras aulas, os alunos ainda estranhavam um pouco a existência de dois professores na sala, mas aos poucos foram-se acostumando com a ideia e foram ajudando, participando cada vez com mais afinco e gosto. A temática da Família exigiu sempre alguns cuidados na sua abordagem. Neste sentido, teve-se sempre em linha de conta o contexto familiar dos alunos da turma. A importância e os valores da Família do projeto de Deus para a Família e a importância da Bíblia para as famílias da atualidade.

A turma era homogénea, mas cada um com características particulares e vivências familiares bem distintas criando-se um ambiente educativo no contexto da sala de aula desafiante e bastante enriquecedor. Os alunos chegavam sempre a horas, davam bom dia e sentavam-se nos lugares previamente definidos pelo Conselho de Turma. Em todas as aulas os alunos foram participantes ativos e com algumas intervenções bem interessantes. O professor adequou os conteúdos previamente planificações de forma a poder fazer uma exposição de todos os conteúdos, dando sempre espaço à participação dos alunos umas vezes entre alunos, outras com o professor. Nas quais os alunos colocaram e responderam a questões, colocaram e esclareceram dúvidas, manifestaram opiniões e deram sugestões, realizaram trabalhos individuais, participaram em jogos educativos, visualizaram e comentaram excertos de pequenos trechos de filmes.

Conseguiu-se usar sempre uma comunicação assertiva, compreensível e calma; à medida que as aulas forma decorrendo foi-se tentando diversificar as estratégias de ensino para melhorar e facilitar o ensino-aprendizagem de forma a motivar os alunos com diferentes técnicas. Estas foram sempre ajustadas, com o auxílio do professor cooperante e dos colegas de núcleo que permitirão ser melhoradas em anos futuros. Parece-nos que os conteúdos foram apresentados com clareza, de forma simples e adequada às características dos alunos da turma.

No início de todas as aulas tentou-se fazer uma articulação com as aulas anteriores fazendo, uma síntese da aula anterior para situar os alunos na matéria.

Foi gratificante a colaboração, entusiasmo e dedicação dos alunos em todas as tarefas e atividades que foram propostas. Mesmo os mais tímidos foram encorajados a participar, e valorizou-se sempre o esforço de todos.

Bem patente na avaliação final da unidade letiva através do jogo da Família em anexo<sup>317</sup>, elaborado por nós para a aula de avaliação. Este jogo superou as nossas expectativas e foi gratificante ver o nosso trabalho na elaboração deste recurso, apreciado pelos alunos e pelo professor cooperante. O jogo englobava conhecimentos através de perguntas sobre o tema lecionado, bem como, alguma competição saudável e “sorte” que tantas vezes foi referido nas aulas.

A leção da unidade letiva: “A Família, comunidade de amor” decorreu conforme previsto e planificado e os alunos corresponderam conforme era exigido. Ao longo da Prática

---

<sup>317</sup> O jogo pode ser visto em anexo, desde as regras, as cartas do jogo, e o tabuleiro que poderia ser projetado em quadro magnético e com uns imanes jogado pela turma toda, ou então como jogo de tabuleiro, os dados eram grandes e em borracha para não dar uso a dispersão da turma.

de Ensino Supervisionada foi determinante a colaboração semanal do Professor Cooperante Gastão Veloso e da Orientadora Científica da PES para o desenvolvimento da prática letiva e do relatório, Professora Isabel Varanda.

De salientar a importância que os núcleos da PES tiveram quer no decorrer do ano como na elaboração do PES, na partilha de conteúdos, sugestões de melhoria, apoio em momentos mais difíceis e exigentes e sobretudo não nos deixando desistir.

## CONCLUSÃO

Este trabalho teórico-prático é o culminar de um já longo percurso acadêmico na área das ciências religiosas. O caminho não foi fácil, pelo contrário, pautou-se por um elevado nível de exigência, tornando-se também por isso muito gratificante.

Em contexto de aula deparámo-nos com diversas dificuldades e adversidades relacionadas com a realidade da disciplina bem como com a realidade social, cultural e académicas dos alunos. Algumas dessas dificuldades são exponenciadas sobretudo pelo tema que nos propusemos abordar: o tema da Família. Pelas oscilações nas tipologias das famílias e pela abrangência do termo, têm-se assim verificado repercussões nas sociedades e sobretudo na forma com estas influenciam a vida das crianças.

Ao longo deste trabalho analisamos as múltiplas definições de Família. Perante a abrangência do termo nas sociedades atuais, enquadrámos ainda a Família como projeto de Deus de forma a contextualizarmos a Família nos documentos do Magistério da Igreja, as Exortações Apostólicas *Familiaris Consortio e Amoris Laetitia*,

Prosseguimos o nosso estudo de forma a contextualizarmos o tema da Família com as realidades familiares das Princesas dos filmes de animação da Disney para assim depois englobarmos os meios de comunicação social, nas suas várias abrangências, dando mais ênfase pela tipologia do nosso trabalho à educação. A importância da educação, servindo-nos dos meios de comunicação, que se interligam com a missão da Família de educar. Numa educação integral na qual a educação religiosa católica, tem de ser um princípio meio e fim. Difundida inclusive através dos meios de comunicação social, criando uma literacia religiosa católica e consequentemente continuadora da missão evangelizadora.

O tema da Família comunidade de amor UL3 da disciplina de EMRC surge, assim, neste estudo interligado com as realidades familiares do cinema de animação das Princesas da Disney, num contexto lúdico. Partindo de conhecimentos prévios e à partida pré-concebidos pelos alunos, para uma consciencialização das várias tipologias de Família.

Ao partirmos da definição de Família como realidade biológica e social, procuramos englobar a forma como a Família é reproduzida nestes filmes de animações da Disney. Procurou-se apresentar as várias realidades representadas na Disney e criar uma certa ligação de parecença e empatia entre estas representações e a vida familiar de cada discente. Embora sempre com a preocupação de fazer a ponte com a realidade, de forma a que refletissem sobre as personagens e as suas realidades familiares, de forma a que as realidades apresentadas se

pudessem assemelhar com as suas vivências familiares. Estes filmes são o exemplo de como, por vezes, de uma forma menos formal, se podem aprofundar temas delicados. Segundo o conselho Pontifício para as comunicações sociais “os meios de comunicação social constituem um dos mais válidos recursos de que o homem pode usar para fomentar o amor, fonte de união”<sup>318</sup>. Podemos através de histórias, sensibilizar os alunos para problemas ou realidades menos positivas de uma forma menos infeliz. Na mesma linha de pensamento, Adolphe Gesché<sup>319</sup> refere que é através da ficção e da invenção imaginativa, que o ser humano consegue refletir sobre aquilo que pode ser.

A animação cinematográfica tem um potencial vastíssimo na arte de nos fazer pensar, na capacidade de educar, mas também de nos auxiliar na perceção do mundo real. Possibilitam o trabalhar de temas complexos e de difícil trato na sociedade em que vivemos. Permitindo-nos mesmo libertar do nosso mundo e consolar-nos. Muitas vezes estes filmes são fruto de uma realidade social, na qual nos inserimos. “É evidente, portanto, que os meios de comunicação muito podem contribuir para a união entre os homens”<sup>320</sup>,mas também como forma de ensino<sup>321</sup> e educação.

Embora possamos reconhecer que existem muitos aspetos positivos, valores e numa diversidade de realidades referidas nos filmes de animação, é importante frisar que também nos filmes da Disney existem, exemplos menos positivos e estamos conscientes de que uma ou outra realidade não foram contemplada(s) ou pensada(s). Existe ainda a limitação do cinema/televisão, em representar algumas realidades humanas, uma vez que nem sempre estes meios conseguem, captar todas as realidades.

Referimo-nos principalmente a sentimentos, emoções verdadeiras, crenças e a vivência da fé. Uma vez que “o discurso sobre a fé é ao mesmo tempo, um discurso sobre o crente, sobre a sua história, a sua cultura e o seu mundo”<sup>322</sup>. No entanto, após muita ponderação e estudo bibliográfico efetuado, estamos em condições de referir que a sua utilização muito possa ajudar a dar uma aproximação à realidade que se quer retratar.

Durante a revisão bibliográfica deparamo-nos que poucos temas bíblicos, personagens ou vidas de Santos foram explorados pela animação cinematográfica e os que foram não estão a ser reformulados de forma a acompanhar as realidades e exigências da sociedade. Mesmo

---

<sup>318</sup> Conselho Pontifício para as Comunicações Sociais “*Communio et Progressio*” (23 de maio de 1971) §12.

<sup>319</sup> Adolphe Gesché, *O Sentido*. (São Paulo: Paulinas: 2005), 150.

<sup>320</sup> Conselho Pontifício para as Comunicações Sociais “*Communio et Progressio*” (23 de maio de 1971) §9.

<sup>321</sup> *Ibidem* §48.

<sup>322</sup> Felicísimo Martínez. *Teologia da Comunicação*. (São Paulo: Paulinas, 1997), 31.

tendo estes um enorme potencial pedagógico, educacional, evangelizador e de transmissão de valores. Durante o estudo, e à medida que explorávamos o tema, encontramos múltiplas realidades das famílias das Princesas da Disney que à partida desconhecia. A Família é um dos aspetos principais dos filmes das Princesas da Disney, pela forma como estes são retratados e referidos. Preocupação idêntica encontramos nas Exortações Apostólicas *Familiaris Consortio e Amoris Laetitia*, documentos do Magistério da Igreja.

Ao contrário do esperado no início deste estudo, concluímos que as tipologias familiares das Princesas da Disney não se apresentam como realidades perfeitas nem famílias perfeitas. Evidencia-se, assim, algum cuidado da Disney na forma de representar a Família na sociedade atual, permitindo ao espectador rever-se no filme e perceber que a família perfeita é uma utopia até para uma Princesa ou conto de fadas.

A conotação negativa de madrasta (má) encontrada nos primeiros filmes da Disney (Branca de Neve, Cinderela) foi também alvo de alteração denotando uma preocupação da Disney com as famílias e procurando alterar positivamente a imagem negativa de madrasta, como podemos constatar em Princesa Sofia.

É ainda importante referir que alguns filmes possuem semelhanças com as famílias patriarcais referidas na Bíblia, centrando-se na figura paterna, o grande patriarca da Família, sobretudo nos primeiros filmes (Ariel, Aladino, A Bela e o Monstro e Pochontas).

O divórcio não é referido em nenhum filme, pode ser um sinal de preocupação da Disney com as repercussões do divórcio nas crianças. Seguindo, assim, até à data, uma visão cristã do matrimónio.

Constatamos, também, múltiplas realidades sociais, culturais e religiosas nestes filmes.

Ao avançarmos cronologicamente nos filmes encontramos espelhada a evolução do papel da mulher. Esta torna-se cada vez mais independente e valorizada na sociedade e no mercado de trabalho, tal como na realidade social.

A realidade do cinema e da televisão tem muito potencial didático. Entre inúmeras formas pedagógicas destacamos: a possibilidade da existência de um canal de desenhos animados sobre conteúdos cristãos e sobre temas que procurem educar integralmente as crianças e promover uma literacia religiosa católica e consequentemente ajudar na

evangelização. “A educação na fé sabe adaptar-se a cada filho, porque os recursos aprendidos ou as receitas às vezes não funcionam. As crianças precisam de símbolos, gestos, narrações”<sup>323</sup>.

De forma a respondermos à questão: Por que razão contamos estas histórias a nós próprios e aos nossos filhos? Podemos referir que são histórias que nos cativam pelas suas características lúdicas, divertidas, engraçadas e que incentivam o nosso pensamento. De alguma forma a sermos heróis da nossa própria vida e a sonharmos com algo melhor.

Os filmes podem ser uma forma de introspeção. Quando tudo parece perdido e triste podemos olhar para as vidas familiares imperfeitas dos heróis e Princesas de forma a procurarmos uma melhoria da nossa Família e sonhar com dias melhores. Afinal o “sonho comanda a vida”<sup>324</sup>.

---

<sup>323</sup> Francisco, Exortação Apostólica Pós-Sinodal "*Amoris Laetitia*" (19 de março de 2016), §288.

<sup>324</sup> António Gedeão na música “Pedra Filosofal” do álbum *Movimento Perpétuo*, 1956.

## BIBLIOGRAFIA

Bíblia Sagrada. *Nova Bíblia dos Capuchinhos*. Lisboa: Difusora Bíblica, 1998.

### 1. Magistério da Igreja

Concílio Ecuménico Vaticano II. Documentos Conciliares e Pontifícios. “Constituição Dogmática sobre a Santa Igreja *“Lumen Gentium”* (21 de novembro de 1964), consultado em 10 de junho de 2019,

[http://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_const\\_19641121\\_lumen-gentium\\_po.html](http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19641121_lumen-gentium_po.html)

—. Constituição Pastoral sobre a Igreja no mundo atual, *“Gaudium et Spes”*, (28 de outubro de 1965), consultado em 11 de maio, 2019,

[http://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_const\\_19651207\\_gaudium-et-spes\\_po.html](http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_const_19651207_gaudium-et-spes_po.html)

—. Declaração sobre a Educação Cristã *“Gravissimum Educationis”* (28 de outubro de 1965), consultado em 2 de junho de 2019

[http://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_decl\\_19651028\\_gravissimum-educationis\\_po.html](http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decl_19651028_gravissimum-educationis_po.html)

—. Decreto sobre o Apostolado dos Leigos *“Apostolicam Actuositatem”* (28 de outubro de 1965) consultado em 11 de maio de 2019,

[http://www.vatican.va/archive/hist\\_councils/ii\\_vatican\\_council/documents/vat-ii\\_decre\\_19651118\\_apostolicam-actuositatem\\_po.html](http://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decre_19651118_apostolicam-actuositatem_po.html)

Conselho Pontifício para as Comunicações Sociais, Instrução Pastoral *“Aetatis Novae”* sobre as *comunicações sociais* no vigésimo aniversário da *“Communio et Progressio”* (1 de janeiro de 1992), consultado em 2 de junho de 2019,

[http://www.vatican.va/roman\\_curia/pontifical\\_councils/pccs/documents/rc\\_pc\\_pccs\\_doc\\_22021992\\_aetatis\\_po.html](http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/pccs/documents/rc_pc_pccs_doc_22021992_aetatis_po.html)

Conselho Pontifício para a Família. Família, matrimônio e uniões de facto. (26 de julho de 2000) consultado em 15 de julho de 2019,

[http://www.vatican.va/roman\\_curia/pontifical\\_councils/family/documents/rc\\_pc\\_family\\_doc\\_20001109\\_de-facto-unions\\_po.html](http://www.vatican.va/roman_curia/pontifical_councils/family/documents/rc_pc_family_doc_20001109_de-facto-unions_po.html)

- Papa Bento XVI Carta Apostólica sob forma de "*Motu Proprio*" *Porta fidei* com a qual se proclama o Ano da Fé (11 de outubro de 2011), consultado em 12 de maio de 2019, [http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/motu\\_proprio/documents/hf\\_ben-xvi\\_motu-proprio\\_20111011\\_porta-fidei.html](http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/motu_proprio/documents/hf_ben-xvi_motu-proprio_20111011_porta-fidei.html)
- . Carta Encíclica "*Caritas in Veritate*" (29 de junho de 2009), consultado em 30 de Julho de 2019, [http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf\\_ben-xvi\\_enc\\_20090629\\_caritas-in-veritate.html](http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf_ben-xvi_enc_20090629_caritas-in-veritate.html)
- . Carta Encíclica "*Spe salvi*" sobre a Esperança cristã (30 de novembro de 2007) consultado em 2 de junho de 2019, [http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf\\_ben\\_xvi\\_enc\\_20071130\\_spe-salvi.html](http://w2.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/encyclicals/documents/hf_ben_xvi_enc_20071130_spe-salvi.html)
- . "*Pensamentos sobre a Família*", *Discurso* (1),(Cascais Príncipia Editora, 2010)
- . Carta Encíclica "*Laudato Si'*" do Santo Padre Francisco Sobre o Cuidado da Casa Comum" (24 de maio de 2015). Consultado em 23 de janeiro de 2019, [http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papafrancesco\\_20150524\\_enciclica-laudato-si.html](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papafrancesco_20150524_enciclica-laudato-si.html)
- . Carta Encíclica "*Lumen Fidei*" (29 de Junho de 2013),consultado em 2 de junho de 2019, [http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papafrancesco\\_20130629\\_enciclica-lumen-fidei.html](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papafrancesco_20130629_enciclica-lumen-fidei.html)
- . *Catequese* (11 de Fevereiro de 2015): *L'Osservatore Romano* (ed. semanal portuguesa de 12/II/2015).
- . Discurso ao Congresso dos Estados Unidos da América (24 de Setembro de 2015): *L'Osservatore Romano* (ed. Semanal portuguesa de 01/X/2015).
- . Discurso do Papa Francisco na Festa das Famílias, Filadélfia, (26 de setembro de 2015). consultado em 20 de Junho, [http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/september/documents/papa-francesco\\_20150926\\_usa-festa-famiglie.html](http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/september/documents/papa-francesco_20150926_usa-festa-famiglie.html)
- . Exortação Apostólica Pós-Sinodal "*Amoris Laetitia*" (19 de março de 2016). Consultado em 10 de janeiro de 2019, [http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/apost\\_exhortations/documents/papa-francesco\\_esortazione-ap\\_20160319\\_amoris-laetitia.html](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20160319_amoris-laetitia.html).
- . Exortação Apostólica "*Evangelii Gaudium*" (24 de novembro de 2013), consultado em 12 de julho de 2019, [http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/apost\\_exhortations/documents/papa-francesco\\_esortazione-ap\\_20131124\\_evangelii-gaudium.html](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20131124_evangelii-gaudium.html)

- Papa João Paulo II, Carta do Papa às Famílias, (2 fevereiro 1994) consultado em 30 de Julho de 2019 [http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/letters/1994/documents/hf\\_jp-ii\\_let\\_02021994\\_families.html](http://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/letters/1994/documents/hf_jp-ii_let_02021994_families.html)
- . Carta Encíclica “*Evangelium Vitae*” (25 de março de 1995), consultado em 10 de junho de 2019, [http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf\\_jp-iienc\\_25031995\\_evangeliumvitae.html](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-iienc_25031995_evangeliumvitae.html)
- . Carta Encíclica “*Redemptor hominis*” (4 de Março de 1979), consultado em 12 de julho de 2019, [http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf\\_jp-ii\\_enc\\_04031979\\_redemptor-hominis.html](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_04031979_redemptor-hominis.html) ~
- . Carta Encíclica “*Redemptoris Missio*” (7 de dezembro de 1990), consultado em 2 de junho de 2019, [http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf\\_jp-ii\\_enc\\_07121990\\_redemptoris-missio.html](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/encyclicals/documents/hf_jp-ii_enc_07121990_redemptoris-missio.html)
- . Exortação Apostólica “*Familiaris Consortio*” de sua Santidade João Paulo II ao Episcopado ao Clero e aos Fiéis de toda a Igreja Católica sobre a função da Família Cristã no mundo de hoje" (22 de novembro de 1981). Consultado em 11 de março de 2019, [http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost\\_exhortations/documents/hf\\_jp-ii\\_exh\\_19811122\\_familiaris-consortio.html](http://w2.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_19811122_familiaris-consortio.html).
- Papa Paulo VI Exortação Apostólica “*Evangelii Nuntiandi*” a evangelização no mundo contemporâneo, consultado em 2 de julho de 2019, [http://w2.vatican.va/content/paulvi/pt/apost\\_exhortations/documents/hf\\_p-vi\\_exh\\_19751208\\_evangelii-nuntiandi.html](http://w2.vatican.va/content/paulvi/pt/apost_exhortations/documents/hf_p-vi_exh_19751208_evangelii-nuntiandi.html).
- Papa Pio XI Carta Encíclica “*Vigilanti Cura*” sobre o cinema, consultado em 2 de junho de 2019, [http://w2.vatican.va/content/piusxi/pt/encyclicals/documents/hf\\_pxi\\_enc\\_29061936\\_vigilanti-cura.html](http://w2.vatican.va/content/piusxi/pt/encyclicals/documents/hf_pxi_enc_29061936_vigilanti-cura.html)
- Papa Pio XII Carta Encíclica “*Miranda Prorsus*” sobre a cinematografia a rádio e a televisão (de setembro de 1957) consultado em 11 de março de 2019, [http://w2.vatican.va/content/piusxii/pt/encyclicals/documents/hf\\_pxii\\_enc\\_08091957\\_miranda-prorsus.html](http://w2.vatican.va/content/piusxii/pt/encyclicals/documents/hf_pxii_enc_08091957_miranda-prorsus.html)
- Sínodo dos Bispos, XIV Assembleia Geral Ordinária - A vocação e a missão da família na Igreja e no mundo contemporâneo - Relatório final do Sínodo dos Bispos ao Santo Padre Francisco (24 de outubro de 2015), consultado em 12 de julho, 2019, [http://www.vatican.va/roman\\_curia/synod/documents/rc\\_synod\\_doc\\_20151026\\_relazione-finale-xiv-assemblea\\_po.html](http://www.vatican.va/roman_curia/synod/documents/rc_synod_doc_20151026_relazione-finale-xiv-assemblea_po.html)

III Assembleia Geral Extraordinária do Sínodo dos Bispos “*Relatio Synodi*” – “Os desafios pastorais sobre a Família no contexto da Evangelização”. (18 de outubro de 2014), consultado em 12 de julho de 2019, [http://www.vatican.va/roman\\_curia/synod/documents/rc\\_synod\\_doc\\_20141018\\_relatio-synodi-familia\\_po.html](http://www.vatican.va/roman_curia/synod/documents/rc_synod_doc_20141018_relatio-synodi-familia_po.html)

## 2. Bibliografia geral

- Angélico, José Pedro. “O Deus crucificado e a dimensão política do estético.” *Humanística e Teologia* (2011).
- Alarcão, Madalena. *A Família Portuguesa no Século XXI*. Editado por Carla Maia e Otilia Monteiro Fernandes. Lisboa: Parsifal, 2015.
- Alves, Herculano. “A Instituição familiar na Bíblia.” 1993, 1º ed.: 5-32.
- Ariès, Philippe. *História Social da Criança e da Família*. 2ª. Traduzido por Dora Flaksman. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1981.
- Barnouw, Erik. *Tube of Plenty: The Evolution of American Television (1990)*, 10-40. Nova Iorque: Oxford University Press, 1990.
- Bauman, Zygmunt. *A Cultura No Mundo Líquido Moderno*. Traduzido por Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- Bernadet, Jean claude. *O que é cinema*. São Paulo: Editora brasileira, 2001.
- Bourdieu, Pierre “Esboço de uma teoria da prática”, tradução Renato Ortiz .*A Sociologia de Pierre Bourdieu*. (São Paulo: Olho d’Água, 2003).
- Dicionário Editora da Língua Portuguesa 10.ª Edição (Porto Editora: Porto, 2018).
- Domingues, Frei Bento. “Abstrata e chata.” *Publico*, 02 2012.
- Domingues, Frei Bernardo. *Aspetos da família e da educação para o futuro*. 1º edição. (Porto: Metanoia, 2002).
- Duquoc, Christian. “Os Media e o Cristianismo. ‘Só existe aquilo que se dá a ver’”, (Communio, Lisboa, 2007).
- Capucho, Carlos. “A construção da festa eletrónica na visita de Bento XVI a Portugal.” 2011: 95-114.
- Carvalho, José Carlos. *Fundamentos bíblicos da Família cristã*. Editado por Helena Rebelo Pinto e José Manuel Sardica. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2016.

- . “Jesus perante o divórcio e a Família.” 2002: 359-377.
- Castells, Manuel. *A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura- A Sociedade em Rede*. Ed.3º. Vol. I. (Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2007).
- . *A sociedade em rede do Conhecimento à Acção Política*. 1º. Editado por Manuel Castells e Gustavo Cardoso. Lisboa: INCM, 2006.
- . *O poder da identidade*. Traduzido por Klauss Brandini Gerhardt. Vol. 2º. São Paulo: Paz e terra S.A, 1999.
- Conselho Pontifício para a Família. *Família, matrimônio e uniões de facto*. Lisboa: Paulinas Editora, 2000.
- Coutinho, Jorge. “A Família entre o plano de Deus e as condições hodiernas.” 2014.
- Denis, Sebastien. *O Cinema de Animação*. Lisboa: Edições Texto & Grafia, 2010.
- Duque, Eduardo. “Sociedade geradora de vulnerabilidades.” Dezembro de 2017: 447- 452.
- Duque, João. *Textos e Identidades*. Vol. XXXVIII . Lisboa: Theologica, 2003.
- Eliade, Mircea. *Mito e Realidade*. Traduzido por Pola Civelli. São Paulo: Editora Prespectiva, 1972.
- . *O sagrado e o profano*. Traduzido por Rogério Fernandes. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora, 1992.
- Ferreira, José Freitas. “Teologia da Comunicação.” *Didaskalia* 1985: 305-326.
- Flecha, José-Román. *Família – lugar de Evangelização*. Coimbra: Gráfica de Coimbra 2, 2007.
- Galleries nationales du Grand Palais (France); Montreal Museum of Fine Arts. *Once upon a time : Walt Disney, the sources of inspiration for the Disney Studios*. Prestel 2006.
- Gesché, Adolphe. *O Sentido*. São Paulo: Paulinas, 2005.
- Giddens, Anthony. *Sociologia*. 6ª. Traduzido por Alexandra Figueiredo. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008.
- Giussani, Luigi. *Porquê a Igreja*. Lisboa: Verbo, 2004.
- História da Disney. *Arquivos da Walt Disney*. Walt Disney. 1 de janeiro de 2019. <https://d23.com/disney-history/> (consultado a 30 de junho de 2019).
- Pikaza, Xabier. *Guía del amor humano y Cristiano*. Bilbao: Desclée de Brouwer, 2007.
- . *Diccionario de la Biblia. Historia y Palabra*. Estella: Verbo Divino, 2007.
- Johannes Lindworsky. *L'educazione della volontà* . Bréscia: Morcelliana, 1956.
- Kasper, Walter. *O Evangelho da Família* . Prior Velho : Editora Paulinas, 2014.
- Ladaria, Luis. *Introdução à Antropologia Teológica*. Traduzido por Roberto Leal Ferreira. São Paulo: Edições Loyola, 2016.

- Leandro, Maria Engrácia. *Laços familiares e sociais*. 1º edição. (Lisboa: Psicossoma, 2011).
- . *Sociologia da Família nas sociedades contemporâneas*. (Lisboa: Universidade aberta, 2001).
- Leiria, Isabel. “Quando a TV, Tablet e telemóvel se transformam em babysitters.” *Expresso*, Janeiro 2017: 23-23.
- Lima, José da Silva. *A Família cristã na cultura pós-moderna e pós-cristã pp 251*. Porto: Theologica, 2014.
- Lubac, Henry de. *Il Pensiero religioso di padre Teilhard de Chardin*. Milão: Jaca Book, 1983.
- Lurçat, Liliane. *Tempos Cativos: As Crianças TV*. Lisboa: Setenta, 1995.
- Marques, Teresa Paula. “A Família Portuguesa no Século XXI.” Coord Carla Maia e Otilia Monteiro Fernandes. Lisboa: Parsifal, 2015.
- Martínez, Felicísimo. *Teologia da Comunicação*. (São Paulo: Paulinas, 1997).
- Marshall, David Fisher and Jon. *Tube: The Invention of Television*. California: Counterpoint, 1997.
- Mascarello, Fernando. *História do Cinema Mundial*. São Paulo: Papyrus Editora, 2006.
- Mcquail, Dennis. *Teoria da comunicação de massas*. (Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003).
- Mourão, José Augusto. “Comunicação e religião : o fantasma de uma oportunidade.” *Revista Lusófona de Ciência das Religiões* (2002).
- Nietzsche, Friedrich. *Humano, demasiado humano – um livro para espíritos livres*. Traduzido por Paulo César de Souza. Vol. 2º. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- Oliveira, Luís Barros. *Psicologia da Religião*. Coimbra: Livraria Almedina, 2000.
- Osswald, Helena. *A Família Portuguesa no Século XXI*. Editado por coord por Carla Maia e Otilia Monteiro Fernandes. Lisboa: Parsifal, 2015.
- Otto, Rudolf. *O Sagrado*. Lisboa: Edições 70, 1992.
- Peiretti, Anna. *Palavras do Papa Francisco para todas as Idades*. Traduzido por Vasco Gato. Lisboa: Lisboa: Arena, 2018.
- Pikaza, Xavier. *La Família en la Biblia ,Una historia pendiente,*. 1º edição. Navarra: Editorial verbo Divino, 2014.
- Portillo, Lorenzo. *Grande Dicionário Enciclopédico Ediclube*. Vol. VIII. Alfragide: Ediclube, 1996.
- Ribeiro, Maria ““Intervenções educativas, preventivas e terapêuticas” Léxico da Família. *ed. Principia* ( 2010).

- Ricoeur, Paul. *Interpretações e ideologias*. 4ª edição. Traduzido por Hilton Japiassu. (Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves editora SA, 1990).
- Rodrigues, Luís Figueiredo. “Evangelização e novas tecnologias.” 2011: 289-328.
- . *O Digital No Serviço Da Fé. Formar Para Uma Oportunidade*. Lisboa: Universidade Católica Editora, 2016.
- . “A transmissão da fé nos dispositivos digitais.” 2016: 33-41.
- Saraceno, Chiara. *Sociologia da Família*. Lisboa: Editorial Estampa, 1997.
- Sinclair Ferguson, David Wright. *Novo Dicionário de Teologia*. São Paulo: Hagnos, 2011.
- Secretariado Nacional da Educação Cristã. *Programa de Educação Moral e Religiosa Católica*. Lisboa: SNEC, 2014.
- Turner, Graeme. *Cinema como pratica social*. Traduzido por Mauro Silva. São Paulo: Summus Editorial, 1997.
- Varanda, Maria Isabel Pereira. “Animismo, teocracia, democracia. O processo de “desencantamento do mundo” como referencial ambíguo da modernidade.” 2008: 499-517.
- . “Questões sociais do nosso tempo.” Lisboa: Theologica, 2006.
- Vaz, Armindo. *A Bíblia na Vida da Igreja*. Seminário Temático III , Lisboa: Faculdade de Teologia, UCP, 2015-2016.
- Wilde, Oscar. *O retrato de Dorian Gray*. Traduzido por Januário Leite. Lisboa: 11 X 17, 2010.

### **3. Filmografia**

- Brave - Indomável*. Realizado por Mark Andrews, Brenda Chapman Katherine Sarafian. Com Disney- Pixar Animation Studios. 2012.
- A Princesa e o Sapo*. Realizado por Ron Clements, John Musker Peter Del Vecho. Com Walt Disney Animation Studios. 2009.
- A Princesa Sofia, Era uma vez*. Realizado por Jamie Mitchell e Craig Gerber. Com Walt Disney Animation Studios. 2012.
- Elena e o Segredo de Avalor*. Realizado por Jamie Mitchell. Com Walt Disney Animation Studios. 2017.
- Entrelaçados*. Realizado por Walt Disney Animation Studios. Com Walt Disney Animation Studios. 2010.

- Frozen - O Reino do Gelo*. Realizado por Chris Buck, Jennifer Lee, Peter Del Vecho John Lasseter. Com Walt Disney Animation Studios. 2013.
- Vaiana*. Realizado por Osnat Shurer, John Musker, Ron Clements John Lasseter. Com Walt Disney Animation Studios. 2016.
- A Bela e o Monstro*. Realizado por Kirk Wise, Don Hahn e Howard Ashman Gary Trousdale. Com Walt Disney Feature Animation. 1991.
- A Pequena Sereia*. Realizado por John Musker, Howard Ashman Ron Clements. Com Walt Disney Feature Animation. 1989.
- Aladino*. Realizado por Ron Clements e John Musker. Com Walt Disney Feature Animation. 1992.
- Bela Adormecida*. Realizado por Clyde Geronimi. Com Walt Disney Feature Animation. 1959.
- Branca de Neve e os sete Anões*. Realizado por David Hand. Com Walt Disney Feature Animation. 1937.
- Cinderela*. Realizado por Hamilton Luske Wilfred Jackson e Clyde Geronimi. Com Walt Disney Feature Animation. 1950.
- Mulan*. Realizado por Tony Bancroft, Barry Cook Pam Coats. Com Walt Disney Feature Animation. 1998.
- Pocahontas* . Realizado por Mike Gabriel e Eric Goldberg James Pentecost. Com Walt Disney Feature Animation. 1995.

#### **4. Sítiografia**

<http://w2.vatican.va/content/vatican/pt.html>

Agrupamento de escolas Dr. Francisco Sanches, “Projeto Educativo”

[http://www.aefranciscosanches.pt/Prejeto\\_Educativo\\_2019.pdf](http://www.aefranciscosanches.pt/Prejeto_Educativo_2019.pdf). (Consultado a 5 de março, 2019).

Agrupamento de Escolas Dr. Francisco Sanches de Braga. (Consultado a 5 de março, 2019.

[http://www.aefranciscosanches.pt/01\\_Caraterizacao\\_agrupamento2019.pdf](http://www.aefranciscosanches.pt/01_Caraterizacao_agrupamento2019.pdf).

Conto in Dicionário infopédia da Língua Portuguesa [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2019. (consultado a 28 de agosto de 2019)<https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/conto>

Disney Interactive Media Group. <https://disney.pt/filmes>. 24 de agosto de 2009.

<https://disney.pt/filmes> (consultado a 10 de fevereiro de 2019).

- Domingues, Frei Bento. “Abstrata e chata.” *Publico*, 02 2012.- O Público, 5 de fevereiro de 2012. <https://www.publico.pt/2012/02/05/jornal/abstrata-e-chata-23918776> (consultado a 8 de março de 2019)
- Dreyfus, Stéphane. “snp cultura.” *Secretariado Nacional da Pastoral da Cultura*. 28 de novembro de 2017. [https://www.snpcultura.org/a\\_estrela\\_de\\_natal.html](https://www.snpcultura.org/a_estrela_de_natal.html) (consultado a 25 de fevereiro de 2019).
- Evangelização in Dicionário da Língua Portuguesa com Acordo Ortográfico [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2019. (consultado a 15 de junho de 2019) [lmsev.escolavirtual.pt/dictionaries/detail/lingua-portuguesa/evangelizacão](https://lmsev.escolavirtual.pt/dictionaries/detail/lingua-portuguesa/evangelizacão)
- Mediática in Dicionário da Língua Portuguesa com Acordo Ortográfico [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2019. (consultado a 12 de junho de 2019) <https://lmsev.escolavirtual.pt/dictionaries/detail/lingua-portuguesa/mediática>
- Meireles, Alessandra “O que é Literacia Mediática?” *UALMedia - Redação multimédia de Ciências da Comunicação da Universidade Autónoma de Lisboa*, 06 2018. (consultado a 12 de junho de 2019) <https://ualmedia.pt/o-que-e-literacia-mediatica/>
- Mendonça, Bernardo. “Quando as famílias são arco-íris.” *Expresso*, 11 2015.
- Notícias ao minuto. *www.noticiasao minuto.com*. 16 de abril de 2019. <https://www.noticiasao minuto.com/mundo/1235963/o-dia-em-que-victor-hugo-evocou-o-incendio-em-notre-dame-premonicao> (consultado a 12 de junho de 2019).
- Pinto, Andrea. “Notícias ao minuto.” <https://www.noticiasao minuto.com>. 16 de abril de 2019. <https://www.noticiasao minuto.com/mundo/1235876/nas-redes-sociais-foi-quasimodo-que-mais-chorou-por-notre-dame> (consultado a 12 de junho de 2019)
- The Walt Disney Company Limited. <https://www.thewaltdisneycompany.eu>. 2019. <https://www.thewaltdisneycompany.eu> (consultado a 10 de fevereiro de 2019).











• O termo irá sofrer grande influencia e grandes mudanças ao longo dos tempos sobretudo marcados pelas influencia da psicologia, sociologia e filosofia que fizeram com que termo fosse ganhando conotações diferentes.



Num agregado familiar: grupo de pessoas formado pelos progenitores e seus descendentes; linhagem, estirpe; grupo de pessoas unidas pelo vínculo do casamento, afinidade ou adoção; conjunto de pessoas unidas por quaisquer laços de parentesco



### III Anexo

#### Recursos usados na aula 3

Lição n: 16 21/01/2019

**SUMÁRIO:**  
Tipos de famílias.  
Valor e missão da família.





# PRINCESAS DA DISNEY E AS SUAS FAMÍLIAS



# BRANCA DE NEVE E A SUA FAMÍLIA



MONOPARENTAL

# AURORA E A SUA FAMÍLIA



NUCLEAR

# BELA E A SUA FAMÍLIA



MONOPARENTAL

# ELSA E ANNA DE FROZEN E A SUA FAMÍLIA



NUCLEAR

# HELENA DE AVALDR E A SUA FAMÍLIA



ALARGADA





**CONCLUSÃO**

- Independentemente da sua configuração, todas as famílias, começam com um *ERA UMA VEZ* em que por vezes não começam bem, mas podem ter um final feliz.



**O VALOR E MISSÃO DA FAMÍLIA**

AS SUAS PRINCIPAIS FUNÇÕES



## FUNÇÕES DA FAMÍLIA

- Diversão /união



## CONCLUSÃO

- A família é um dos bens mais preciosos que temos.
- E nela todos temos um papel ativo, inclusive para a ajudarmos a melhorar.



## IV Anexo

### Recursos usados na aula 4

Lição n:17 28/01/2019

**SUMÁRIO:**  
Projeto de Deus para a família.  
Comunhão das pessoas que vivem no amor.

# PROJETO DE DEUS PARA A FAMÍLIA

A família é uma comunidade que tem por base a vivencia do amor e o estabelecimento de laços de comunhão entre as pessoas.



- Um amor autentico
- Que deseja o bem do outro.


### PORQUE É IMPORTANTE A FAMÍLIA PARA OS CRISTÃOS ?

- A família é um dom precioso que temos.
- A família faz parte do plano de Deus. Para que todas as pessoas possam nascer e crescer numa comunidade de Amor



### O MATRIMÔNIO

• É um pacto de amor, entre o homem e a mulher.  
Abençoado por Deus para toda a vida. Procurando cuidar um do outro e de toda família

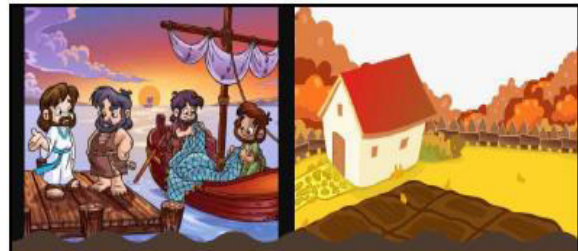


# A FAMÍLIA NO TEMPO DE JESUS



### A FAMÍLIA NO TEMPO DE JESUS.

- A família na Galileia, terra onde Jesus viveu com a sua família durante a sua infância e juventude era o centro de toda a vida social.
- Viviam em comunidade em prol da família



A vida das pessoas nas aldeias organizava-se a partir dos ritmos das atividades agrícolas, das atividades piscatórias, das tradições, dos costumes e das festividades religiosas.



### A VIDA FAMILIAR

O homem era o chefe de família, o responsável religioso e legal da casa. Era seu dever manter a segurança e zelar pelo bem-estar de todos. Tinha a responsabilidade de trabalhar para alimentar, proteger e garantir um abrigo à mulher e aos filhos.



### A VIDA FAMILIAR

À mulher competia realizar os trabalhos domésticos: confeccionava o pão, preparava as refeições, moía a farinha, produzia o queijo, fiava o linho e tratava dos animais, que lhes garantiam a carne, o leite e a lã.



### A VIDA FAMILIAR

Os filhos de tenra idade ficavam em casa com as mães. Conheciam desde cedo os seus deveres para com os pais e era com estes que normalmente aprendiam os ofícios de família.



## A VIDA FAMILIAR

A tipologia familiar que predominava naquele tempo era de uma família alargada.

Numa pequena casa viviam os pais, os filhos, os cônjuges dos filhos e os idosos.

Viviam com poucos bens materiais. O mobiliário das suas casas era escasso; não tinham camas e eram poucos os objetos pessoais.



## A VIDA FAMILIAR

Os jovens constituíam família através do casamento. A escolha da noiva era geralmente feita pelo pai do noivo quando este atingia os dezassete anos de idade.



## A FAMÍLIA DE JESUS

## COMO ERA A FAMÍLIA DE JESUS DE NAZARÉ ?

Maria e José viviam em Nazaré

José pertencia à casa de David e era carpinteiro.

Maria encontrava-se noiva de José quando o anjo Gabriel lhe anunciou que tinha sido escolhida para ser mãe de Jesus. Maria confiou nas palavras do anjo

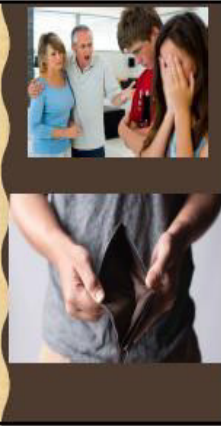


## COMUNHÃO DE PESSOAS QUE VIVEM NO AMOR

O amor e a união entre todos faz uma família melhor



Mas por vezes as famílias  
passam por momentos  
difíceis



**COMO SUPERAM AS  
FAMÍLIAS OS  
PROBLEMAS DO DIA A  
DIA?**

- Conversando
- Perdoando
- Respeitando
- Com amor
- Ajudando nos momentos maus



**O VALOR DO PERDÃO  
E A IMPORTÂNCIA DA  
RECONCILIAÇÃO**

- Aceitar o perdão e saber perdoar é muito importante. Para que todas as famílias possam sobreviver.

**PARTICIPAÇÃO E  
CORRESPONSABILIDADE  
DE TODOS NA VIDA EM  
FAMÍLIA**

- Em família todos temos uma função, um papel ativo.
- Todos podemos ajudar a melhorar as vivências da nossa família.
- Saber valorizar, ajudar e estimar a nossa família é uma dos nossos deveres.



**OS VALORES DA VIDA EM FAMÍLIA**

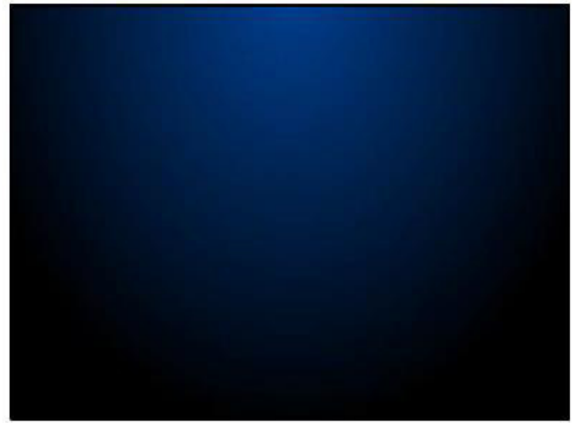
A família tem por base o amor e os laços de comunhão.

O amor visa, gratuitamente, o bem do outro. É preciso cuidar o amor para que ele cresça.



## TAREFAS FAMILIARES

Viver em Harmonia familiar, implica a contribuição de todos para o bem comum. Na familiar, é preciso cooperar nas tarefas domésticas. Quando ajudamos, estamos a dar mais tempo à familiar para estar junta.



## V Anexo

### Recursos usados na aula 5

Lição n:18 04/02/2019

**SUMÁRIO**


Participação de todos na vida em família.  
A importância e o lugar dos mais velhos .

**COMUNHÃO DE  
PESSOAS QUE  
VIVEM NO AMOR**

O amor e a união entre todos faz  
uma família melhor




Mas por vezes as famílias  
passam por momentos  
difíceis.



**COMO SUPERAM AS  
FAMÍLIAS OS  
PROBLEMAS DO DIA  
A DIA?**

- Conversando
- Perdoando
- Respeitando
- Com amor
- Ajudando nos momentos maus

**Desculpa**



**O VALOR DO PERDÃO E  
A IMPORTÂNCIA DA  
RECONCILIAÇÃO**

Aceitar o perdão e  
saber perdoar é  
muito importante.  
Para que todas as  
famílias possam  
sobreviver.

## **PARTICIPAÇÃO E CORRESPONSABILIDADE DE TODOS NA VIDA EM FAMÍLIA**

- Em família todos temos uma função, um papel ativo.
- Todos podemos ajudar a melhorar as vivências da nossa família.
- Saber valorizar, ajudar e estimar a nossa família é uma dos nossos deveres.



## **TAREFAS FAMILIARES**

Em família , é preciso cooperar nas tarefas domésticas. Quando ajudamos, estamos a dar mais tempo à familiar para estar junta.



## **TAREFAS FAMILIARES**

Viver em Harmonia familiar, implica a contribuição de todos para o bem comum.



## **A IMPORTÂNCIA E O LUGAR DOS MAIS VELHOS NAS FAMÍLIAS**

## A IMPORTÂNCIA E O LUGAR DOS MAIS VELHOS NAS FAMÍLIAS.

A velhice é o topo de uma vida.  
O ser humano é um ser em evolução que vai adquirindo experiências.



## A IMPORTÂNCIA E O LUGAR DOS MAIS VELHOS NAS FAMÍLIAS

Os idosos possuem, muitas vivências muita sabedoria, cultura e valores.  
Os avós são um grande auxílio nos afetos, carinho e na formação dos netos.



## A IMPORTÂNCIA E O LUGAR DOS MAIS VELHOS NAS FAMÍLIAS

O convívio com os mais velhos é receber a transmissão de uma história, tradição e cultura.



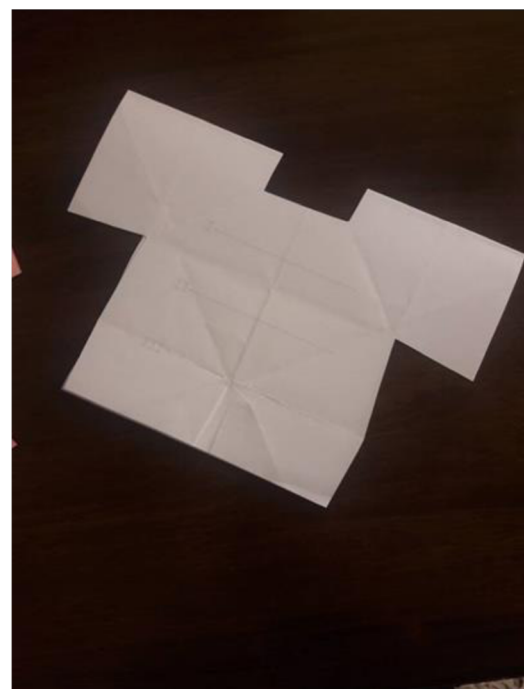
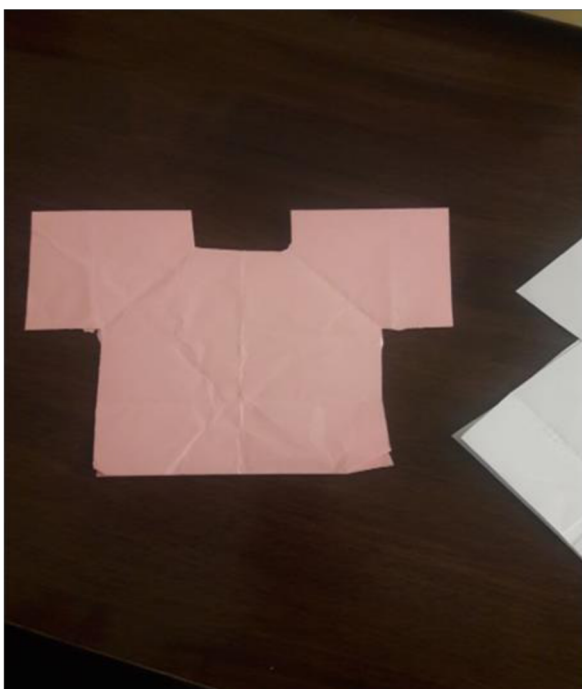
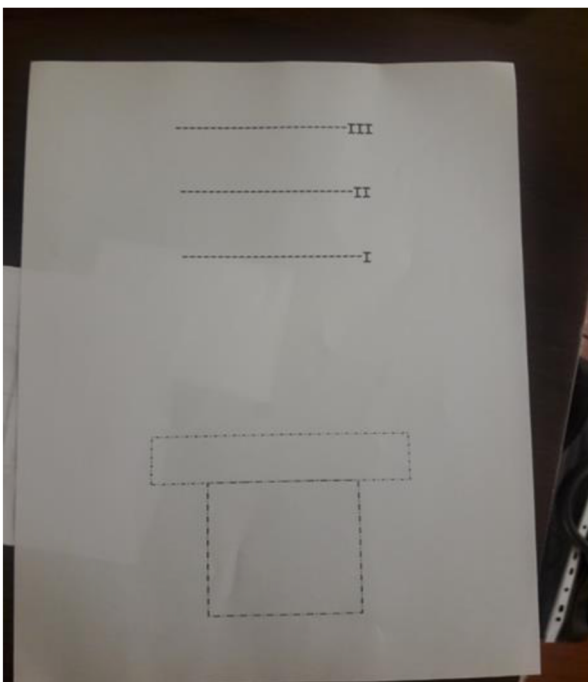
## OS VALORES DA VIDA EM FAMÍLIA

A família tem por base o amor e os laços de comunhão.  
O amor visa, gratuitamente, o bem do outro. É preciso cuidar o amor para que ele cresça.



## VI Anexo

Dinâmica do barco e da camisola usado na 5ª aula.



## VII Anexo

### Recursos usados na aula 6

Lição n:19 11/02/2019


**SUMÁRIO**

O lugar dos mais velhos nas famílias.  
Jogo da família .

**O LUGAR DOS MAIS  
VELHOS NAS  
FAMÍLIAS**

**O LUGAR DOS MAIS VELHOS NAS  
FAMÍLIAS**

Os idosos possuem, muitas vivencias muita sabedoria, cultura e valores.  
Os avós são um grande auxílio nos afetos, carinho e na formação dos netos.




**O LUGAR DOS MAIS VELHOS NAS  
FAMÍLIAS**

O convívio com os mais velhos é receber a transmissão de uma história, tradição e cultura.




A família tem por base o amor e os laços de comunhão.



**OS VALORES DA VIDA EM FAMÍLIA**

O amor visa, gratuitamente, o bem do outro. É preciso cuidar o amor para que ele cresça.



## VIII Anexo

Jogo da Família elaborado exclusivamente para a avaliação



3- A palavra provém do termo?

- A) famulus V
- B) fama
- C) famili
- D) familus

Se acertaste parabéns



2- Qual a origem da palavra Família?

- A) De origem africana
- B) De origem latina V
- C) De origem americana
- D) De origem asiática

Se acertaste parabéns



1- A unidade letiva que estudamos chama-se?

- A) A família comunidade de egoísmo
- B) A família comunidade de amor V
- C) A família e os afetos
- D) A família e os idosos

Se acertaste parabéns



# JOGO DA FAMÍLIA

O Jogo da família foi um jogo criado no âmbito do PVE e aplicado no agrupamento de escolas Francisco Sanches na lecionação da unidade letiva 3 a família comunidade de amor do 5ºano do 2ºciclo de EMRC.

Embora sendo um jogo, é de fácil uso e manuseamento pelos alunos. Pretende ser um recurso de aprendizagem com finalidades educativas, no dever ser, estar e agir, levando os alunos a pensar em casos concretos e como aplicá-los no dia a dia.

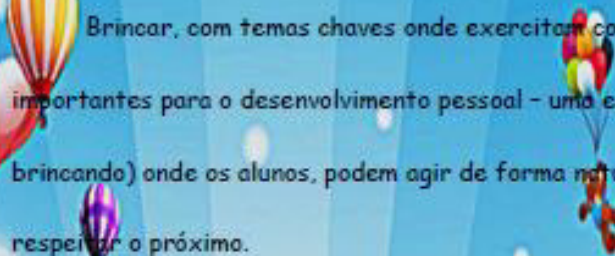
Este tipo de jogos são o exemplo de como por vezes de uma forma menos formal se podem aprofundar temas delicados. Podemos através de dinâmicas sensibilizar os alunos para problemas ou realidades menos positivas de uma forma descontraída.

Esta ferramenta de ensino deve ser aplicada numa fase em que os alunos já dominem ou estejam familiarizados com os temas.

Uma boa altura para ser aplicado, pode ser, a aula final dedicada à unidade letiva a fim de se verificar como foram aprendidos os conteúdos.

Ao abordar a questão da família, pretende-se promover a inclusão e a responsabilidade dos alunos na sua convivência em família. A família é célula básica da sociedade, o espaço onde se aprende a conviver na diferença e a pertencer aos outros”

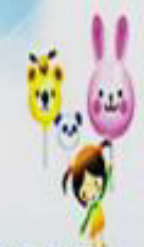
Servir de estímulo, na adoção de comportamentos saudáveis e responsáveis em família.



Brincar, com temas-chaves onde exercitam competências sociais e intelectuais muito importantes para o desenvolvimento pessoal – uma espécie de *Aprendericando* (aprendendo brincando) onde os alunos, podem agir de forma natural, mas aprendendo a respeitar regras e a respeitar o próximo.


A combinação de etapas com cartas, contendo questões práticas, serve para conduzir o aluno à reflexão/ aprendizagem dos temas e situações propostas em cada desafio, que vai avançando no jogo.

Podendo ser aplicado em sala de aula de duas formas:



1º Através de um tabuleiro, criado em cartolina, de preferência de tamanho superior a A3 na qual o professor deve reunir o número de peças necessários ao número de alunos.

2º Através de um quadro magnético, onde o professor deve projetar a imagem, neste quadro, e levar um conjunto de ímãs coloridos, com números ou de formas e identificando cada aluno com o seu



Não existe número máximo de alunos, embora tenha que imperar o bom senso do professor, pois uma turma demasiado grande pode fazer com que o jogo se torne mais demorado. Como sugestão, em casos de turmas grandes, adicionar mais um dado.

O jogo possui uma forte componente de aprendizagem, pois através da repetição das questões e a medida que os colegas respondem, corretamente ou não, a restante turma vai também aprendendo.



# Regras do jogo da família

1. O jogo da amizade é um jogo de tabuleiro e não tem número máximo de alunos.
2. É composto por 1 tabuleiro, 48 cartas e 1 ou 2 dados.
3. As regras são simples e o *objetivo do jogo* é completar o percurso em primeiro lugar.
4. Todos partem da casa número 1 e ganha quem chegar primeiro à casa 35.
5. O responsável pelo jogo ajuda a escolher a ordem que o jogo vai ter, de forma a não existirem injustiças. Que podem ser o critério da idade ou de ordem alfabética, a ordem de lançamento de dados deve ser mantida.
6. Após o início do jogo, vai-se avançando de forma ordeira; à medida que os alunos vão avançando, no jogo vão calhando em casas, referidas como desafio pelo sinal
7. As cartas desafio devem estar voltadas para baixo, são retiradas por ordem e lidas em voz alta por um aluno aleatoriamente
8. Apenas pode responder, o aluno que calhou na casa desafio.
9. Os alunos dispõem, apenas de uma tentativa de resposta.
10. Se porventura, os alunos não respeitarem e tentarem responder, ficam 1 vez sem jogar.
11. As cartas de desafio  consistem, numa pequena questão, sobre o tema da amizade, que após resposta  correta, pode avançar no jogo; caso falhe recua novamente a casa onde estava.
12. Durante o jogo existem algumas casas consideradas de sorte ou azar  
Que são o exemplo da casa 16 a cobra  que obriga o aluno a voltar à casa número 3  
Que são o exemplo da casa 26 a cobra  que obriga o aluno a voltar à casa número 19  
E a casa 5  do coração como sinal de bondade permitem ao aluno jogar outra vez.  
E a casa 20  do coração como sinal de bondade permitem ao aluno jogar outra vez.  
E no caso da casa 19  do Trevo permitem ao aluno avançar até à casa 19.  
E no caso da casa 30  do Trevo permitem ao aluno avançar até à casa 30.
13. Após toda a dinâmica de aprendizagem e emoção do jogo, ganha quem chegar primeiro à casa número 35.



## IX Anexo

Atividade do núcleo de estágio

**Dê Sangue**

**XXXI CAMPANHA DE DÁDIVA DE SANGUE**

Inscrições: na página do Agrupamento [www.aefranciscosanches.pt](http://www.aefranciscosanches.pt)

Exposição de trabalhos escolares no Parque da Ponte  
Dias: 4 e 5 de maio (sábado e domingo)  
Horário: 10.00h às 12.30h e das 14.00h às 17.00h

**3 maio 2019**  
9,00h às 12,30h

**Parque da Ponte de S. João**

IP\*ST, Sporting Clube de Braga, bogalho, BRACA, aefcs - Agrupamento de Escolas Dr. Francisco Sanches

Pormenor de gradeamento do Estádio 1º de Maio

